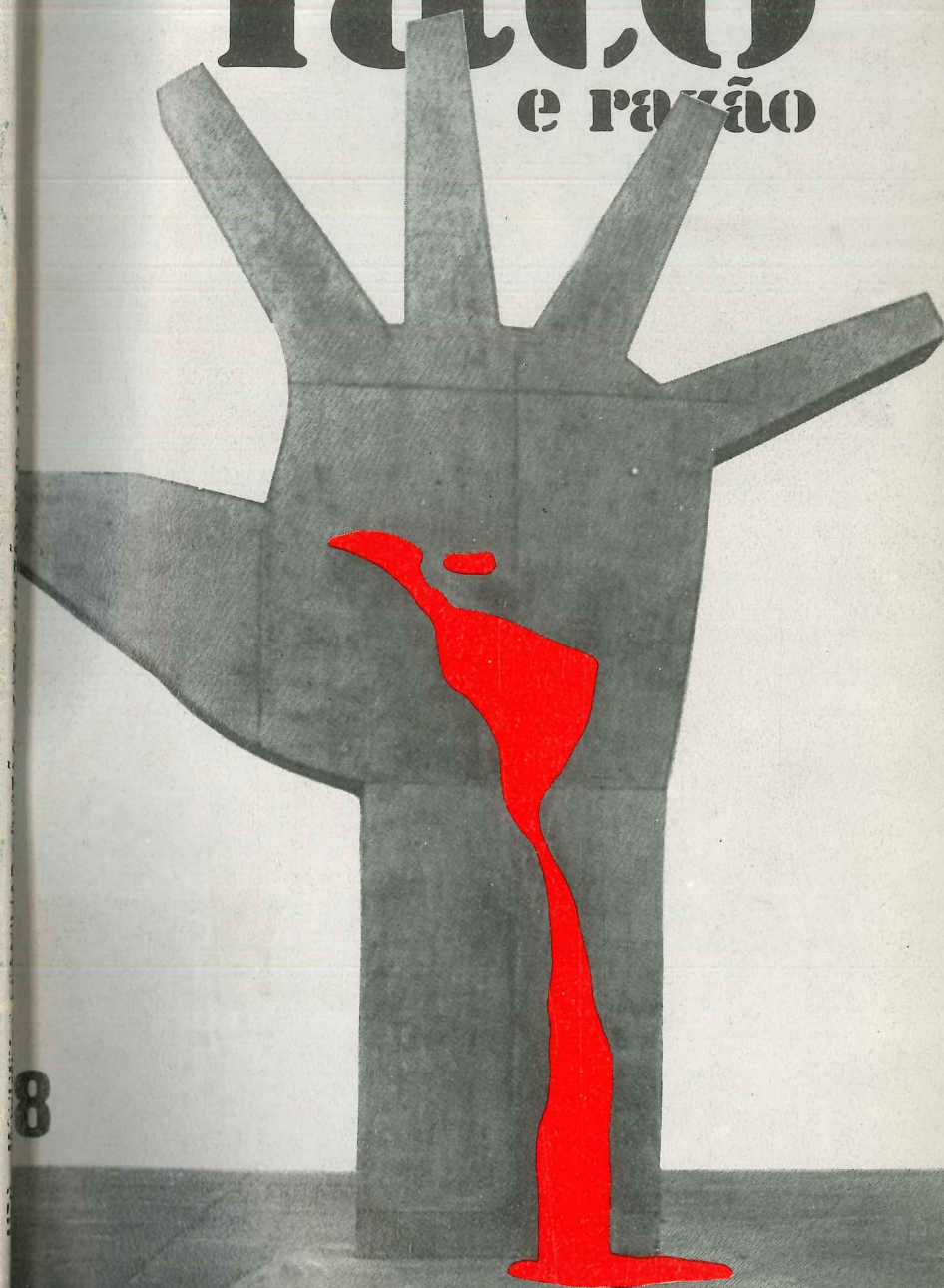
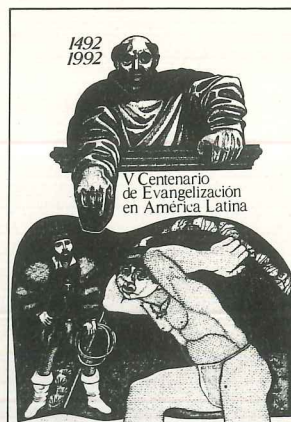


“Outros 500” nesses 500 anos
de evangelização
Evangelização
As raízes do nosso conflito
Satyagraha
Missão dos cristãos leigos no mundo
O que estão fazendo com as crianças?
Que futuro teria ainda o socialismo?
O drama da seca no Nordeste
A paróquia ainda responde
à realidade de hoje?
Do barro ou do macaco?
“A vida aqui não vale nada!”
Proposta
Pegadas de um leão
Carnaval: entre a libertação e a alienação
Matrimônio é sacramento?
O fio primordial
Por que paraliturgias?
Resposta à interpelação de Deus
Visão simbólico-sacramental da sexualidade
Paraliturgia para a celebração
de um casamento
Os jovens no MFC
“Por que tanto pobre?”
Podemos ser “inocentes úteis”

fiato

e razão





Recado ao leitor

Este número da sua revista está densamente centrado na temática da evangelização.

Ao comemorar 500 anos de presença e atuação na América, e às vésperas do Terceiro Milênio, a Igreja se propõe rever sua prática evangelizadora neste continente.

Essa preocupação envolve os movimentos de leigos. Por isso mesmo, as expressões **nova evangelização** e **verdadeira evangelização** aparecem nos enunciados dos temas do XI Encontro Latino-Americano, de Salvador, Bahia, e do XI Encontro Nacional do MFC do Brasil.

Você encontrará na revista, caro leitor, análises e indicações de caminhos para uma correta revisão e reformulação de nossas práticas, como parcela do Povo de Deus. E como a nossa missão é evangelizar um povo sofrido, empobrecido, no limite da desesperança, selecionamos para este número várias matérias sobre a dura realidade que oprime a maioria das famílias, em nosso país e na América Latina.

Esse sacrificado continente figura, em nossa capa, em forma de ferida sangrenta na mão espalmada, desenhada, em concreto armado, por Oscar Niemeyer.

Outras matérias de formação teológica, sobre casamento, família, leigos, jovens e movimentos, você encontrará, como sempre, nesta revista feita para você, amigo leitor.

S. & H.A

fato

e razão

18

SUMÁRIO

Edição Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional
 Marco e Inês Gomes
 Amauri e Ana Lúcia Soares
 Ivan e Ivone Rodrigues
 Manoel Arcanjo e Graça Souza
 Hélio e Selma Amorim
 Manoel e Cidália Rocha
 Adeline e Zurita Souza
 Antonio Carlos e Ângela Aguiar

Equipe de Editoria
 José e Beatriz Reis
 Hélio e Selma Amorim

Composição e Impressão
 Maio Gráfica Editora Ltda.
 Rua Sete de Setembro, 92 s/1107
 Tels.: (021) 221-8515
 Rio de Janeiro-RJ

Distribuição e Correspondência
 José e Ione de Assis
 Livraria MFC
 Rua Espírito Santo, 1059/1109
 Tel.: (031) 222-5842
 30 160 Belo Horizonte - MG

Capa
 Monumento criado por Oscar Niemeyer para o Memorial da América Latina, em São Paulo.



Edição especial para o XI Encontro Latino-Americano do MFC, Salvador, BA - 1991.

"Outros 500", nesses 500 anos de evangelização	2
Evangelização	6
O fio primordial	8
O XI Encontro Latino-Americano	11
As raízes do nosso conflito	12
O drama da seca	17
Satyagraha	18
A paróquia ainda responde à realidade atual	20
Do barro ou do macaco?	24
"A vida aqui não vale nada"	28
Missão dos cristãos leigos no mundo ...	30
Pegadas de um leão	36
O que estão fazendo com as crianças ...	38
Carnaval: libertação ou alienação	40
Proposta	42
Matrimônio é sacramento?	46
Que futuro teria ainda o socialismo	52
Por que paraliturgias?	57
Resposta à interpelação de Deus	58
Visão simbólico-sacramental da sexualidade	63
Paraliturgia para a celebração de um casamento	65
Podemos ser "inocentes úteis"	76
Os jovens no MFC	77
"Por que tanto pobre?"	78
Reunião sem temário	80

O tema da Evangelização, trabalhado na XI ELA, é matéria dos principais artigos deste número de Fato e Razão, tendo como motivação e inspiração, a reflexão da Igreja sobre os 500 anos de anúncio do Evangelho na América Latina.

“Outros 500” nesses 500 anos de evangelização

Os teólogos da libertação e os historiadores “outros” de nossa história – política ou eclesiástica – vêm nos ajudando a ler a realidade, a história e Deus nelas, “pelo avesso”, “pelo reverso”; do lado esquecido ou proibido sistematicamente; a partir dos pobres da Terra; do ponto de vista e do próprio coração do Deus dos pobres, em última e mais segura instância.

Esses **500 anos de evangelização da América Latina**, que já estamos celebrando ou condenando, que vêm sendo – na sociedade e na Igreja, das Américas e da Europa – programação festiva ou polêmica ou cobrança, talvez sejam mesmo “outros 500”, se vistos com o realismo da crítica histórica e à luz do Evangelho universal. (O Evangelho não coincide com a “civilização ocidental cristã”!)

Certamente não se pode falar em “evangelização da América Latina” sem se falar na devastadora “conquista” e na continuada “colonização” – também cultural, também religiosa – do continente.

Não é “leyenda negra” nem “vermelha”, reconhecer a verdade e confessá-la.

Nessa sincera confissão estão em jogo a credibilidade da Igreja e o próprio Evangelho de Jesus.

A América não está mais disposta a aceitar o autopanegírico dos depredadores. Nenhum latino-americano consciente aceitaria o panfleto turístico da “Varig-Cruzeiro”, por ocasião do ambíguo “dia da hispanidade”:

*“Semente de um novo mundo,
guardado pelo destino no coração da
Europa.”*

D. Pedro Casaldaliga

*Terra unificada pelo amor a Deus
e pela hispanidade pulsante no sangue
dos desbravadores,
que perpetuaram nas Américas a fé e a
força do povo espanhol.”*

Que “coração da Europa”?, que “unificação”?, que “amor de Deus”? e que “Deus”? se perguntam os sobreviventes...

O papa João Paulo II, em sua viagem ao Peru, recebeu uma carta aberta assinada pelo “Movimiento Indio Kollasuyo”, pelo “Partido Indio” e pelo “Movimiento Indio Tupac Katari”. Entre outras graves coisas, o documento diz:

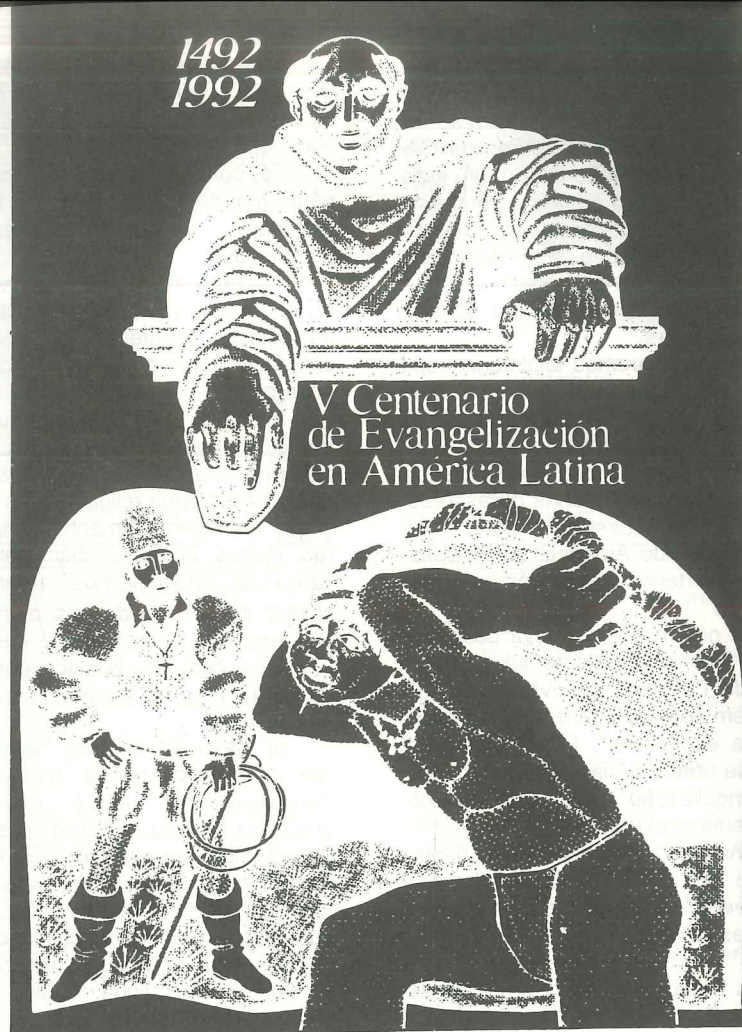
*“Nós, índios dos Andes e da América,
decidimos aproveitar a visita de
João Paulo II para devolver-lhe a Bíblia,
porque, em cinco séculos, não nos deram
nem amor, nem paz, nem justiça.”*

*Por favor, tome de novo a sua Bíblia
e a devolva aos nossos opressores,
porque eles necessitam dos seus
preceitos morais, mais do que nós.
Porque desde a chegada de Cristóvão
Colombo, se impôs à América, pela força,
uma cultura, uma língua, uma religião
e valores, próprios da Europa.”*

*A Bíblia nos chegou como parte da
mudança colonial imposta. Ela foi a arma
ideológica desse assalto colonialista.
A espada espanhola, que de dia atacava
e assassinava o corpo dos índios,
à noite se convertia na cruz, que atacava
a alma índia.”*

E a carta termina perguntando ao papa: “A quem vem você visitar e bendizer agora: ao opressor estrangeiro que tira proveito do sofrimento dos outros ou a quem sofre, ao originário povo oprimido?”

Essas iradas cobranças e per-



guntas são inquestionavelmente válidas e exigem resposta e reparação. Para bem de todos; da América Latina e da Europa; da sociedade e da Igreja. Esquecer o passado, que sempre faz – em certa medida – o presente, é regar um futuro melhor.

O comandante sandinista Tomás Borge, numa palestra proferida em Barcelona a 19 de setembro de 1983, perguntava também: “Los europeos han descubierto América?”

Pois não se trata apenas de tropeçar com umas praias, mas de se encontrar com uns povos humanos.

“Europa”, explicava Borge, “disse, sem admitir réplica, que o ser humano é, em essência, branco, ocidental, masculino e burguês. América Latina diz agora – com certa timidez, ainda – que o ser humano, em essência, é também, e em relação de igualdade, negro, amarelo, mestiço, mulher, operário, camponês, africano, latino-americano e asiático.”

“Índigena ou aborígene” ou “Kechua” ou “Guarani” ou “Yanomami” ou “Tapirapé”, acrescentariam os ameríndios.

Na celebração do décimo aniversário

sário do martírio do padre João Bosco Penido Burnier, missionário de índios e sertanejos e na solene dedicação de nosso "Santuário dos Mártires da Caminhada", em Ribeirão Bonito, um índio Bororo estremeceu a multidão presente com esta constatação: "Vocês dizem que o Brasil não pode pagar sua dívida externa. Muito menos poderá jamais o Brasil pagar a dívida que tem com os povos indígenas."

Nunca pagaremos totalmente essa dívida. Entretanto, devemos fazer tudo para reduzi-la ao mais possível. Para que não seja blasfemado o nome do Deus libertador, por causa de seus antigos ou novos emissários opressores. Para que os sucessivos impérios, que vêm subjugando América, sejam substituídos libertadoramente pela chegada do Reino.

Em ordem a essa nova postura o próprio João Paulo II promulgou o desafio de "uma nova evangelização": "nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão". (Já Medellín, em sua fase preparatória, falara dessa "nova evangelização", que a América Latina reclama com urgência).

Uma "nova" evangelização, depois de uma "velha" evangelização; frente a ela, talvez; "contra ela", em certa medida. "Desevangelizar" o "mal-evangelizado".

Os "novos métodos" e a "expressão nova" exigirão necessariamente a revisão dos métodos velhos e um sério esforço de inculturação, de realismo sócio-político, de encarnação na hora e no lugar, nas dores, nas lutas, nas esperanças, nos processos dos povos todos desta pátria grande.

Somente será "nova" essa evangelização que o continente exige e, antes, exige o mesmo Evangelho, na medida em que for "nossa". Importar ou exportar cultura ou civilização não é anunciar o Evangelho, supracultural e universalmente encarnador.

Pistas, gestos, requisitos, os conhecemos. Deveríamos assumi-los, da maneira mais oficial possível, dentro da Igreja.

Nem todos os irmãos de fé pensam o que a gente pensa, é claro. Cada qual viva o que sinceramente pensa com conseqüente sinceridade.

Eu, com apaixonada convicção – a pátria grande, o Evangelho e o Reino a merecem! – vou sugerindo meu modo de entender:

1) Devemos estudar e divulgar a história real – que não é pré-história – e as culturas existentes no continente americano antes do mal chamado "descobrimento".

2) Devemos ler, com ecumênico respeito, a carga ético-religiosa dessas culturas; seus mitos, expressões ricas e válidas da própria religião; suas legislações, tão exemplarmente socializadoras, muitas vezes; também seus conflitos e até "imperialismos" anteriores a nossos impérios ocidentais; a unidade e a diversidade dos povos do continente – raízes comuns, ramificações múltiplas; nunca uma massa anônima de "índios"!

3) Reconhecer os "interesses" que motivam de fato a "aventura" do "descobrimento" (essa multiplicada presença da palavra "ouro" nos textos de Colombo, por exemplo). Os imperialismos, os mercantilismos, o etnocentrismo, a miopia geográfica-étnico-cultural-religiosa: da época da conquista e dos posteriores 500 anos; até nosso dia de hoje, mfope ainda, política e eclesiasticamente.

4) Confessar, em espírito de quaresma histórica, a omissão e a conivência da Igreja na conquista, na dominação, na colonização continuada e na marginalização de nossos povos ameríndio e negro. Confessar abertamente nossa culpa "cristã". Os 500 anos são "o tempo oportuno" dessa confissão – e conversão também – em ordem a uma nova credibilidade da Igreja, do Evangelho, do Deus de Jesus Cristo.

5) Celebrar as minorias proféticas, cuja voz e cujo sangue não foram atendidos (Bartolomé de las Casas, Antônio Valdivieso...). Recuperar a "nova" teologia que eles representam para uma Igreja "nova", "nossa", no continente. A

continuidade desse testemunho, hoje, a partir de Medellín bem mais explícito e mais comunitário.

6) Celebrar também o martírio coletivo dos povos indígenas e do povo negro: os muitos outros mártires que nós fizemos, em nome de um Deus imposto e utilizado. (A "Missa da Terra sem Males" e a "Missa dos Quilombos", que espantam ainda certos irmãos da cúria, continuam a ter demasiada razão!).

7) Porque devemos confessar também a romanização posterior, nos diferentes países da América; as novas colonizações espirituais: das devoções modernas até os movimentos não-conservadores; sempre deixando de lado a alma indígena e afra do continente. Essa impenitente falta de inculturação da Igreja, de sua liturgia, de seu direito. A resistência oficial à Teologia da Libertação, à Bíblia nas mãos do povo, às comunidades eclesiais de base, às conferências episcopais comprometidas com a realidade...

8) Potenciar – com novos conhecimentos históricos e numa nova valorização, mais antropológica, mais ecumênica, mais "católica" – o autodescobrimento dos grandes livros, dos lugares sagrados, das figuras-tipo, dos símbolos maiores, que conformam o continente como ameríndio, mestiço e crioulo.

Também os grandes conflitos precursores; nossos santos – de Las Casas e Romero, de Juan Diego e Santo Dias –, nossos santuários e as velhas romarias renovadas; a religião popular.

E ainda as grandes obras literárias, a pintura, a música, a cultura inteira da pátria grande, ela, diferente, única.

9) Descobrir, celebrar e estimular a perseverante resistência – por vezes anônima – das massas populares do continente ao longo desses 500 anos, em suas lutas, com suas expressões alternativas de vida e de organização.

O enfoque desse autodescobrimento e dessa celebração outra e da retomada de compromisso, por ocasião dos 500 anos, deverá ser:



● **Continental**, porque somos uma unidade de martírio e de destino, de resistência e de utopia libertadora.

● **Religioso**, porque sempre foi e é profundamente religioso o povo de nossa América (com suas potencialidades e suas ambigüidades, nessa religiosidade exuberante).

● **Martírio e de esperança**. Pascal, mais corretamente.

● **De contestação e alternativa**, frente ao capitalismo, ao consumismo, ao ocidentalismo etnocentrista e colonizador.

● **A partir dos pobres**, unidos e organizados, nas reivindicações próprias e complementares da etnia/cultura, da classe, do sexo, da idade; do índio, o negro, a mulher, o menor, o lavrador, o operário... Todos eles pobres, empobrecidos, marginalizados.

● **De solidariedade com todo o Terceiro Mundo**.

● Negando-se, então, a pseudo-democracia, à dívida externa, à involução centralizadora da Igreja, às renovadas oligarquias, a todo tipo de ditadura e de intervenção imperialista.

● Na linha de teologia, da espiritualidade e da cultura da libertação.

● Convidando – com a palavra e com a vida – o Primeiro Mundo e a Primeira Igreja à respectiva conversão jubilar.

O ano 2000, que o papa e a Igreja preconizam como a alvorada de uma nova evangelização mundial, entre nós, passa necessariamente por esses outros 500 anos.

D. Pedro Casaldaliga é bispo de São Félix do Araguaia (MT), na Amazônia brasileira.

Evangelização

Mons. Victor Corral
Bispo de Cuenca – Equador

A tarefa de evangelizar é a de anunciar a Boa Notícia, com a palavra e a vida, e cujo objetivo é construir o Reino de Deus.

Como processo, tem um princípio: a realidade; uma finalidade: o Reino de Deus; e um caminho: o trabalho de evangelização.

Como princípio, deve partir da realidade, mas de uma realidade muito concreta. No nosso caso, a realidade da família latino-americana.

A evangelização, para ser mais efetiva, deve acontecer dentro da cultura e do meio social. Sendo, como pede o Concílio, o trabalhador, o evangelizador do trabalhador; o jovem, o evangelizador do jovem; a família, a evangelizadora da família.

A observação da realidade, para ser igualmente efetiva, deve ser objetiva, concreta e abrangente. Não é observar a realidade da minha família, mas sim a da família que se pretende evangelizar.

Esta observação também tem que ter um foco adequado para a evangelização, tem que ser uma observação pastoral da realidade. O Senhor nos mostra esta perspectiva: ver a realidade com fé, e a partir da situação e perspectiva dos mais pequenos, dos mais fracos, dos desfavorecidos da sociedade.

Da mesma forma, seguindo o exemplo do Senhor, a observação deve ser livre de temores, sem deixar de lado as realidades e fatos dolorosos, evitando-se a tentação de só ver o que se quer ver.

Na medida em que se observa a realidade total, se poderá anunciar a Boa Notícia e denunciar o mal.

O ponto de chegada é o Reino de Deus, Reino que deve começar a ma-

nifestar-se na nossa história, em forma de uma sociedade justa, morada do homem novo, sem ódios e injustiças, onde a verdade, a alegria, a vida e a paz tenham vencido a mentira, a tristeza, a morte e a violência.

O caminho a seguir é o Evangelho, com os pés na realidade em contínua transformação; este Evangelho, encarnado em uma Igreja viva, atuante, com seguidores e discípulos comprometidos que sejam testemunho vivo e visível da fé; organizados em comunidades de diversos tipos, sejam comunidades de base, de famílias, de camponeses, etc.

Essas pequenas comunidades cristãs, testemunho visível de fé, serão instâncias de oração, celebração e solidariedade.

Esta Igreja não é para si mesma, não é um fim mas um meio, um agente de conversão e mudança. Tem que ser sacramento de salvação do mundo, em permanente evolução. Assim sendo, não pode considerar que chegou ao final de sua caminhada. Sempre terá que procurar, mais adiante... o Reino, até que chegue à sua plenitude, junto ao Pai.

Os cristãos comprometidos devem estar presentes nas instâncias políticas, econômicas, educacionais, para, com critérios do Evangelho, ir transformando as estruturas injustas, e fazer que a sociedade seja mais justa e humana.

Dentro deste processo evangelizador, a Pastoral Familiar é um ponto de apoio básico, sendo formadora de pessoas e famílias comprometidas com as tarefas que lhes cabem, na Igreja e na sociedade.

O processo evangelizador da Igreja parte da conversão pessoal e leva à mudança social e à transformação



das estruturas de pecado.

Nada disto se pode entender se não há fé – mas a fé que nos propõe Jesus:

- encontro pessoal com Cristo;
- conversão;
- compromisso com a sua causa:

o Reino do Pai.

É uma espiritualidade baseada em:

- opção preferencial pelos pobres;
- busca da justiça;
- prática da solidariedade com os mais empobrecidos da sociedade.

Os movimentos familiares estão chamados, por Jesus, a exercer um

papel muito importante, nesta caminhada.

Há desafios, hoje. Um dos principais é conhecer, aceitar e comprometer-se com a realidade da família, tal como existe na América Latina, para transformá-la e fazê-la mais semelhante ao projeto salvífico de Deus. A família cristã do nosso continente tem que viver e refletir os valores do Reino: amor, justiça, paz, verdade, liberdade e alegria, que queremos e buscamos para todo o povo da América Latina e do mundo.

O fio primordial

Mons. Tihamer Toth
Bispo Húngaro

Agosto estava terminando morno tinha chovido na última semana e, com o chorar das nuvens, o céu ficou claro, Ao chegar setembro, acontece que o vento sopra suavemente e assim que seu sopro vai aquecendo, devolve ao céu toda a sua cor azul e sua luminosidade.

Naquela tarde, a passagem entre os meses de agosto e setembro, o céu azul se viu povoado por pequenas partículas voadoras que as crianças chamam Baba do Diabo. De onde vinham? Para onde iam? Penso que vinham do território dos contos, e avançaram para a terra dos homens.

E numa dessas partículas, finas e misteriosas como todo nascimento, vinha navegando uma aranha. Pequena: puro futuro e instinto.

Voando tão alto, a pequena aranha via muito abaixo os campos verdes recém plantados e bem alinhados. Tudo parecia quase uma ilusão, um sonho para a imaginação. Nada era preciso. Tudo permitia adivinhar melhor que conhecer.

Porém pouco a pouco a nave do inseto foi descendo para a terra dos homens. Começaram a aparecer mais claras as coisas e menos o horizonte. As casas eram quase casas, e as frutíferas podiam distinguir-se pela floração e as outras árvores pela sua frondosidade.

Quando as partículas flutuantes chegaram e descer até o topo das grandes árvores, nosso inseto se sobressaltou. Porque a enorme massa dos eucaliptos começou a pousar misteriosamente e ameaçadora ao seu lado como cinzentos blocos de gelos de um mar desconhecido.

E repentinamente: Tá!

Um sacolejo comoveu o vô e a deteve. Que havia passado? Simples-

mente a nave havia encailhado numa rama de uma árvore e as ondas do vento a faziam flamejar, fixas no mesmo lugar.

Passado o primeiro susto, a pequena aranha, não sei se por instinto ou por uma ordem misteriosa e ancestral, começou a correr pela terra. Sua aterrisagem não foi uma queda, foi uma descida. Porque um fio fino, porém muito resistente, a acompanhou no trajeto e a manteve unida ao seu ponto de partida. E por esse fio voltou a subir até seu ponto de desembarque.

Era de noite. E como era pequena e a terra lhe fazia medo, ficou dormindo na altura. Cedo pela manhã, voltou a repetir a descida, que desta vez foi para iniciar uma pequena teia que lhe serviria para seus desejos de pegar insetos. Porque a aranha sentia fome, fome e sede.

Sua primeira emoção foi grande ao sentir que um inseto, menor que ela tinha ficado preso na sua teia-armadilha. Envolveu-o e sugou-o. Depois, como já era tarde, voltou a subir pelo fio primordial, a fim de passar a noite reencontrando-se consigo mesma no seu ponto de desembarque.

E isto se repetiu todas as manhãs e todas as noites, mesmo porque cada dia a teia era maior, mais sólida e mais capaz de pegar insetos maiores. E sempre que juntava um novo círculo na sua teia, se via obrigada a utilizar aquele fio primordial a fim de mantê-la esticada, agarrando o fio às outras pontas que eram fixadas nas ramas, troncos ou ervas que se movimentavam para cima. E por isso, conseguia manter esticada toda a estrutura da teia.

Naturalmente, a pequena aranha não filosofava demasiado sobre essa estrutura, com seus movimentos e ten-

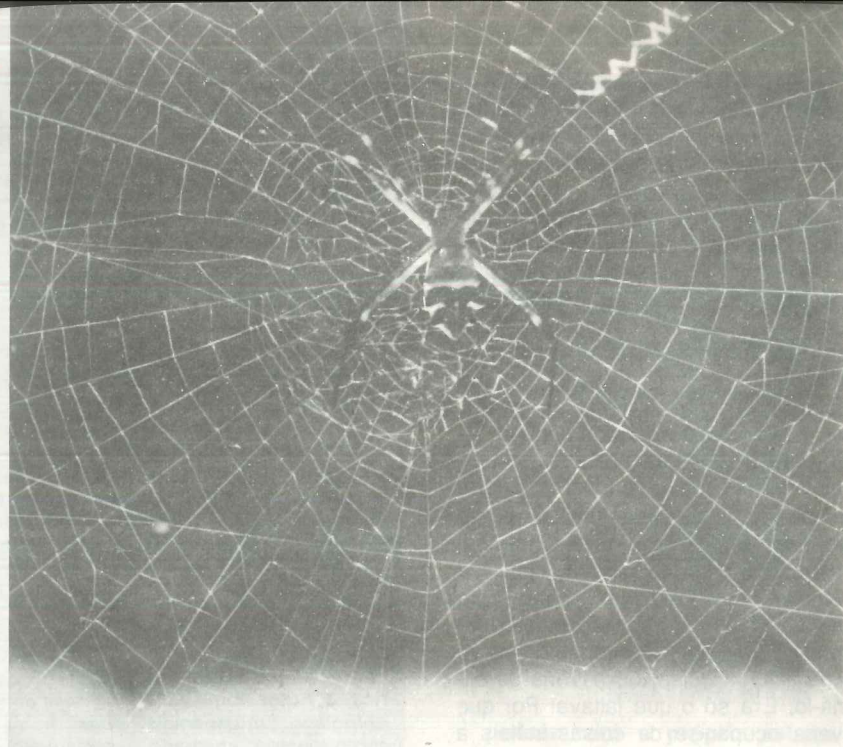
sões. Simplesmente trabalhava com inteligência e obedecia a lógica da vida da sua espécie de tecelão. E cada noite subia pelo fio inicial a fim de reencontrar-se com o seu ponto de partida.

Porém, um dia apanhou um inseto de maior tamanho. Foi um impacto. Depois de sugá-lo, "algo assim como imobilizá-lo para dele apropriar-se", se sentiu contente e esgotada. Era de noite e pensou que não subiria pelo fio. Ou não diria isso. Simplesmente não subiu. E na manhã seguinte, viu com surpresa que por não haver subido, também não se viu obrigada a descer. E isto a fez decidir-se a não trabalhar no crepúsculo e no amanhecer, a fim de dedicar suas forças à caça e sucção de presas que cada dia eram maiores.

E assim, pouco a pouco foi esquecendo-se da sua origem, e deixando de recorrer àquele fio fino e primordial que a unia à sua infância de viajante e sonhadora. Somente se preocupava com fios úteis que havia de reparar e tecer diariamente, devido a que a caça maior tinha exigências esgotadoras.

Assim amanheceu o dia fatal. Era uma manhã de verão pleno. Acordou com o sol nascente. A luz razante resplandecia em pérolas e a garoa cristalizava-se em gotas na sua teia. E no centro de sua teia radiante, a aranha adulta se sentiu no centro do mundo. E começou a filosofar. Satisfeita de si mesma, quis dar-se para si a razão de tudo o que existia ao seu redor. Ela não sabia que de tanto olhar para perto tinha ficado míope. De tanto preocupar-se somente pelo imediato e urgente, terminou por esquecer que mais na frente dela e do raio de sua teia, ainda tinha muito mundo com existência e realidade.

Poderia ao menos imaginar o fato de que todas as presas vinham de longe. Porém, também, havia perdido a capacidade de intuição. Diria que ela não se interessava num mundo distante, somente lhe interessava do mais distante, o que chegava a ela. No fundo somente se interessava por si mesma e nada mais, salvo o que subia pela sua teia caçadora.



E olhando a sua teia, começou a encontrar nela a finalidade de cada fio. Sabia de onde partiam e para onde se dirigiam. De onde se amarravam e para que serviam.

Até que tocou com esse bendito fio primordial. Intrigada tratou de se recordar desde quando o havia tecido. E não conseguiu recordar-se. Porque nessa altura da vida as lembranças, para poder durar, tinham que estar ligadas a alguma caça ou presa conquistada. Sua memória era eminentemente utilitária. E esse fio não tinha agarrado nenhum inseto em todos aqueles meses. Se perguntou então onde a conduziria. E também não conseguiu dar uma resposta apropriada. Isto lhe deu raiva. Caramba! Ela era uma aranha prática, científica e técnica. Que não lhe venham com poemas infantis e vôos ao entardecer morno de primavera. Ou esse fio serviria de alguma coisa, ou haveria de eliminá-lo. Era só o que faltava! Por que deveria ocupar-se de coisas inúteis a essa altura da vida, em que eram tão exigentes as tarefas de crescimento e subsistência?

E lhe deu tanta raiva ao não ver sentido no fio primordial, que tomando-o entre as garras, o quebrou de um só golpe.

Melhor que não o tivesse feito! Ao perder seu ponto de ligação para cima, a teia se fechou como um alcapão fatal sobre a aranha. Cada coisa recuperou sua força desintegradora, e o golpe que atingiu a aranha contra o solo duro, foi terrível. Tão grande que a pobre perdeu o sentido e ficou desmaiada na terra, que desta vez a receberá mortalmente.

Quando começou a recuperar o seu sentido, o sol estava perto de zênite. A teia suja ao ressecar-se sobre seu corpo machucado a estrangula sem compaixão, e os esqueletos de suas garras lhe proporcionam, no peito, um abraço angustioso e assassino.

Logo entrou na penumbra, sem compreender que se havia suicidado ao cortar aquele fio primordial, pelo qual tinha feito seu primeiro contato com a terra mãe, que agora seria seu túmulo.

Livros especialmente recomendados

Pedidos diretamente às editoras ou, por reembolso postal, à Livraria do MFC - Rua Espírito Santo, 1059 - Sala 1109 - Belo Horizonte - CEP 30.160 - MG

UNIDADE NA PLURALIDADE

Afonso Garcia Rubio, Pe

Edições Paulinas, 1989 - 578 págs.

"O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs".

Livro que fala significativamente do ser humano, numa perspectiva teológica. O Autor inicia com a compreensão do ser humano, a partir da nova consciência eclesial brasileira e latino-americana, que surge como resposta aos desafios da modernidade. A seguir, o ser humano à luz do Antigo e Novo Testamento, com os desdobramentos teológicos posteriores ao Novo Testamento.

Feita a fundamentação bíblico-histórica, o Autor aborda alguns temas antropológicos fundamentais: o ser humano como pessoa; chamado a ser sujeito da história; a relação eu-tu; o encontro homem-mulher, mediatizado pela sexualidade; as relações sociopolíticas, a realidade do mal, que parece contradizer as afirmações cristãs sobre Deus criador-salvador.

AS DISCÍPULAS DE JESUS

Ana Maria Tepedino

Editora Vozes, 1989 - 133 págs.

Redescobrir o que elas (as mulheres discípulas de Jesus) fizeram serve para encorajar as mulheres na luta contra qualquer tipo de opressão: pobreza, machismo ou estereótipo. O texto bíblico é poder de salvação. Por isso é preciso redescobrir e proclamar o que nele é libertador.

A luta da mulher por um lugar de companheira, ombro a ombro com o homem, não se dá mais em situação de inferioridade e sujeição, mas tem fundamento e legitimidade teológica. Podemos interpretar errado os textos igualitários, mas é difícil interpretar errado a práxis de Jesus, na qual imperava a igualdade, de homem e mulher. Com Jesus a mulher se redescobre face a face companheira do homem na dignidade do ser, no agir com ele em pé de igualdade, imagem de Deus.

O SENTIDO DO ENCONTRO

O XI Encontro Latino-Americano

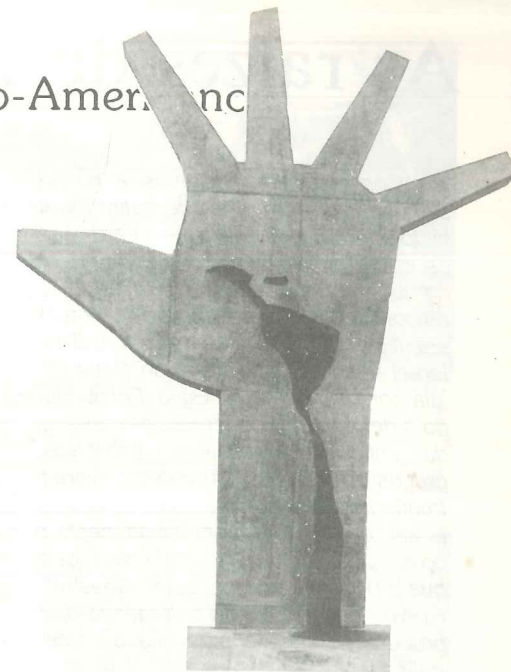
1 Em primeiro lugar, é um acontecimento eclesial. Uma parcela do Povo de Deus, espalhado por toda a América Latina, se reúne para pôr em comum as experiências da missão de evangelizar, de anunciar a Boa Nova, aos povos deste continente, expoliado e empobrecido pelos conquistadores de ontem e de hoje.

2 É, também, um encontro de irmãos e amigos, encontro interpessoal profundo, encontro de pessoas animadas pela mesma fé e unidas no mesmo compromisso de criar condições propícias para que as famílias de A.L. possam realmente *ser famílias*.

3 É momento forte de revisão profunda de conceitos, correção de órbitas, retificação de óticas e maneiras de ver e entender o homem e o mundo, frente às grandes transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas, que acontecem com crescente velocidade.

4 Mais ainda: é uma oportunidade privilegiada de confronto fraterno, de fecundo afloramento de conflitos próprios de um encontro de pessoas condicionadas por diferentes culturas, formação, catequese, níveis de maturidade, classes sociais, temperamentos e sensibilidade. O resultado é a lenta mas segura superação de visões ingênuas da realidade e desenvolvimento da consciência crítica.

5 É, também, construção e reconstrução da coesão, da unidade e da identidade de um movimento de leigos, de Igreja, que se quer adulto e responsável, capaz de



pensar com a própria cabeça e andar com os próprios pés, contribuindo para a unidade de toda a Igreja, livre da tentação da uniformidade estéril, vivenciando a prática da comunhão e participação colegial do Povo de Deus!

6 Também é tempo propício à oração, à reflexão profunda, ao encontro pessoal com Deus e consigo mesmo, à descoberta inesgotável das exigências e possibilidades do seguimento de Jesus, base de toda a espiritualidade cristã, celebrada comunitariamente nos dias do Encontro.

7 É, por fim, um acontecimento simbólico de integração continental, sinal dessa integração mais ampla - política, econômica, social, cultural - esperança derradeira de libertação dos povos oprimidos que, a duras penas, tentam sobreviver à miséria, à fome e à doença, nos países que conformam este sofrido continente.

As raízes do nosso conflito

Como cristãos olhamos a nossa situação com um olhar de quem leu a história bíblica. A Bíblia nos narra que os conflitos violentos começaram desde quando Caim matou seu irmão Abel, embora os dois acabassem de oferecer sacrifício ao mesmo Deus (Gn 4, 3-8). Israel nasceu como Povo de Deus em luta contra o poder do Egito. Foi obrigado a defrontar-se com grandes impérios da antiguidade: assírios, babilônios, gregos e romanos. Os profetas tiveram freqüentemente conflitos com os reis de Israel, quando tratavam injustamente o povo. Jesus pregou uma mensagem que provocou a ira das autoridades religiosas, que acabaram entregando-o ao procurador romano para que o crucificasse.

Os primeiros cristãos foram considerados pelo império romano como uma ameaça; foram por isso perseguidos e martirizados. No século IV, sendo imperador Constantino, o cristianismo transformou-se em religião oficial do império, e nas mãos dos poderes dirigentes tornou-se uma arma para legitimar a expansão do império e, mais tarde, a colonização dos povos.

A ORIGEM DOS CONFLITOS ATUAIS

Alguns cristãos começaram a engajar-se nas comunidades dos oprimidos, chegando assim a compreender sua fé como compromisso de solidariedade. Para outros cristãos a sua participação chegou como resposta a um imperativo de sua fé, fruto da reflexão

Extraído de estudo elaborado por Kairós Internacional, grupo de entidades cristãs, engajadas em movimentos pela paz, libertação e desenvolvimento dos povos do Terceiro Mundo. Kairós significa "momento de graça e salvação."

nas comunidades cristãs de base. Todavia, apesar de diversidade dos seus caminhos, sua participação evoluiu numa direção mais organizada e consciente. Assumiram todas as tarefas necessárias dentro do movimento popular, ao mesmo tempo em que buscaram liberar o potencial e os recursos de sua fé e da sua Igreja para servir aos pobres.

Este novo desenvolvimento tem causado uma séria preocupação nos altos escalões dos dirigentes imperialistas. A presença organizada e consciente de cristãos no movimento popular não é um mero incremento nas fileiras dos que lutam contra o sistema de dominação, mas sim contribui ao mesmo tempo para debilitar a capacidade do imperialismo de usar o cristianismo como apoio do império.

Não devemos ficar surpresos, portanto, de que fossem apresentadas ao Presidente dos Estados Unidos propostas formais no sentido de atacar sistematicamente a Teologia da Libertação, tal como rezam os documentos de Santa Fé I e II. Foram criadas novas instituições com o objetivo de desenvolverem uma teologia que defenda o imperialismo. Foram lançados projetos em conjunto com os governos do Terceiro Mundo e agências de segurança, para infiltrar-se na Igreja, incorporar e conquistar cristãos conservadores e neutralizar os progressistas. O cristianismo é interpretado de forma que se ajuste aos seus propósitos, ao mesmo tempo em que se acusa a Teologia da Libertação de ser política.

A fé cristã foi introduzida no conflito. Tanto os opressores quanto os oprimidos buscam uma legitimação religiosa. Ambos os lados invocam o nome de Deus e de Jesus Cristo e na maioria dos nossos países encontramos cristãos em ambos os lados do conflito político.



O assunto porém não termina aí. O conflito político tem penetrado o interior das Igrejas. A própria Igreja transformou-se num lugar de luta. Alguns setores da Igreja alinham-se com a situação e a defendem apaixonadamente, ao passo que outros se colocam do lado dos oprimidos e lutam por uma mudança. Há outros ainda que se declaram neutros. Essa neutralidade no entanto favorece aqueles que estão no poder dando-lhes a possibilidade de continuar, desacreditando assim os cristãos que a eles se opõem. A neutralidade é uma forma direta de apoiar a situação.

Não há nada de novo no conflito religioso como tal. Os cristãos ou crentes no Deus da Bíblia já anteriormente se posicionaram em lados opostos nos conflitos políticos. O que há de novo hoje é a intensidade do conflito e a consciência que temos dele. Jamais anteriormente estivemos tão conscientes das implicações políticas da fé cristã. Este conflito religioso não é um simples debate acadêmico; é um

assunto de vida ou morte. O que está em jogo é o futuro da justiça, da paz, da liberdade, a glória de Deus.

O conflito entre cristãos desperta questionamentos muito sérios que deveremos enfrentar: O Deus invocado pelos dois lados é o mesmo? Será que Deus está nos dois lados? Se não, de que lado está Deus? O que nos foi revelado em Jesus a respeito de Deus?

A FÉ DOS POBRES

O Deus que os missionários pregaram ao longo do processo de colonização, era um Deus que abençoava os poderosos, os conquistadores, os colonizadores. Esse Deus exigia resignação ante a opressão e condenava a rebeldia e a insubordinação. Tudo o que esse Deus nos oferecia era uma liberdade interior e extramundana. Era um Deus que habita no céu e no templo, não no mundo.

O Jesus que nos foi pregado era pouco humano. Parecia pairar acima da

história acima dos problemas e conflitos humanos. Era representado como um rei ou imperador grande e poderoso que reinava sobre nós, inclusive durante sua vida terrena, desde as alturas do seu trono majestoso. Assim, se concebia sua aproximação aos pobres como uma condescendência. Condescendeu em fazer dos pobres o objeto de sua misericórdia e compaixão, mas sem participar em sua opressão e em suas lutas. Sua morte não teve nada a ver com conflitos históricos, e sim foi um sacrifício humano para aplacar um Deus irado. O que nos pregaram foi um Jesus totalmente extramundano que não tinha incidência nesta vida.

Estas foram as imagens de Deus e de Jesus que herdamos dos conquistadores e dos missionários que os acompanharam. Houve casos em que nos impuseram essas crenças com a ponta da espada e alguns de nossos antepassados foram batizados à força. Somente mais tarde descobrimos que esse Deus e esse Jesus tinham sido formados à imagem e semelhança dos reis, imperadores e conquistadores europeus.

Nossa experiência de pobreza e opressão aos poucos começou a nos questionar: por que Deus permite que soframos tanto e por tanto tempo? Por que Deus toma sempre partido a favor dos ricos e poderosos? Alguns de nós começamos a descobrir que estas perguntas apareciam também nos Salmos e no Livro de Jó, que nunca aceitou respostas fáceis. Acaso, a pobreza e a opressão eram realmente a vontade de Deus?

Em determinado momento começamos a nos dar conta de que a justiça jamais viria por iniciativa dos nossos opressores. Depois de muitos anos de protesto e de súplicas começamos a assumir a responsabilidade de nossa própria libertação. Começamos a organizar-nos e chegamos a ser povo, sujeitos de nossa própria história. Somos "o povo" enquanto oposto aos poderes dominantes, enquanto toma consciência de si próprio como sujeito que pode

decidir por si mesmo e deixar de ser um simples objeto que precisa ser dirigido e governado.

Os cristãos que formavam parte desta nova corrente, começaram a ler a Bíblia com novos olhos. Já não éramos dependentes da interpretação de nossos opressores.

Descobrimos que Jesus foi um de nós. Nasceu na pobreza. Não encarnou como rei ou nobre mas sim como um dos pobres e oprimidos. Tomou partido a favor dos pobres, apoiou a causa deles e os abençoou (Lc 6, 20). "Ai de vós, ricos!" (Lc 6, 24). Chegou inclusive a descrever a sua missão como voltada para a libertação dos oprimidos (Lc 4, 18). Isso era exatamente o contrário daquilo que nos fora ensinado.

No centro da mensagem de Jesus estava a vinda do Reino de Deus. Descobrimos que Jesus prometera o Reino de Deus aos pobres: "Vosso é o Reino de Deus" (Lc 6,20), e que a boa notícia sobre a vinda do Reino de Deus se supunha ser uma boa notícia para os pobres (Lc 4, 18).

O Reino de Deus não é simplesmente uma forma de falar do outro mundo. O Reino de Deus é este mesmo mundo porém totalmente transformado segundo o plano de Deus. É como o ano jubilar de Levítico 25, quando todos aqueles que vivem na escravidão serão libertados, todas as dívidas serão canceladas e a terra será devolvida àqueles aos quais foi roubada. O Reino de Deus começa nesta vida mas se prolonga para além da mesma. É transcendente e escatológico sem contudo ser alheio aos problemas e sofrimentos dos pobres nesta vida.

Ao pregar o Reino de Deus, Jesus profetiza o advento de uma nova ordem para o mundo. Isso colocou-se em conflito com a situação constituída de seu tempo, com as autoridades políticas e religiosas que consideraram a sua pregação como subversiva. Por esta razão conspiraram para matá-lo.

Jesus foi e é a Palavra de Deus, a verdadeira imagem de Deus. Os cris-



tãos pobres e oprimidos de hoje, juntamente com aqueles que optaram pelos pobres, podem agora ver o rosto de Deus em Jesus pobre, perseguido e oprimido como eles. Deus não é um opressor todo-poderoso. O Deus que contemplamos no rosto de Jesus é o Deus que escuta o clamor dos pobres e que os guia através do mar e do deserto até a terra prometida (Ex 3, 7-10). O verdadeiro Deus é o Deus dos pobres, que se irrita diante da injustiça no mundo, defende os pobres (Sl 103,6) derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes (Lc 1, 52). É o Deus que julgará todos os seres humanos de acordo com o que tenham feito ou deixado de fazer para com os famintos, os sedentos, para os nus, os enfermos e os encarcerados (Mt 25, 31-46).

Agradecemos a Deus a graça com que nos permitiu redescobrir o próprio Deus em Jesus Cristo: "Graças te dou, Pai, Senhor do céu e da terra, porque

escondeste estas coisas dos sábios e prudentes, e as revelaste aos pequenos" (Lc 10, 21). É o Espírito de Deus quem nos deu a capacidade de enxergar aquilo que os letrados e sábios não souberam ver. Já não cremos no Deus dos poderosos e não queremos nenhum outro deus além do Deus que vivia em Jesus. "Eu sou o Senhor teu Deus, que te libertou do Egito, do antro de escravidão. Não terás outros deuses além de mim" (Ex 20, 2-3).

Com esta nova fé em Jesus, podemos começar a ler os sinais de nossos tempos, podemos discernir a presença de Jesus ressuscitado entre nós, apreciar a ação do Espírito Santo e ver o conflito presente com novos olhos. Já não nos surpreendemos ao descobrir que os seguidores de Jesus são crucificados e assassinados. Agora podemos escutar a voz de Deus, especialmente no clamor dos pobres, no clamor de dor e de protesto, de desespero e espe-



rança.

Deus está do lado dos pobres, dos oprimidos, dos perseguidos. Quando se proclama e se vive esta fé numa situação de conflito político entre ricos e pobres, e quando os ricos e poderosos rejeitam esta fé e a condenam como heresia, podemos ler os sinais e discernir algo mais do que uma crise. Encontramo-nos frente a um **Kairós**, isto é, a

hora da verdade, um momento decisivo, um tempo de graça, uma oportunidade que Deus nos concede para a conversão e a esperança.

NOSSA MISSÃO PROFÉTICA

Ao longo da história nós cristãos com frequência ficamos surdos à voz de Deus e cegos à sua presença no meio do povo. Esta falta de fé nos impediu de exercer a missão profética que Jesus nos confiou. Frequentemente ficamos calados ao invés de denunciar a injustiça e a opressão. Em lugar de trabalhar pela justiça e pela libertação, muitas vezes nos demos por desentendidos.

Como podemos explicar tal silêncio ou ausência, essa cegueira e falta de fé? Para alguns de nós a causa se encontra numa vida que não se defronta com o sofrimento e a luta dos pobres, de modo que acabamos escolhendo um Deus à nossa medida, um Deus que não exige que nos comprometamos num movimento de transformação. Para outros, porém, a causa se encontra numa opção pelo privilégio e pelo poder e numa defesa **consciente** da situação. Em muitos casos tal opção leva aqueles que a fazem a participar inclusive na guerra contra os movimentos de transformação social, na repressão e no assassinato dos pobres.

No que diz respeito a essas pessoas, não se trata de uma simples incapacidade de ver ou de ouvir. Na realidade não querem ver nem ouvir. Não é simplesmente uma falta de fé no Deus da Vida. É a adoração de um Deus falso: o pecado de idolatria.

Apesar de termos consciência também dos nossos próprios pecados, não podemos deixar de levantar nossa voz para denunciar este pecado. É um pecado que serve à guerra total travada contra o povo, que conduz à morte e à destruição de nossas comunidades.



O drama da seca

Marceu Vieira

Agachada junto à cova de um dos dez filhos que não resistiram à fome e à seca do sertão da Chapada do Araripe, neste município paupérrimo a 634 quilômetros de Recife, dona Ana Ferreira de Sena, uma mulata de metro e meio de altura, menos de 40 quilos de peso e idade que ela mesma ignora, conta, sem cerimônia, como enterrou os meninos que perdeu. "Cavamos esses buracos aqui, no fundo do quintal e colocamos os anjinhos", diz, com olhar fixo em uma das cruzes de madeira que adornam os pequenos montes de barro. "Foi melhor. Antes eu enterrava perto do açude ou na estrada."

A história de dona Ana, que é analfabeta, mal sabe que existe uma coisa chamada atestado de óbito, divide com sete parentes uma casa de barro batido, nasceu no Sertão do Araripe e dali nunca saiu, é apenas um exemplo do drama dos habitantes de Ouricuri e sete municípios vizinhos. Não chove há

um ano na região. Os rios secaram. Os animais estão morrendo. E, no único açude disponível, o nível da água baixa na proporção de um palmo por dia. Segundo levantamento da Prefeitura de Ouricuri, pelo menos 22 crianças morreram de inanição só em setembro – e, como os filhos de dona Ana, tinham menos de um ano de idade.

Em matéria de verde, os 5.022 quilômetros quadrados de terra arrasada de Ouricuri não apresentam, hoje, senão juazeiros e cactos como mandacarus e palmas. Como último recurso, os mandacarus e as palmas vêm servindo de alimento a animais e, se cozidos, até mesmo a gente. Os mais miseráveis chegam a comer lagartos, calangos (lagartos pequenos e verdes) e ratos do rio (préas de coloração vermelha). Outros se viram com vagens de algarobo, outra planta comum no sertão, normalmente usada para alimentar bois, porcos e galinhas.

"O passado é um bom lugar para visitar, mas não gostaria de morar lá".

(Thomas Jefferson)

Satyagraha

Tristão de Athayde
"Jornal do Brasil"

O segundo princípio geral da cosmologia gandhista é a "devoção pela verdade". É o que ele denominava a **Satyagraha**, isto é, sofrer sem retaliações.

"Desde a minha infância fui um apaixonado pela verdade. Sempre foi, para mim, a mais natural das atitudes. Minha meditação espiritual me levou a compreender que a máxima "a verdade é Deus" é mais reveladora que a sentença habitual "Deus é a verdade". Essa máxima me permite ver Deus face a face onde quer que ele se encontre. Sinto que ele penetra cada fibra do meu ser". (1, 414).

Essa máxima central da sua visão total, e por isso mesmo essencialmente religiosa, do mundo, é bem a expressão simultânea da diferença fundamental e da analogia profunda entre hinduísmo e cristianismo. E a distinção que vai entre imanentismo e transcendentalismo. Na sentença: **a verdade é Deus**, que foi, como ele diz, a consequência final de sua meditação sobre a essência das coisas, encontramos a expressão perfeita do imanentismo religioso. Na sentença que ele chama de habitual, **Deus é a verdade**, pelo contrário, está expressa a concepção transcendentalista de Deus, tal como o cristianismo a professa.

Não é o momento de apreciarmos a superioridade relativa de uma sobre outra concepção. Como cristão, não tenho a menor dúvida em considerar a concepção transcendentalista como exprimindo muito mais completamente o

Este artigo, publicado poucos dias após a morte do autor, terá sido, certamente, o último recado de Alceu Amoroso Lima aos que permanecem neste mundo, em busca da verdade.

absoluto do ser supremo, e seus atributos que não podem deixar de ser atributos perenes e absolutos da divindade para que ela não se dilua na relatividade do tempo, do espaço e da nossa experiência individual, sensível e visível, da criação divina. Mas não é o momento de estabelecer entre o imanentismo e o transcendentalismo um confronto qualitativo.

O que desejo, longe de ser o destaque do que **separa** os dois conceitos, é precisamente dar ênfase ao que os une profundamente. Essa união profunda é a preexistência e a subsistência de um fator principal e absoluto, que tanto se manifesta por sua transcendência às manifestações sensíveis de sua divindade, como por sua imanência a todas elas. Em Deus, transcendência e imanência se conjugam, sem o que lhe faltaria o atributo da totalidade, indispensável à própria exigência do conceito de Divindade.

Digamos, portanto, não por qualquer veleidade sincretista, mas porque realmente assim é, que o hinduísmo de um Gandhi não é propriamente negação da transcendência divina, mas uma acentuação do seu aspecto imanentista. Ao passo que no Cristianismo há uma acentuação, ao meu ver imposta pela própria verdade, da transcendência de Deus, sem qualquer negação de sua presença **também imanente**, em todas as suas manifestações sensíveis.

Acontece que Gandhi, por seu imanentismo, pode ver Deus face a face a cada momento, como ele o diz na sentença acima citada, tão importante como chave de sua filosofia da vida. Ao passo que nós, judeus ou cristãos, essencialmente transcendentalistas como somos, jamais conseguiremos ver Deus face a face, enquanto vivermos no plano do "reverso da verdade" como

dizia São Paulo. Só com a morte poderemos ver, para nosso êxtase ou para nossa confusão, a divina Face. Daí a grande expectativa, o **suspense** supremo da vida cristã, que é a **hora da morte**.

Quando perguntaram a Léon Bloy, moribundo como ele encarava a morte: "Avec une grande curiosité", disse ele. Pois só sabem brincar com as coisas sérias os que as levam realmente a sério. Quando Cristo nos dá, como conselho, que sejamos o **sal da terra**, é o próprio Deus que nos manda considerar as coisas sagradas, e com maior razão todas as coisas sérias e graves da nossa existência, **cum grano salis**. É uma conquista da **sabedoria**, no plano espiritual, como é da **cultura**, no plano intelectual. Estou convicto de que um dos germes mais nocivos da chamada **crise do mundo moderno** é precisamente essa **falta de sal** em nossas relações individuais e mesmo internacionais.

Quem ama a verdade acima de tudo e em tudo, como Gandhi, pode não ter nos lábios o **cheese** estereotipado dos retratos convencionais do **american way of life**, mas possui uma sabedoria que se manifesta, no seu caso, pela filosofia da **não-violência** baseada na sacralidade essencial da existência humana. Em nosso mundo ocidental, tudo o que temos de mais alto, em cultura e santidade, está igualmente plantado nesse solo da verdade, adubado com o sal da sabedoria, que não teme brincar com as coisas sérias e tomar a sério as coisas leves da vida.

Mas temos também os que envenenam o sorriso pelo sarcasmo e no fundo têm horror à verdade, como antítese à **Satyagraha** de Gandhi. O símbolo dessa atitude é Pilatos. Pilatos foi o nosso anti-Gandhi, por três motivos principais: permitiu que se cometesse a mais cruel e injusta das violências com o mais justo dos filhos do Homem, por



ser o próprio filho de Deus; em vez de assumir a responsabilidade desse crime, **lavou as mãos**, deixou que o sangue do justo recaísse sobre outras cabeças que não a sua de romano da decadência; e finalmente, **last...**, lançou no coração dos homens a semente da dúvida, já não apenas sobre esta ou aquela verdade, mas sobre a própria capacidade humana de saber **onde está a verdade** e o que ela é — "quid est veritas?" —, e virou as costas, quiçá com medo de se defrontar com a Verdade, que ali estava diante dele, em carne e osso!

A **devoção pela verdade**, de um Gandhi, e com ele do verdadeiro hinduísmo, se confunde afinal com o **amor da verdade**, incarnada em Jesus, que está no coração do verdadeiro cristianismo.

"A única desvantagem da experiência é que, quando a gente chega a tê-la, ela é só o que nos resta".
(Joseph Joubert)

A paróquia ainda responde à realidade de hoje?

Marco e Inês Gomes

No século XII, as cidades começaram a se tornar fortes. A burguesia formava uma classe de influência, como o clero e a nobreza, mas tentava se libertar do poder dos bispos e da corte. Era o início de um movimento democrático.

No século anterior, o século XI, já existe a divisão em paróquias nas cidades. A divisão da diocese em paróquias foi uma cópia fiel da divisão do campo em paróquias, governadas por párocos.

O pároco recebia o sustento das terras da igreja. Na cidade era sustentado pela renda de bens da própria cidade, mas especialmente pela "iura stolae", as taxas dos sacramentos, principalmente do batismo e do casamento, como ainda nos dias de hoje. Este sistema de comunicação foi instituído pelo Papa Inocêncio III. A divisão em paróquias, na cidade, conforme o modelo das paróquias do campo, favorecia a pastoral, ou como se chamava antigamente: a cura das almas.

O número de padres naquele tempo, era muito grande, tanto os seculares como os regulares. Os padres representavam quase exclusivamente o elemento intelectual da sociedade. Eram geralmente ricos e poderosos em influência na sociedade. Esta era a razão por que se entregavam tanto à causa do mundo e perdiam de vista a sua própria missão. Muitos optavam pela vida religiosa como uma profissão e viam a Igreja mais como uma instituição da sociedade do que como um sinal do Reino de Cristo. Tentavam aumentar a sua riqueza e manter seus privilégios. O celibato não era muito observado. Tudo isso provocava desprezo e oposição do povo. De outro lado,

podemos concluir, observando a vida religiosa florescente, que não faltavam padres excelentes e bem dedicados ao Reino de Deus. Mas se desenvolvia uma reação crescente dos príncipes e leigos contra a influência dominante da Igreja.

Esta divisão das dioceses em paróquias mantém-se até os dias de hoje. Claro que nem tudo o que é velho é mau, apenas por ser velho, mas se entendemos que esta divisão da diocese em paróquias surgiu da necessidade da estrutura social daquele tempo, podemos compreender que na sociedade de hoje, depois de tantas mudanças, ao longo dos séculos, aquela estrutura medieval das paróquias deve ser submetida a uma crítica séria. Especialmente quando há uma tentativa, a nível nacional, de estruturar-se uma pastoral da família. Aquele estrutura paroquial do campo, que no século XI foi considerada adequada também para a cidade, realizou-se na Europa, foi implantada e serviu como modelo ao longo da conquista e colonização da América Latina, sem modificação nenhuma. No Brasil, as paróquias são às vezes maiores do que dioceses na Europa, tanto em extensão territorial quanto em número de adeptos. Tampouco foi levada em consideração a estrutura tribal dos índios nem dos negros da África, importados como escravos, e que marcam etnicamente, de um modo muito forte, o povo brasileiro.

A industrialização, iniciada no século passado, modificou essencialmente a estrutura da sociedade e levou o Brasil a grande concentração do povo rural nas metrópoles, especialmente nas últimas décadas. Os cinturões populacionais em redor dos centros das ci-

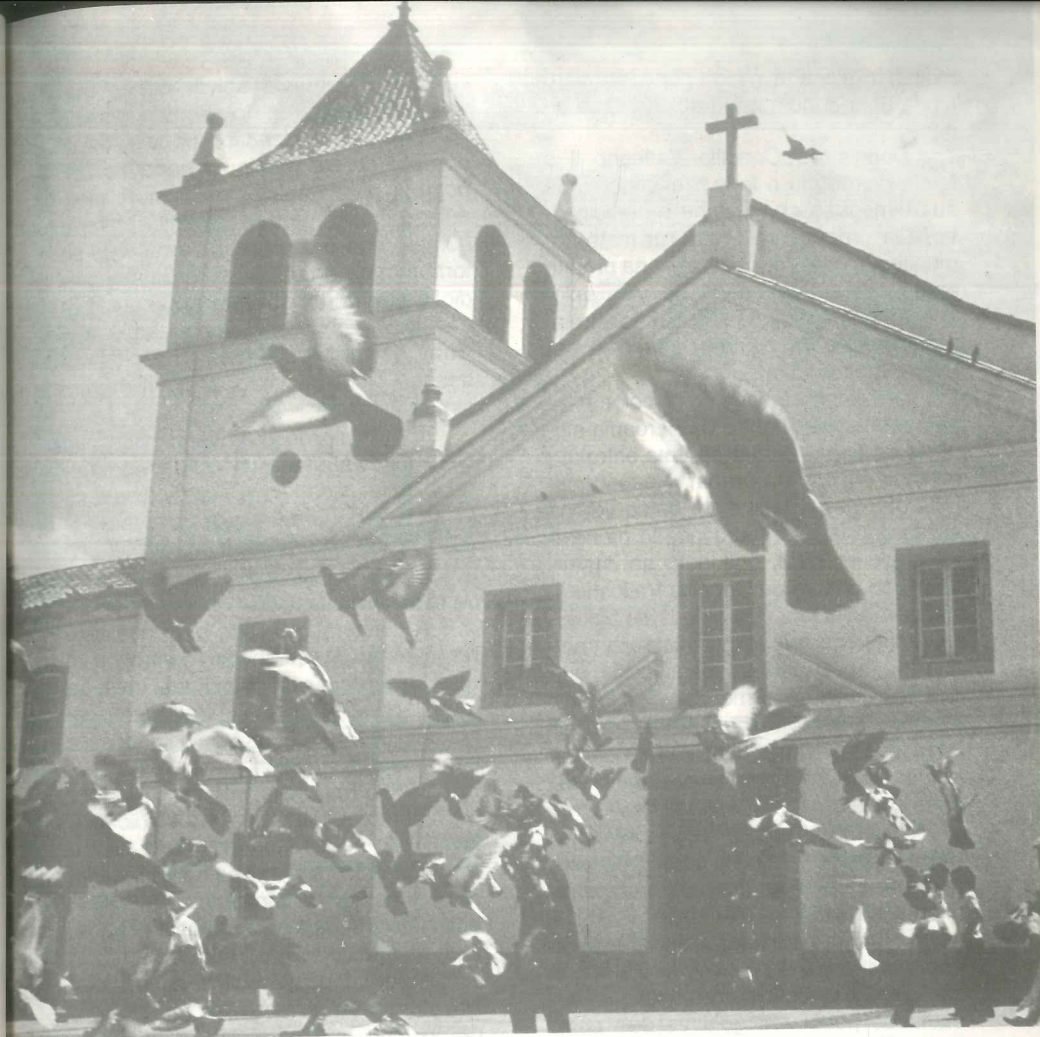
dades, que formam focos de miséria humana, sinais contrários aos daqueles do Reino de Deus, e cujos moradores formam gritantemente aquele rebanho sem pastor, exigem o mais rápido possível uma estruturação totalmente diferente das paróquias.

O Concílio Vaticano II apresentou uma imagem de Igreja na qual a ruptura entre fé e vida, entre evangelho e ação deve ser vencida. No documento conciliar G.S. esta ruptura é designada como um dos maiores males do nosso tempo. O Brasil considerado o país mais católico do mundo, apresenta-se com uma distribuição de renda das mais injustas,

com imensas consequências de marginalização e miséria.

A Igreja da América Latina e do Brasil começou a redescobrir o seu papel profético de denunciar as situações iníquas e de anunciar os valores do Reino para a construção de uma sociedade nova mais justa e fraterna. Não cabe mais uma pastoral assistencialista, mas uma pastoral da promoção da pessoa toda. Esta deverá ser a marca da sua presença no mundo. A Igreja quer mudar o seu lugar na sociedade.

Não há possibilidade de valorizar esta missão apenas dentro de uma estrutura geográfica de paróquia. Em



muitas regiões a maior parte do clero ainda está concentrada no centro da cidade.

Depois do Concílio Vaticano II a Igreja descobriu o forte crescimento da sua dimensão comunitária e participativa. Ela procura se organizar mais comunitariamente na pastoral e na própria estruturação das bases da vida eclesial. Esta tentativa de renovação é freída e muitas vezes impedida pela estrutura da paróquia.

Devemos dizer que colocar a pastoral familiar dentro da paróquia significa colocá-la dentro de uma estrutura muitas vezes superada. Reconhecemos que não é fácil dizer como vemos a pastoral familiar funcionando na nova realidade eclesial, que está se desenvolvendo depois do Concílio Vaticano II, Medellín e Puebla. Os bispos de Medellín reconhecem logo no início do capítulo III, sobre família e demografia, que a reflexão sobre a mesma não é fácil. Porque "a família entre outras instituições é a que mais tem sofrido os impactos das mudanças e transformações sociais".

Podemos, concluindo, apresentar alguns pontos básicos, como proposta para um aprofundamento de uma caminhada renovada:

— Os movimentos familiares têm que voltar para o povo. A Igreja fez, e não ingenuamente, uma opção pelas camadas populares guiadas pelo espírito de Deus, querendo "assumir novos compromissos sobre a inspiração do Evangelho". (Mensagem do Papa em Puebla). O Documento de Puebla diz que as pequenas comunidades são o seio da Igreja particular, onde se torna presente e operante o desígnio da salvação do Senhor, vivido na comunhão e na participação. Quer dizer que lá, nas pequenas comunidades, gera-se a vida para um mundo em transformação, como acontece na família cristã que é o primeiro centro de evangelização.

Só poderemos salvar certos movimentos familiares do risco do elitismo por uma evangelização que leve os ricos e a classe média ao encontro dos pobres, para caminharem juntos, diminuindo assim aquele abismo entre o homem rico e o pobre Lázaro e que se tornou, para o rico, a razão de sua perdição eterna (Lc 16). Mais que uma opção pelos pobres, é uma caminhada **com os pobres**, aprendendo, dentro desses movimentos, a caminharem juntos.

É o início de uma caminhada que deve ser estudada, analisada, aprofundada e refletida. A própria Teologia da Libertação foi uma resposta da Igreja a esta virada para o povo pobre e explorado, para que descobrisse a resposta da fé na sua situação.

A Pastoral Familiar, para não correr o risco de se fechar dentro de si mesma e recuar da caminhada nova de Igreja Latino-Americana, tem que se introduzir nas pequenas comunidades de base, seja nas associações de moradores de bairros, seja em outro tipo de movimento popular, seja em sindicatos, engajando-se na vida política e até se for necessário em política partidária, para que essas comunidades se tornem eclesiais, capazes de implantar, no mundo, a realidade do Reino do Pai.

A Igreja pós-conciliar se posicionou com uma nova atitude na sociedade, o que a fez profética. Já houve muitas vítimas, muito sangue derramado. Mas foi assim que ela se identificou com seu fundador.

Os movimentos de Igreja têm que acompanhar este novo posicionamento da Igreja da América Latina, para serem fiéis à missão de evangelizar, no presente e no futuro, e penetrarem nas famílias concretas, especialmente nas mais sofridas, desestabilizadas e, em muitos casos, desmoronadas, para lá ouvir a voz de Cristo: "Vejam, faço novas todas as coisas".

"Milhões de pessoas que sonham com a imortalidade não sabem o que fazer de suas vidas numa tarde de domingo chuvoso".

(Suzan Ertz)



O CATIVEIRO PAROQUIAL

A paróquia estabelece o monopólio territorial e o poder absoluto do vigário. Nas grandes cidades, atualmente, há paróquias gigantescas, com até 200 mil habitantes. Está claro que não atendem às necessidades da comunidade e dos próprios católicos. Observa-se que não passa de 3% da população a parcela que participa das atividades pastorais e do culto, nas paróquias. Raramente atinge 5%. No entanto, o vigário conserva a autoridade absoluta e o monopólio da ação paroquial. Pode impedir que qualquer grupo ou movimento católico se instale e atue em seu território. Assim, a paróquia já não é capaz de atingir o povo, mas pode impedir que outros grupos católicos atinjam esse mesmo povo. Quer dizer: não pode fazer mas pode impedir.

Ela é ou pode ser, muitas vezes, obstáculo à ação da Igreja e à sua expansão. Pode chegar a ser a contra-evangelização institucionalizada, apesar das boas intenções e toda a dedicação dos vigários. Querendo assumir tudo, o vigário acaba fazendo pouca coisa, em comparação com os problemas que existem.

O problema é o monopólio.

Por que não permitir que qualquer católico ou movimento tome a iniciativa de evangelizar, formar grupos ou comunidades, como puder?

A paróquia está representando uma espécie de sacrossanta burocracia. Entretanto, só a liberdade pode salvar. Os chamados "crentes" e seitas ganham talvez porque não tenham paróquias e monopólios territoriais.

O mais extraordinário é que numerosos vigários sentem um forte mal-estar. Há um século, o problema da paróquia urbana está colocado. Até agora, nada. Sempre adiando. Vamos adiar até que o último católico tenha deixado a última paróquia. Então, o último pároco entregará a última chave ao bispo, e o bispo começará a pensar no problema. Até lá, possivelmente não acontecerá nada. As instituições preferem morrer a reformar-se.

A expansão dos grupos evangélicos e seitas pode ser providencial. Depois disso, os católicos vão ter que pensar.

(Texto baseado em anotações de um seminário sobre a Igreja e o mundo moderno, promovido pela CNBB — 1989)

Do barro ou do macaco?

Helio e Selma Amorim



Quando a ciência finalmente provou que o homem não foi feito de barro, muitos cristãos levaram um susto!

Então a Bíblia estava errada? O relato da criação do mundo é falso?

A Igreja reagiu, condenando as teses evolucionistas e proibindo os cristãos de lerem as obras de Darwin e seus seguidores.

Muito antes disso, já tinha acontecido o choque da descoberta de que a Terra era um planeta, girando em torno do Sol, e não o contrário, como parecia ser o ensinamento bíblico.

Por isso, desabou uma tempestade de condenações sobre Galileu. A Igreja exigiu que o cientista desmentisse, publicamente, essa mentira herética.

Ao longo da história, aconteceram outros enfrentamentos entre ciência e fé, até que a teologia, também ela uma ciência, descobrisse – que alívio! – que os relatos bíblicos sobre a criação do mundo não eram relatos históricos ou científicos.

Então, todas as coisas se encaixaram, cada uma no seu lugar.

Hoje, está ou deveria estar superada a oposição entre fé e ciência. Não há contradição. Ao contrário, a fé se

vale das ciências humanas para crescer no conhecimento de Deus e do seu plano para o Homem e o Mundo.

OS RELATOS DA CRIAÇÃO NO LIVRO DO GÊNESIS.

A Igreja reconhece e proclama que os autores dos livros que compõem a Bíblia, foram inspirados por Deus, ao escrevê-los.

Como, então, interpretar os dois relatos da criação do mundo e do homem, se histórica e cientificamente não estão corretos?

Ora, é claro que os seus autores pretendiam, e conseguiram, transmitir uma rica, profunda e abrangente mensagem sobre o plano de Deus para o mundo e o homem, aproveitando as crenças muito difundidas, no seu tempo, sobre a Criação. Trata-se de uma mensagem válida para os homens de todos os tempos, sempre atual e questionadora.

Que mensagem é essa? Ou melhor: que mensagens são essas?

Antes de enumerá-las, vamos tentar descobrir como era o mundo, nas épocas em que foram escritos os rela-

tos bíblicos da Criação. Assim, descobriremos por que seus autores sentiram a urgência de ensinar essas coisas ao seu povo.

Começemos recordando que são dois relatos. O mais antigo, da tradição javista, (Deus era chamado Javé) começa no versículo 4 do 2º capítulo do Gênesis, e foi escrito no século IX, antes de Cristo. O outro, chamado relato sacerdotal, abrange o 1º capítulo e os três primeiros versículos do 2º capítulo. Foi escrito no século V, antes de Cristo, ou seja, 400 anos depois do relato javista.

O MUNDO, NA ÉPOCA DOS ESCRITOS

Ao escrever o seu relato da Criação do Mundo, o autor javista andava muito preocupado.

A religião cananéia, que se representava por uma serpente, se infiltrava entre o povo e o afastava de Javé. Com seus ritos mágicos para enfrentar as ameaças da natureza e para dirigir o destino da vida, aquela religião exercia forte atração sobre o povo de Israel, desviando a sua confiança em Javé, para uma falsa confiança na eficácia dos rituais mágicos.

Na religião cananéia, os deuses eram vários. O deus supremo, El, era considerado o criador de tudo o que existe. Baal, o segundo na hierarquia divina, era o deus da vida e da fecundidade dos homens, dos animais e dos vegetais.

No relato sacerdotal, quatro séculos depois, a preocupação dos autores se centrava na influência do contexto religioso da Babilônia, onde viveu, exilado, o povo de Israel. Ali se cultuava o deus Marduk, como criador de tudo que existe, depois de ter vencido, em combate, o deus Tiamat.

Toda essa profusão de deuses, se mantinha distante dos homens, incomunicável e exigente de cultos e adoração. Por outro lado, os autores dos relatos sagrados se sentiam perplexos com a presença do mal, no mundo. O

povo via o mundo como algo perverso e ameaçador. O que os deuses criaram não era considerado bom.

Como se manifestava esse mal?

Os homens eram escravizados e tratados como animais. A mulher era considerada um ser inferior, propriedade do homem que possuía mulheres, como possuía cabras, carneiros e ferramentas. Homens que detinham o poder político se apresentavam ao povo como divindades ou encarnações de deuses.

O povo temia a natureza, não se sentia chamado a dominá-la responsavelmente.

A união do homem e da mulher contratada pelos seus pais era deformada, por uma sexualidade vivida como prática desumanizadora, como um serviço da mulher-objeto ao seu senhor e, na sua melhor faceta, como serviço apenas à procriação.

E mais, ainda os homens frequentemente desrespeitavam o repouso do sábado, prática tradicional antes difundida: entregues ao trabalho ou exigindo trabalho de seus escravos, os homens esqueciam-se de reservar o tempo simbólico de encontro com Deus, com os outros homens e consigo mesmos.

Frente a esse quadro, os autores, inspirados por Deus, em diferentes épocas, adotaram, como opção pedagógica mais apropriada, contar, de maneira nova, a história da criação do mundo, a partir das versões popularizadas no seu tempo.

Surge então o relato javista e, bem mais tarde, o outro relato, mais elaborado teologicamente, pela tradição sacerdotal.

AS MENSAGENS DOS RELATOS DA CRIAÇÃO

Em bela linguagem simbólica e poética, própria dos povos de seu tempo, os autores das primeiras páginas do Gênesis, ensinam verdades e apontam caminhos que continuam válidos para os homens do nosso tempo.

Pois os desvios que era preciso

Os autores dos relatos da criação pretenderam e conseguiram transmitir uma rica e profunda mensagem sobre Deus, o homem e o mundo.

denunciar continuam existindo no mundo moderno, com roupagens e máscaras novas, mas, no fundo, sempre os mesmos.

1. Em primeiro lugar, nos ensinam sobre Deus: o nosso Deus é o único Deus, vivo e verdadeiro, sem comparação com os falsos deuses dos outros povos.

É Ele o autor de tudo que existe, transcendente e superior a tudo o que foi por Ele e somente por Ele criado gratuitamente.

2. Sobre o mundo criado, nos ensinam que ele é bom, lugar propício para a plena realização do Homem, a quem é entregue para que dele tome conta, de modo responsável, e o leve a ser o Paraíso, onde os homens vivam em paz, sem constrangimentos e preocupações, livres e ao mesmo tempo obedientes e submissos a Deus.

3. Sobre o Homem, criado homem (varão) e mulher, nos ensinam que é criatura de Deus, da mesma natureza das demais coisas criadas, do mesmo barro de que foi feita a natureza.

Não é um ser divino, não pode pretender ser como Deus ou Dele prescindir e Dele não depender.

Entretanto, Deus o faz à sua imagem e semelhança, dando-lhe uma dimensão de transcendência e eternidade que não é dada ao resto da natureza criada. Assim, Deus se torna modelo para o Homem e lhe confere uma dignidade inalienável e intocável. Dessa forma, são intoleráveis a escravidão e todas as formas de dominação e coisificação do Homem, que agredem a sua dignidade de imagem e semelhança de Deus.

4. Sobre a mulher, nos ensinam que ela é igual ao homem, da mesma natureza, "tirada da sua costela", para ser sua companheira – e não escrava, posse ou objeto que ele possa manipular. O homem reconhece essa igualdade ontológica, relacionando-se com ela e nela vendo "o osso dos meus ossos!" Ficam, assim, condenadas a dominação e a opressão, a que estão sujeitas as mulheres do seu tempo.

5. A união do homem e da mulher recupera a sua dimensão personalista de encontro pessoal, de companheirismo fecundo, que cria um novo núcleo familiar quando o homem e a mulher "deixam seu pai e sua mãe", unem-se e se tornam uma só carne. A sexualidade surge, assim, como instrumento da construção da unidade profunda do casal – uma só carne. E de participação na obra da Criação, pela procriação de novas pessoas humanas (sede fecundos, povoai a terra), imagem e semelhança de Deus. Fica condenada aquela sexualidade que oprime a mulher, fazendo-a objeto de manipulação pelo homem, não orientada para a construção da união interpessoal profunda do homem e da mulher.

6. O repouso sabático é revalorizado, como tempo simbólico de encontro com Deus com os outros homens e consigo mesmo. Porque em seis dias o Senhor fez o céu e a terra e tudo o que nela existe, mas repousou no sétimo (Ex. 20, 8).

7. A relação do Homem com Deus é apresentada como relação dialogal. O Deus de Israel não é um Deus distante e inacessível. É um Deus que interpela o Homem e dele espera resposta. A obediência e submissão do Homem a Deus é apresentada como libertadora, base para que o mundo criado seja o Paraíso, para o Homem. É expressão do reconhecimento de serem radicalmente diferentes as naturezas humana e divina.

8. A desobediência a essa realidade da natural dependência do Homem ao Deus Criador, surge então co-

mo a origem do mal, presente no Mundo. Pretendendo ser como Deus (comendo o fruto proibido) por indução das religiões que propõem falsos deuses (como a religião cananéia, simbolizada pela serpente), o Homem introduz o mal no mundo. Esse é o pecado original (que nada tem a ver com a sexualidade) a que está sujeito todo Homem que vem a esse mundo.

Porque o Homem viverá imerso numa sociedade em que Deus é negado, e a dependência a Ele considerada alienação e renúncia à liberdade. Por isso, acolhido, pelo Batismo, na comunidade dos que crêm neste Deus libertador, a Ele obedientes e Dele dependentes, o cristão se liberta do poder do pecado original, presente na sociedade que o rejeita.

Livros especialmente recomendados

Pedidos às editoras ou pelo reembolso postal à Livraria do MFC

JESUS ANTES DO CRISTIANISMO

Albert Nolan

Edições Paulinas, 1987 – 208 págs.

"Jesus Cristo, pessoa e divindade."

Será que Jesus tem realmente alguma coisa a dizer para o nosso mundo conturbado?

O retrato de Jesus, que surge da leitura deste livro, é notavelmente claro, convincente, diferente, e nos apresenta um desafio. Somos apresentados ao homem Jesus, como ele era antes de ter sido colocado no santuário de doutrinas, dogmas e rituais. Não se presume nada; permite-se que a evidência histórica a respeito dele fale por si mesma. Eis um homem que estava profundamente envolvido com os problemas reais de seu tempo – e que acabam sendo os problemas reais também de nosso tempo. É a história de um Jesus extraordinariamente humano. Só no último capítulo o Autor, derrubando muitas de nossas idéias preconcebidas, nos mostra uma maneira surpreendentemente nova de compreender o que significa a divindade de Jesus.

O livro pode ser lido com proveito por qualquer pessoa – pelo estudioso, pelo leigo, pelo religioso e pelos que não sabem mais se acreditam ou não.

CONCLUINDO

Podemos concluir que, sem qualquer conflito, antes com a ajuda das ciências humanas, a leitura desses escritos de 3.000 anos é uma fonte inesgotável e sempre atual de iluminação para as nossas práticas, no mundo atual.

As desordens daquele tempo se apresentam, hoje, sob novas expressões e manifestações às vezes despercebidas pelos menos atentos.

Antes mesmos de recorrer à riqueza dos ensinamentos de Jesus e ao potencial transformador do seu Evangelho, o cristão encontra em tão antigos textos bíblicos um enorme manancial de elementos para uma clara visão cristã do Homem e do Mundo.

COMO TRABALHAR COM O POVO

Clodovis Boff

Editora Vozes, 1984 – 118 págs.

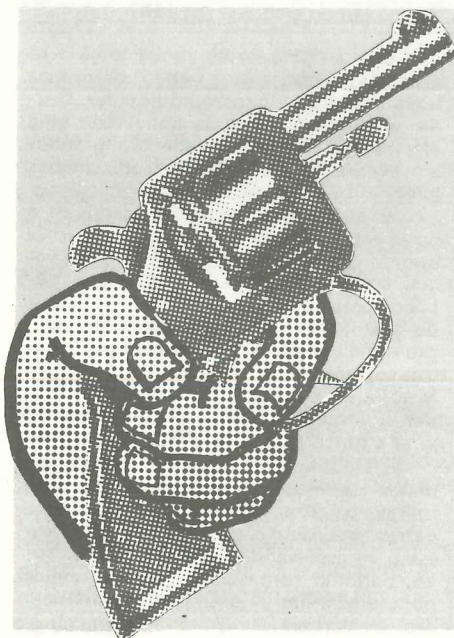
"Metologia do trabalho popular"

Está surgindo com muita força e se espalhando por toda a parte uma prática nova e fecunda de trabalho popular. Desde os anos 60, nunca se tinha visto uma efervescência e criatividade tão grandes em experiências e reflexões como nesses anos.

É que apesar de todas as crises, o povo está mais do que vivo. Dos porões onde o obrigaram a viver, irrompe às vezes, como uma toupeira, no cenário público, para grande espanto dos senhores do palco. Sim, porque o povo está sempre trabalhando, e hoje mais do que nunca, costurando o reverso do tecido da história, inventando novas idéias, atividades e projetos, para um dia finalmente virar a roupa pronta pelo lado certo.

De outra parte, um número cada vez maior de estudantes, políticos, padres, freiras, técnicos, profissionais liberais e outras pessoas das classes não-populares estão se associando à caminhada do povo, partindo com decisão para os meios populares a fim de aí trabalharem e mesmo se inserirem.

“A vida aqui não vale nada!”



A polícia tem duas hipóteses para o assassinato de seis homens e uma mulher, ontem de madrugada, em Vila Aliança, Bangu, e de um traficante em Padre Miguel, na Zona Oeste do Rio, vigância ou disputa por pontos de venda de drogas. A chacina ocorreu por volta de 1h30, quando 16 homens, em quatro carros e uma moto, invadiram a Vila Aliança e dispararam rajadas de metralhadoras, tiros de escopetas e de pistolas calibre 9 milímetros. Só uma pessoa escapou, o gráfico W.S.A., que levou quatro tiros. Por segurança seu nome está sendo mantido em sigilo pela polícia. O grupo seguiu depois para Padre Miguel, onde matou o traficante Silvio Faria de Melo, o **Borracha**, com vários tiros na cabeça.

Segundo testemunhas, a chacina pode ter sido executada por policiais, como vingança pela morte do PM Maurício, assassinado na véspera, em Vila Aliança, por dois homens fantasiados de **clóvis**. Os PMs prometeram voltar para vingar o amigo.

A segunda hipótese é que as mortes sejam resultado da luta pelo controle do tráfico de drogas em seis favelas de Bangu. Em um mês, a disputa entre os vários grupos pelos pontos de maior movimento já resultou na morte de 25 pessoas.

As oito mortes têm em comum o uso de armamento pesado, de vários calibres.

Os policiais só conseguiram arrolar testemunhas entre parentes das vítimas. Em Vila Aliança, os moradores têm medo de represálias.

“Aqui quem fala morre. Meu marido já está morto e o resto seja o que Deus quiser”, desabafou Maria Eduarda Santana, mulher de Ronaldo Santana, que teve a cabeça esfacelada por um tiro de escopeta. Abraçada aos filhos, Maíke, de 15 anos e Daniela, de 11, Maria Eduarda, chorava e pedia aos jornalistas que não fizessem perguntas. “Eles (os traficantes) sabem de tudo e são muitos. Depois do enterro vou sumir com meus filhos”.

Os pais de Ronaldo, Teresa e Ar-

mando, sentados num caixote próximo ao cadáver, lamentavam a morte violenta do filho. “Moramos aqui há quase 30 anos. Ele vendia peixe e fazia serviços de pedreiro. Gostava de carnaval e no domingo à tarde saiu satisfeito de casa com seu tamborim, para desfilar na bateria do bloco Boêmios da Vila Aliança. Não sabemos por que o mataram”, disse Armando.

Neusa da Conceição trabalhava como vendedora de roupas e na madrugada de ontem foi procurada pelo sobrinho, Alexandre, que lhe pediu um remédio para dor de cabeça. Neusa, temendo pela segurança do sobrinho, acompanhou-o até a esquina das ruas do Funileiro com Magistrado. Foi quando surgiram os carros com os assassinos e os dois tombaram com tiros na cabeça, costas e tórax.

Vila Aliança tem cerca de 20 mil habitantes e é um dos lugares mais pobres da Zona Oeste. Suas principais ruas são cortadas por valas negras e falta tudo, principalmente policiamento, o que facilita a ação de bandos organizados que disputam os pontos de venda de drogas. O tráfico é feito a qualquer hora do dia ou da noite e os traficantes aterrorizam os moradores, ameaçando de morte ou estupro quem os denunciar.

Na 34ª DP, os policiais reconhecem ser quase impossível um policiamento eficiente, porque são 48 favelas na região dominadas por bandidos, a maioria fugitivos de presídios. A venda de drogas, segundo os policiais, é facilitada pelo grande número de desempregados que, para ganharem algum dinheiro, se juntam aos bandos para **trabalharem** como olheiros, **aviões** (vendedores de drogas) ou **mulas** (os que transportam entorpecentes de uma favela para outra).

Esse é o dia-a-dia da cidade grande. Consequência da conjugação perversa da miséria do desemprego e das



condições desumanas de vida da maioria da população.

Os que vivem nesses cinturões de miséria das grandes cidades, não falam, para não serem mortos.

A classe média, bem comportada, virá o rosto, para não ver, tapa os ouvidos para não ouvir, e cerca suas casas com grades e alarmes. Então, todos se sentam, assustados, para discussões longas e bizantinas sobre a violência urbana.

E nada fazem para mudar o modelo infimo de sociedade injusta, do qual muitas vezes são cúmplices.

Nem mesmo percebem que essa iniquidade social é a verdadeira causa do seu medo e do sofrimento das vítimas da violência urbana.

“Os males que mais fazem sofrer são aqueles que não chegam a acontecer”.

(Thomas Jefferson)

Missão dos cristãos leigos no mundo

"Christifidelis Laicis", de João Paulo II.

Para avaliar plenamente este documento de João Paulo II, temos que inseri-lo no processo histórico da Igreja deste último século. Há toda uma caminhada dos movimentos leigos que vem do século passado (é só lembrar, por exemplo, Albert de Mun ou Toniolo) e principalmente a fecunda história da Ação Católica, fruto da intuição pastoral de Pio XI, tão importante no Brasil através dos movimentos de juventude (JUC, JOC, JEC...). Essas experiências permitiram que, em 1946, Pio XII dissesse: "Os leigos são a Igreja", como recorda o documento que analisamos. E com o Vaticano II todas essas práticas acumuladas foram expressadas como doutrina, para novamente relançar-se como experiência vivida, a fim de que "a maravilhosa 'teoria' sobre o laicato, expressa pelo Concílio, possa converter-se numa autêntica 'praxe' eclesial" (nº 2 do documento). É de ressaltar que "o Concílio, ultrapassando anteriores interpretações prevalentemente negativas, abriu-se a uma visão decisivamente positiva" (nº 9). Todos os que gostariam de esquecer os resultados do Vaticano II, certamente ficarão desiludidos, tantas e tão entusiasmadas são as referências de João Paulo II ao Concílio. Para quem, como o autor deste comentário, tem seguido o percurso dos movimentos leigos desde os anos 50, é uma alegria sentir como tantas experiências e a reflexão teológica que se foi fazendo, são agora recolhidas e reconhecidas pelo Magistério.

Mas se trata de ir adiante, sublinha o texto, em função de novos problemas, "nesta hora magnífica e dramática da história, no limiar do terceiro milênio" (nº 3). E aqui o tema é criativamente projetado, da problemática desafiante do

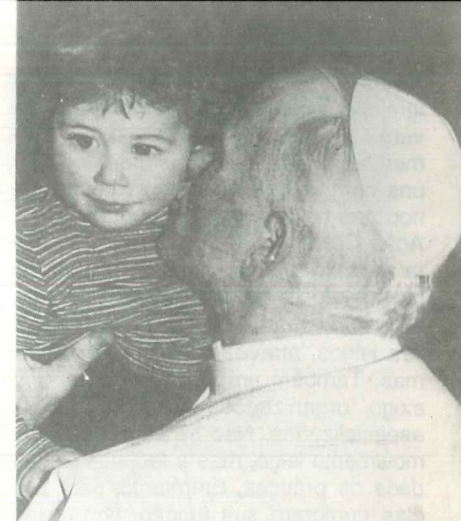
Luiz Alberto Gómez de Souza

presente, para os horizontes de uma nova era histórica que se esboça (menção ao milênio que vai começar). E esse fato nos leva a recordar que a atual estruturação da Igreja foi sendo elaborada na transição do primeiro para o segundo milênio, principalmente pela ação do Papa Gregório VII. Este, ainda monge itinerante na Europa de seu tempo (de 1050 a 1073), sentiu a necessidade de liberar a Igreja da tutela do poder político e econômico e desenhou um modelo que reforçou os "profissionais" do sagrado, os clérigos. A instituição ficou então mais livre de pressões externas e teve notável desenvolvimento. Mas, o que é positivo num momento histórico, pode enrijecer-se mais adiante. Essa Igreja dos sacerdotes foi deixando pouco espaço aos fiéis comuns (a maioria de seus membros) e os elementos eclesiais (do mundo dos clérigos) nem sempre permitiram a visibilidade de sua dimensão eclesial mais ampla (de toda a comunidade). A revelação da presença ativa do povo de Deus (expressão forte do Concílio) foi um dos grandes resultados de todo o percurso da Igreja nestas últimas décadas. Não estaremos vivendo agora as primícias de uma nova forma de Igreja ser, das quais o Vaticano II, com a **Lumen Gentium**, constituiria um dos inovadores pontos de partida? E os últimos Papas, também itinerantes, mas agora ao nível de todo o planeta, não estarão, a partir das práticas locais e regionais (pensamos na América Latina), preparando os caminhos para uma nova institucionalidade da Igreja na sociedade que vai nascendo? Neste contexto, aberto para o futuro, é que deveria ser lida esta Exortação Apóstolica sobre a vocação e missão dos fiéis leigos na Igreja e no

mundo.

Neste comentário me deterei na segunda dimensão: a presença no mundo. Este mundo não tem as fronteiras limitadas do Império Romano, como quando a Igreja apostólica se organizou para a aventura medieval, nem se circunscreve à Europa dos séculos seguintes mas, a partir dos tempos modernos, foi descobrindo sua vocação missionária nas amplas dimensões de toda a terra. Entretanto, agora, na transição de milênio, enfrenta problemas novos e sempre mais radicais: a modernidade está em crise, os horizontes da civilização são planetários, os desafios tornam-se cósmicos e, contraditoriamente, ainda perduram divisões e desigualdades a nível dos países e dos diversos setores sociais. Cresce a sensibilidade pelos direitos humanos, pela liberdade e pela prática democrática, ao mesmo tempo que permanecem dominações, injustiças e autoritarismos. A Igreja é chamada a ser sinal do Reino de Deus num mundo mais consciente, mais interligado e ao mesmo tempo atravessado por conflitos enormes. E os cristãos comuns, imersos no mundo, têm um papel fundamental para visibilizar aí a presença de Cristo, recapitulador de todas as coisas. Nesse amplo contexto se coloca o documento, ao lembrar os temas do direito à vida (nº 38), da caridade (nº 41), da justiça e da paz (nº 42) e da ecologia (nº 43).

Duas observações de ordem geral. Uma já vinha sendo uma preocupação constante nos textos de Paulo VI, Papa de penetrante sensibilidade e intuição e é aqui retomada por João Paulo II: "é deveras grande e diversidade das situações e das problemáticas que existem hoje no mundo, aliás caracterizado por uma aceleração crescente de mudança. Por isso, é absolutamente necessário precaver-se contra generalizações e simplificações indevidas" (nº 3). Não temos diante de nós o pequeno mundo greco-romano ou europeu. Nunca até então a catolicidade (isto é, a universalidade) foi ao mesmo tempo tão palpável e tão exigente. O documento



não traz receitas gerais, mas abre pistas de discernimento e levanta algumas questões centrais que devem ser continuadas e precisadas em contextos específicos, como aqui na América Latina, na caminhada que vem de Medellín (1968), Puebla (1979), preparando-se para o futuro "concílio regional" de Santo Domingo (1992). Nesses espaços pastorais mais delimitados o magistério da Igreja se faz concreto e articula o particular com as "linhas de tendência" mais gerais a que se refere o documento (nº 3). Por isso não encontramos na Exortação respostas para todos os problemas pastorais da região, mas indicações do magistério universal que devem ser aprofundadas nas diferentes situações.

Cabe aqui uma segunda observação que completa a primeira. Vivemos "no contexto de uma sociedade pluralista e fragmentada" (nº 29), caracterizada aliás do mundo moderno. Temos de aprender a conviver com pessoas que vêm de diferentes horizontes de sensibilidade e variadas posições. Os cristãos têm de exercitar o diálogo com membros de outros grupos religiosos e setores sem nenhuma referência ao

sagrado. Mas, no interior da própria Igreja, há também uma crescente diversidade de organizações e de movimentos que precisam saber conviver uns com os outros, sem pretender monopólios ou posições de precedência. A Ação Católica, por sua situação pioneira quando surgiu, foi à frente, como movimento "mandatado", isto é, oficial. Hoje são variadas as práticas dos setores leigos, através de diferentes carismas. Também um mundo fragmentado exige organizações diversificadas e especializadas. Não há uma receita de movimento leigo, mas a fecunda pluralidade de práticas. Entretanto, para que elas cumpram sua função, têm de se articular no conjunto de uma ação pastoral, seja a nível de toda a Igreja, seja no âmbito de uma igreja local. Autonomia e iniciativa não querem significar isolamento e ações paralelas, como insistiram alguns participantes do último Sínodo sobre os leigos (por exemplo, os Cardeais Lorscheider de Fortaleza e Martini de Milão).

Qual seria uma das principais responsabilidades dos cristãos leigos? "Neste contributo à família dos homens, de que é responsável a Igreja inteira, cabe aos fiéis leigos um lugar de relevo, em razão de sua "índole secular", que os empenha, com modalidades próprias e insubstituíveis, na animação cristã da ordem temporal" (nº 36). E em parágrafos anteriores o documento indica: "Os fiéis leigos são pessoas que vivem a vida normal no mundo, estudam, trabalham, estabelecem relações amigáveis, sociais, profissionais, culturais etc. O Concílio considera esta sua **condição** não simplesmente como um dado exterior e ambiental, mas como uma realidade **destinada a encontrar em Jesus Cristo a plenitude do seu significado**" (nº 15). E logo adiante podemos ler: os fiéis leigos "não são chamados a deixar o lugar que ocupam no mundo... Desta forma, o estar e o agir no mundo são para os fiéis leigos uma realidade, não só antropológica e sociológica, mas também e especificamente teológica e eclesial"

(nº 15). Já Pio XII, num encontro do apostolado leigo, na década de cinquenta, falara da "consagração do mundo".

Essa presença no mundo tem um eixo: a **pessoa humana**. Todo o documento é perpassado por uma orientação personalista e não podemos deixar de pensar no trabalho pioneiro de tantos, como Emmanuel Mounier, que há várias décadas insistiram nessa dimensão. Mas, como diz o documento, esta pessoa, ao mesmo tempo, tem sua dignidade espezinhada e exaltada. É necessário denunciar as múltiplas violações a que é submetida; o ser humano "fica exposto às mais humilhantes e aberrantes formas de 'instrumentalização', que o tornam miseravelmente escravo do mais forte. E o 'mais forte' pode revestir-se dos mais variados nomes: ideologia, poder econômico, sistemas políticos desumanos, tecnocracia científica, invasão dos 'mass media'" (nº 5). E o texto elenca os direitos fundamentais que a consciência contemporânea faz irrecusáveis: "o direito à vida e à integridade, o direito à casa e ao trabalho, o direito à família e à procriação responsável, o direito de participar da vida pública e política, o direito à liberdade de consciência e de profissão de fé religiosa" (nº 5). São os direitos humanos que se vão desdobrando, sempre mais, em diferentes dimensões, a partir da consciência histórica crescente dos homens.

A amplitude sempre maior da tarefa da defesa dos direitos da pessoa tem uma consequência da maior importância e que o documento ressalta num de seus parágrafos mais significativos: "O respeito pela pessoa humana ultrapassa a exigência de uma moral individual e coloca-se como critério de base, quase como pilar fundamental, na estruturação da própria sociedade, sendo a sociedade inteiramente finalizada para a pessoa" (nº 39). Supera-se um falso dualismo indivíduo-sociedade, para ver a pessoa inseparável de sua dimensão comunitária. "Assim, intimamente ligada à responsabilidade de **servir a pes-**



soa põe-se a responsabilidade de **servir a sociedade**" (nº 39). Longe vão os tempos de uma espiritualidade intimista e a-histórica. Transformar o mundo é uma tarefa a ser realmente levada a sério. Além disso, a caridade é realizada "não só pelos indivíduos, mas também de forma solidária pelos grupos e pelas comunidades" (nº 41).

Essa dimensão de caridade "runca" poderá estar dissociada da justiça" (nº 42). E isso encaminha a uma conclusão que o documento indica imediatamente depois: "os fiéis leigos **não podem absolutamente abdicar da participação na 'política'**, ou seja,

da múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o **bem comum**". Nada justifica "nem o ceticismo nem o absenteísmo dos cristãos pela coisa pública" (nº 42). Este parágrafo é da maior atualidade em nosso país, quando alguns setores parecem interessados em difundir pessimismos e desinteresse. Pelo contrário, a construção de uma sociedade aberta e democrática, tem de passar pela participação ativa de todos. O documento dá a esta lugar central no mundo de hoje: "o nosso é o tempo dos 'humanismos'... Sinal e fruto

dessas correntes humanistas é a crescente necessidade da **participação**. Sem dúvida, este é um dos traços característicos da humanidade de hoje, um autêntico 'sinal dos tempos' que está a amadurecer em diferentes campos e em diversas direções: no campo, sobretudo, das mulheres e do mundo dos jovens e na direção da vida, não só familiar e escolar, mas também cultural, econômica, social e política" (nº 5). E aqui as práticas pastorais latino-americanas, de compromisso com os pobres e os injustiçados, são exemplos eloquentes dessa participação e inserção dos cristãos na construção de um mundo mais justo e mais fraterno.

Esse compromisso leva a um resultado natural: "O serviço prestado à sociedade pelos fiéis leigos tem seu momento essencial na **questão econômico-social**, cuja chave é dada pela organização do **trabalho**". João Paulo II já desenvolvera esse tema em sua encíclica **Sollicitudo rei socialis**. Aqui tira as consequências realmente radicais da temática: "Entre os princípios fundamentais da doutrina social da Igreja encontra-se o do **destino universal dos bens**: os bens da terra são, do desígnio de Deus, oferecidos a todos os homens e a cada um deles como meio do desenvolvimento de uma vida autenticamente humana. A **propriedade privada** que, precisamente por isso, possui uma **intrínseca função social**, está a serviço desse destino" (nº 43). Inverte-se relação tantas vezes apresentada. Em lugar de justificar um abstrato e absolutizado direito 'sagrado' da propriedade, como fazem alguns, o Papa a subordina à destinação dos bens. As consequências para uma política econômica de propriedade, tanto rural como urbana, são evidentes. A concentração aberrante da propriedade nas mãos de uns poucos é uma violação a essa destinação universal. Por isso, o eixo do direito na dimensão econômica não passa pela propriedade mas pelo trabalho: "o **trabalho** do homem e da mulher representa o instrumento mais comum e mais imediato pa-

ra o progresso da vida econômica, instrumento que constitui simultaneamente um direito e um dever de cada homem" (nº 43).

Mas o documento vai além da relação homem-sociedade e se abre a uma outra dimensão que a sensibilidade dos últimos anos vai desvelando e precisando: "Em relação com a vida econômica-social e com o trabalho, levanta-se hoje, de forma cada vez mais aguda, a chamada **questão 'ecológica'**" (nº 43). Por isso, "nas relações com a natureza visível, nós estamos submetidos a leis, não só biológicas mas também morais, que não podem impunemente ser transgredidas. Uma justa concepção do desenvolvimento não pode prescindir destas considerações – relativas ao uso dos elementos da natureza, às possibilidades de renovação dos recursos e às consequências de uma industrialização desordenada –, as quais propõem uma vez mais à nossa consciência a **dimensão moral**, que deve distinguir o desenvolvimento" (citação da **Sollicitudo**, retomada no documento, nº 43). Vemos aqui o magistério da Igreja acolhendo propostas dos movimentos ecológicos, como direitos novos e uma nova ética que relacionam homem e natureza nestes tempos planetários que vão surgindo.

Se pudéssemos encontrar uma ponte para articular homem, sociedade e natureza, poderíamos falar nas sempre mais abrangentes dimensões do **direito à vida**, tão central em todo o texto. O documento começa pela inviolabilidade da vida humana, como "primeiro e fontal direito, condição de todos os outros direitos da pessoa" (nº 38). Direito "**em todas as fases** de seu desenvolvimento, desde a concepção até a morte natural, e **em todas as suas condições**, tanto de saúde como de doença, de perfeição ou de deficiência, de riqueza ou de miséria" (nº 38). E esse direito à vida se estende a todos os homens e a todos os seres, na direção de uma espiritualidade que Francisco de Assis desenvolveu há vários séculos. Desde esse ponto de

Adolfo Grimberg



vista a vida anima não apenas os homens mas toda a obra da criação, em dores de parto de seus infícios até hoje (Rm 8, 22).

Muitas outras observações poderiam ser feitas. Um lugar particular é dado à responsabilidade frente à produção e à transmissão da **cultura**, "uma das mais graves tarefas da convivência humana e da evolução social". Cultura que é "bem comum de cada povo, a expressão de sua dignidade, liberdade e criatividade; o testemunho de seu percurso histórico. Em particular, só dentro e através da cultura é que a fé cristã se torna histórica e criadora de

história" (nº 44).

Podemos concluir voltando às observações iniciais. Este documento recolhe os resultados das práticas pastorais das últimas décadas e abre caminhos para novas iniciativas que certamente serão retomadas em documentos seguintes, uma vez testadas e amadurecidas. Não é um catálogo de receitas, mas um desafio à inovação e ao compromisso. Compete a cada um de nós e aos diferentes movimentos leigos, fazê-lo fecundo e de efeito multiplicador, em tempos de experimentação e de criação constantes, nesta esperançosa transição de milênio.

Pegadas de um leão

Eurico de Andrade Neves Borba*

Em 1891, há quase um século, presentindo a inexorável aceleração do processo histórico, com suas extraordinárias potencialidades de conquistas para a civilização e imensas oportunidades de opressão e injustiça para os homens e mulheres, SS, o Papa Leão XIII deu a conhecer ao mundo sua encíclica **Rerum Novarum** ("A sede de inovação...").

Na história da Igreja católica, depois do Concílio de Trento (1543-63) e do Concílio Vaticano II (1963-65), poucos acontecimentos tiveram tal importância como a divulgação da **Rerum Novarum**. A encíclica redescobriu para a Igreja o caminho do povo, dos mais humildes; apontou a obrigação moral das sociedades providenciarem uma política e uma legislação sociais, e, com o pensamento basicamente fixado nos operários oprimidos, defendeu de forma inequívoca o direito da associação (sindicalismo) como exigência mesmo do direito natural.

Daquela data até nossos dias, o magistério social da Igreja tem sido fecundo em contínuas explicações e aprofundamentos daquilo que se convencionou chamar de doutrina social da Igreja. Os sucessores do **Papa dos operários** vêm se pronunciando com frequência crescente sobre os problemas sociais dos nossos tempos.

Não há como negar que todo o Ocidente é uma grande sociedade com um substrato cultural judaico-cristão – em boa parte católico. Por circunstâncias históricas de dominação colonial, imperialismo econômico, a cultura ocidental também influenciou a sociedade oriental. Vários autores, estudiosos dos movimentos

políticos e sociais deste século, afirmam que o próprio marxismo e seus movimentos tributários só tiveram sucesso por terem suas idéias frutificado no campo fecundo da cultura judaico-cristã que, há séculos, preparava corações e mentes para os ideais de liberdade, justiça, bem comum, fraternidade, democracia, paz, desenvolvimento integral e solidariedade.

Não só a presença da Igreja como testemunho evangélico, mas a gradual e persistente pregação de valores morais impregnaram a maneira de ser das pessoas e grupos, acompanhando o lento progresso da civilização, passando a fazer parte integrante de uma cultura praticamente universal.

A profunda e duradoura influência do ensinamento social da Igreja, direta ou indiretamente, nos rumos da história contemporânea está apenas começando a ser estudada e percebida. As transformações estruturais sofridas pelo capitalismo e pelo socialismo do século XIX até nossos dias, na direção do liberalismo e socialismo democráticos, a emergência cada vez mais vigorosa da proposta social-democrata, tem a marca inquestionável da crítica, de reflexão e das propostas da doutrina social da Igreja.

Os acontecimentos realmente sérios e importantes requerem sobriedade. A Igreja não reclama direitos autorais, nem cobra **royalties...**

A contribuição de outras correntes, não cristãs, aos temas básicos da ação social neste século são evidentes, importantes e mesmo decisivas. Mas sobressai, sempre, pela permanência e coerência, pela densidade da reflexão filosófica e teológica que a fundamenta, a proposta da Igreja católica. A singularidade da mensagem social católica e o crescente respeito e atenção que as sociedades lhe conferem reside na sua universalidade, na sua permanente atualidade. Não é, nunca pretendeu ser, um pro-



grama partidário para um país, num dado momento histórico. E, sempre foi, um apelo radical, uma exortação inegociável em prol do homem integral, da promoção da sua natureza transcendente, suas exigências, seus direitos inatos, seus deveres como ser social.

Neste final do século presenciamos o vendaval de liberdade que sopra no leste europeu. A América Latina, há pouco, com outra intensidade, viveu momentos semelhantes. A África do Sul, Albânia e China breve juntar-se-ão à comunidade dos novos contestadores – e já dão mostras de suas intenções. O mundo todo vive a expectativa de uma nova era. Não se pode, ainda, visualizar o que está por vir – apenas despontam alguns vetores indicativos de tendências, cada vez mais globalizantes e universais em um mundo que se conscientiza do seu destino comum.

Que caminhos as sociedades percorrerão nesta nova etapa da civilização?

O mundo parece procurar, num tatear um tanto incerto, mas com crescente interesse e confiança, formas de cooperação intra e internacional. A medida das mudanças deverá ser a liberdade, a participação, a paz, a justiça e a proteção do meio ambiente. A eficiência, a competência, a produtividade, o progresso científico e tecnológico, o acesso aos

bens da cultura deverão ser ingredientes ditados pela racionalidade, sem ideologismos estereis e ultrapassados. A capacitação individual será pré-requisito não só do desenvolvimento global mas, principalmente, uma exigência da cidadania consequente e irrecusável.

Tudo indica que a Igreja continuará a apontar, cada vez com maior insistência, alguns princípios perenes: as condições necessárias para que todos os homens possam desenvolver plenamente as potencialidades de sua natureza racional, livre e social; os critérios para o exercício da justiça; a prevalência dos valores morais; o exercício da caridade; as exigências da liberdade, da fraternidade, da solidariedade, da democracia, da participação, a defesa do direito ao emprego e das condições dignas do trabalho. Quanto a este último ponto, é notável a contribuição dada por João Paulo II, na sua Encíclica **Laborem Exercens**, em que redirecionou, com precisão, a discussão sobre a propriedade. E o faz para tema central do trabalho; o mais evidente instrumento de realização integral do homem. É pelo trabalho que o homem participa da criação, relaciona-se com o mundo e com os seus semelhantes. O trabalho nas suas múltiplas manifestações é a expressão mais pura e sublime de uma natureza distinta dos demais seres do universo.

Como no passado e no presente, o futuro estará atento às palavras daquela que "mãe e mestra", "perita em humanidade", continuará a servir ao "homem todo e a todos os homens", pondo, cada vez mais em evidência, todas as implicações daquela encíclica que, há 100 anos, indicou para uma humanidade perplexa e imobilizada pela sedução de teorias immanentistas a promissora trilha marcada pelas pegadas de um leão...

* Vice-reitor de Desenvolvimento da PUC/RJ

O que estão fazendo com as crianças?



Antes de o leitor chegar ao fim deste texto, considerando-se que o tempo médio de sua leitura é de 2 minutos, 54 crianças de até 5 anos terão morrido, ao redor do mundo – leia-se, mundo em desenvolvimento. Quatorze milhões de crianças nessa faixa etária morrem por ano. Isso equivale dizer que 38.350 morrem por dia, 1.600 por hora, 27 por minuto. E 60% dessas mortes são causadas por doenças facilmente evitáveis, por vacinas ou tratamento de muito baixo custo: desidratação, sarampo, tétano, coqueluche e pneumonia.

Estas informações constam da publicação "Situação Mundial da Infância 1991", um relatório anual do Unicef, entidade das Nações Unidas para a infância. Chamada de catástrofe silenciosa, a situação detectada pelo Unicef dobra-se em outras constatações dramáticas, como a de que uma em cada três crianças do Terceiro Mundo não pode desenvolver seu potencial físico e mental. Quanto às soluções, o Unicef é incisivo: "Acabar com a catástrofe silenciosa não é questão de falta de recursos mas, sim de compromisso pessoal e vontade política dos líderes mundiais e da sociedade organizada", afirma o relatório.

Um dos mais significativos aspectos do relatório é uma comparação entre as expectativas que cercam uma criança do Primeiro Mundo e outra do Terceiro. Por ela se fica sabendo que, de cada cem crianças nascidas no planeta, 12 são do Primeiro Mundo, e essas doze não só sobreviverão, como nove delas concluirão o segundo grau. Já entre as 88 que nascem em países pobres, só 79 sobreviverão aos cinco anos, e não mais que 23 concluirão o segundo grau.



Foto: Luiz Carlos Murauskas

A CATÁSTROFE SILENCIOSA

Atualmente, segundo o Unicef, cerca de 14 milhões de crianças menores de cinco anos morrem anualmente no mundo em desenvolvimento – mais de 250 mil a cada semana. As causas de mais de 60% dessas mortes são cinco doenças evitáveis por vacina ou por tratamento de baixo custo: desidratação diarreica, sarampo, tétano, coqueluche e pneumonia. O relatório alerta ainda para as 500 mil mulheres que morrem a cada ano – uma mulher a cada minuto – porque alguma coisa corre mal durante a gravidez e o parto. Uma em cada três crianças no mundo em desenvolvimento não pode desenvolver seu potencial físico e mental devido à desnutrição crônica. Mais de um terço de todas as famílias das áreas rurais do mundo em desenvolvimento não têm acesso a água limpa e metade não dispõe de saneamento adequado.

Quanto ao aspecto educacional, o Unicef mostra que apenas 55% das crianças do mundo em desenvolvimento completam quatro anos de escola primária. O Unicef estima ainda que 80 milhões de crianças são exploradas em seus locais de trabalho e que, destas, 30 milhões têm que cuidar de

sua própria subsistência pelas ruas das cidades.

O relatório do Unicef sobre a Situação Mundial da Infância 1991 denuncia ainda um escândalo: hoje, no mundo inteiro, há cerca de 250 mil crianças que ficam cegas, a cada ano, devido à falta de vitamina A, que custa menos de dois centavos de dólar. O custo para se atingir as metas em todos os países em desenvolvimento, prevê o Unicef, está estimado em US\$ 20 bilhões por ano – o que representa praticamente o mesmo montante de recursos consumidos a cada dez dias em gastos militares no mundo de hoje.

Para se obter os US\$ 20 bilhões necessários ao cumprimento das metas traçadas, o Unicef aponta os caminhos: uma pequena redução nos gastos militares naqueles países onde são elevados; a conversão da dívida externa de países em desenvolvimento em investimentos sociais voltados para as crianças; revisão de prioridades e redirecionamento de recursos que desloquem as verbas destinadas a serviços de alto custo – que atendem a poucos – para serviços de baixo custo, que atendem a muitos.



O carnaval
fixado
por Debret,
século
passado

Carnaval: entre a libertação e a alienação

Itamar Bonfatti

A santa e pecadora Igreja dos Homens, muitas vezes em sua caminhada de Povo de Deus pela terra, tem sido sal e fermento. Em outras, identificando-se com o meio para melhor arrumar a Palavra de Deus. Não pouco atropelou a cultura dos povos de missão do mesmo modo que não pouco também se identificou com a mesma cultura. Com o passar dos séculos – e bota século nisso! – ela foi se amoldando ali, se ajeitando aqui, fazendo concessões acolá – algumas honrosas e outras vergonhosas, pra que negar? – mas de um modo geral mantendo média de ganhos. Sobre tudo quando se tratava de emprestar sabor cristão às coisas pagãs, com vistas a incorporá-las posteriormente. Isto aconteceu com tanta coisa, tantos povos, tantas culturas! E por que não haveria de acontecer com o Carnaval, chamado “caro vale”, nos seus primórdios?

40

Como se recorda, tratava-se de uma festa popular ligada às Festas Saturnais. Realizavam-se em dezembro e homenageavam o deus Saturno, divindade romana da agricultura. Promoviam-se banquetes populares, sorteios e trocas de presentes entre pessoas amigas e até mesmo concedia-se liberdade provisória a escravos. Como tantas outras festas religiosas pagãs, aconteceu com as Saturnais o fenômeno da sua absorção pela tradição cristã que com o tempo passando, naturalmente, emprestou-lhe uma outra conotação e sentido. Uma vez aculturada, o povo deu-lhe o nome de “caro vale”, do latim, “adeus à carne”, considerando as comemorações que se iniciavam na Epifania e terminavam somente na Quarta-feira de Cinzas, começo de quarentena, quando todos deveriam se dedicar ao jejum e abstinência de carne.

O Carnaval foi trazido para o Brasil pelos nossos colonizadores. Teve início nas ruas, seguindo as primitivas origens onde se manifestava através de brincadeiras inocentes, indo a trotes grosseiros! Por influência francesa apareceram em 1834 as máscaras, tradição essa que sempre estava ligada ao culto dos mortos. Para fugir às inconveniências do populacho que jogava água nos transeuntes, foi promovido em 1840, no Rio de Janeiro, o primeiro Baile de Carnaval, portanto folguedos em ambiente fechado. Seis anos mais tarde surge o “Zé Pereira”, uma multidão tocando bumbos e tambores, cantando aquela doce e irreverente marchinha que todos os brasileiros conhecem desde a sua infância... Ainda na capital do Império – afinal da Corte sempre se ditavam modas e costumes – em 1888 sai o primeiro “cordão carnavalesco”, com forte influência africana: a Sociedade Carnavalesca Triunfo do Cucumbi. Surge posteriormente o fenômeno do “bloco sujo”, em 1904, acompanhado por um “terrível escândalo” homens se vestindo de mulher em plena... via pública, fato ofensivo demais para a sociedade excessivamente puritana da época!

Com o advento do automóvel aparecem os “corsos”, carros de capota arriada, andando em filas e mostrando o “socialite” da época desfilando motorizado no meio do povão. Finalmente, em 1926 – teria iniciado aí a descaracterização do Carnaval como festa popular? – certa empresa de turismo estrangeira promovia vinda de turistas para conhecerem a “festa carioca”. Contudo, em muitas capitais – principalmente no Nordeste e nas Comunidades menores de todo o País – o Carnaval continua sendo festa popular que se cala na Quarta-feira de Cinzas, com uma presença de religiosidade popular, às vezes forte, às vezes já diluída. Não é portanto coincidência a manifestação mais sensível do Carnaval europeu acontecer em países de origem católica, sobretudo na Europa do Mediterrâneo, onde esta marca religiosa é maior.



Também não é mera coincidência acontecerem entre nós, maiores tradições e raízes carnavalescas nas regiões ou cidades onde a Igreja se fez histórica e culturalmente mais presente. Sobre tudo nos tempos dos ontes de Brasil Colônia e Império.

No próximo “caro vale”, antes de você cair no samba ou mesmo ao ouvir maravilhas que saem de dentro de uma cuíca – ou quem sabe de um tamborim? – lembre-se desta caminhada do Povo de Deus – dos primeiros contatos com as Saturnais até as manifestações populares carnavalescas de hoje, sinal de comunhão e mistério da Igreja comprometida com a libertação e ao mesmo tempo comprometida com a alegria do povo. Igreja que, numa aparente contradição, faz brotar mártires nas lutas e ao mesmo tempo se manifesta na descontração carnavalesca, nas ruas de nosso país. Reflitamos sobre isto, porque tais fatos fazem parte da história do povo brasileiro, fatos esses que muitas forças e interesses desejam apagar. Afinal isto sempre facilitou e facilitará a dominação! Além do mais... são coisas que a Riotur não diz pra ninguém!

41

Proposta

É importante insistir em época de crise que só a democracia promove o desenvolvimento e que os milagres autoritários só beneficiam alguns santos. Por isso creio que para sair da crise em que nos encontramos é essencial:

1. Recuperar a credibilidade da política.

Se é através da política que podemos construir uma sociedade democrática, a credibilidade é a chave para a eficácia da ação política. Sem credibilidade não há política econômica possível, não há plano que dê certo, tiro que acerte, juiz, governador ou congresso que se salve. A credibilidade não depende tanto do número de programas de televisão em cadeia nacional, mas da coerência entre as propostas e medidas anunciadas e seus resultados concretos. Uma inflação zero que não se realiza reduz a credibilidade. Uma medida negada enfaticamente na segunda e realizada na terça sem nenhuma explicação corrói a credibilidade. A credibilidade também não se mede pela negação sistemática dos erros cometidos e pela insistência em convencer toda a sociedade de que o governo só acerta. Ao contrário, a credibilidade política pode se desenvolver muito mais através dos próprios erros reconhecidos publicamente.

Os novos governadores podem contribuir para a recuperação da credibilidade da política inaugurando novas práticas, realizando seus programas de governo, praticando efetivamente a autonomia assegurada pela Constituição. O novo Congresso pode recuperar sua própria credibilidade, tomando a iniciativa de legislar, de definir as políticas a serem implementadas pelo Executivo, contendo a fúria legisferante do governo, fazendo a revisão Constitucional

Herbert de Souza

Sociólogo secretário-executivo do Ibase

e lutando para que a política se submeta à lei e à ética.

Sem recuperarmos a credibilidade da política, a única coisa que vai prosperar no Brasil vai ser o autoritarismo, o sofrimento e a destruição do que nos resta de esperança.

A reforma do Estado é parte integrante e fundamental da recuperação da Política. É necessário desprivatizar o Estado tornando-o democrático, eficiente e a serviço dos interesses públicos. É necessário superar tanto o estatismo autoritário como a demissão do poder público em assumir suas responsabilidades urgentes e inadiáveis.

2. Desarticular os cartéis e monopólios.

O caminho mais curto para combater a inflação, estabilizar a economia e desenvolver o país é o combate aos cartéis e monopólios. Se não se controla quem controla os preços não há política de estabilização que dê certo, nem plano ou pacote econômico que funcione. Todos nós sabemos que a economia brasileira é cartelizada e que todos os fracassos dos planos de estabilização até agora se devem à ação e à reação dos cartéis. Quem ataca os cartéis agora é o próprio presidente, que até agora fala, fustiga mas não age efetivamente.

Aqui está a questão crucial, ou a questão da encruzilhada. Se o governo quiser combater a inflação sem desarticular os cartéis e monopólios, estará submetido a atores que não só produzem a inflação como se beneficiam dela em qualquer circunstância. Fica evidente que nenhuma lei de mercado aqui irá funcionar sem passar pelas decisões tomadas por um conjunto de conglomerados que ditam as condições de funcionamento do chamado mercado. Mas esse combate não pode se dar só



nos gabinetes de Brasília. Ele deve estar inscrito na legislação. Os novos governadores não podem simplesmente dizer que os cartéis constituem uma questão federal e fechar os olhos a sua existência. Devem também entrar nesse campo. A sociedade brasileira deve conhecer o quanto a economia e o poder estão cartelizados e deve ser amplamente mobilizada para colaborar nessa luta essencialmente democratizadora.

Se o governo quer efetivamente atuar contra os cartéis, como afirma, poderia mostrar em cadeia de televisão o mapa da cartelização, dar nome aos bois, propor medidas concretas de desarticulação dos grandes conglomerados, submetê-los à legislação. Agindo assim, poderia contar com o apoio da sociedade para esse combate. Aqui é bom lembrar também da cartelização da mídia eletrônica, que é uma concessão do poder público entregue ao total arbítrio de algumas poucas empresas privadas. O presidente sabe muito bem disso.

Na questão dos cartéis será testada a vontade política de quem entrar

nessa luta: é um confronto pesado entre os donos do poder econômico a nível nacional e internacional (incluindo os donos da terra) de um lado e a sociedade brasileira de outro (incluindo os milhões de descamisados que votaram no presidente).

3. Distribuição de renda e geração de empregos.

O Brasil deixou de ser conhecido como oitava economia do mundo para ser o quinquagésimo país em desenvolvimento humano, segundo o relatório das Nações Unidas publicado em 1990. O que temos a apresentar é uma minoria que vive como se estivesse no Primeiro Mundo e a maioria que vive entre as linhas da pobreza e da indigência. O país é negavelmente rico. A população é miseravelmente pobre. Políticas de distribuição de renda e de geração de empregos se impõem como prioridade absoluta. O governo federal pode atuar nesse sentido, junto com o Congresso, através de uma política salarial que devolva o poder de compra dos trabalhadores, de uma política fiscal, que incida sobre as grandes fortunas, heranças, terra e bens acumulados à custa da

especulação e dos recursos públicos, e da Reforma Agrária. O governo pode atuar também através de políticas sociais no campo da saúde pública, educação, saneamento e transportes coletivos. É preciso dizer que distribuir renda no Brasil é promover o desenvolvimento e não impedi-lo, como foi dito por Delfim no passado da ditadura, com a famosa teoria de que era preciso primeiro fazer crescer o bolo para depois dividi-lo. Distribuição de renda é condição de ampliação do mercado interno, do consumo, da produção.

Essa tarefa deve ser assumida também pelos novos governadores. Mais projetos de desenvolvimento, mais estímulos a atividades produtivas, mais geração de empregos.

O Congresso deve assumir a tarefa de desenhar um novo Brasil, justo e democrático, onde a distribuição da renda e o emprego definam as condições do exercício da cidadania. O Brasil não pode continuar sendo um grande pobre à espera de uma grande esmola.

4. Combate direto a situações limites de miséria.

Enquanto se desenvolvem as ações de caráter estrutural e dado que chegamos a algumas situações limites intoleráveis e insuportáveis, é fundamental também que os governos e a sociedade se mobilizem para fazer frente à fome que atinge hoje cerca de 40 milhões de pessoas, particularmente nas grandes cidades e no Nordeste. Enfrentar situações de emergência com medidas de emergência é algo, infelizmente, inevitável. Quem está morrendo de fome não pode esperar os efeitos da reforma agrária ou os resultados da política de distribuição de renda. A grande questão aqui é transformar a emergência em uma ação que atinja quem necessita, através de mecanismos efetivamente públicos, sem paternalismo e exploração político-eleitoreira. Esse caminho pode ser encontrado com a participação ativa da sociedade organizada e das instituições que mantêm uma relação direta e honesta com a população. O objeto primordial dessa



ação devem ser as famílias e nelas as crianças.

5. Submeter efetivamente a questão da dívida externa às condições e prioridades do desenvolvimento.

O Brasil na verdade não tem como atender a duas prioridades ao mesmo tempo. Com 1 bilhão de dólares o Rio de Janeiro pode urbanizar e humanizar todas as suas favelas. Com esse valor o Brasil não consegue atender às exigências dos banqueiros internacionais em relação aos juros. Manter o princípio de que a dívida não será paga à custa das prioridades nacionais é um princípio correto e que necessita ser levado às últimas consequências práticas.

6. Mudar o regime, implantar o parlamentarismo.

Finalmente, é fundamental começar agora a discutir o parlamentarismo como caminho para a democratização do poder político e de todas as suas instituições, incluindo os partidos políticos. O presidencialismo no Brasil tem sido sistematicamente o modo do exercício do clientelismo, do paternalismo e do autoritarismo que constitui a nossa história. A centralização do poder exclui e impossibilita a participação eficaz da cidadania. O poder tem demonstrado

uma grande capacidade de corromper, deturpar e consumir energias, projetos e idéias na espiral de seu fogo fátuo. É preciso acreditar na eficácia das soluções discutidas, negociadas, explicadas, assumidas e praticadas de forma livre e consciente. A imposição, a surpresa que paralisa no primeiro momento, o golpe, tem vida curta e fim desastroso. Parlamentar é construir acordos, aprofundar participação, responsabilidades. O poder autoritário gosta de decisões tomadas em segredo. O Parlamentarismo é público e aberto, é propício ao exercício da cidadania e da ética. O Brasil só será maduro com o parlamentarismo, e ele não pode vir como golpe de minorias, mas como decisão consciente da sociedade, em plebiscito.

Os governadores que aspiram à presidência da República deveriam refletir muito antes de colocar seus interesses pessoais acima dos caminhos da democracia.

Recuperando a credibilidade da política, reformando o Estado, desarticulando os cartéis e monopólios (condição da liberdade econômica), distribuindo a renda e gerando empregos, atacando as situações limites de miséria, paralisando a evasão da riqueza para o sistema financeiro internacional e implantando o parlamentarismo, teremos criado as condições essenciais para desenvolver o país, superar nossos impasses e chegar à democracia. Não será exatamente esse o caminho que o Brasil deseja trilhar?



Gildo Lima

Para muitas crianças e adultos que trabalham nos canaviais do Recôncavo Baiano, não houve o que comemorar no Natal. Sequer eles conseguiram comer alguma coisa no dia 25. Como não houve trabalho nesse dia, por causa das chuvas da véspera, não receberam alimentação. Manoel Luís de Oliveira, de 14 anos, voltou ao canavial na quarta-feira de manhã com apenas o jantar servido na segunda-feira à noite pela Usina Nova Aliança: um prato de arroz com pedaços de carne, ao qual foi dado o nome de ceia de "Natal". Menores como Josué Geraldo Torres, de 10 anos (foto), têm como único brinquedo o facão com o qual, diariamente, entre 5h e 18h, ajudam os pais no corte de 4 toneladas de cana, sem receber remuneração alguma.

Matrimônio é sacramento?

Helio e Selma Amorim

Um teólogo, num curso para bispos, perguntou-lhes:

"Quantos casamentos celebrados nas suas dioceses serão mesmo um Sacramento?"

As respostas variaram de 20%, para os pessimistas, a 50%, para os otimistas.

O fato é real. E a avaliação, certamente, realista.

Isso quer dizer que a maioria dos casamentos celebrados nas igrejas, com ou sem pompas e flores, não deve ser um Sacramento, na perspectiva cristã. Poderia até ser sacramento (sinal) do infantilismo religioso dos pais dos noivos ou da subordinação da fé às imposições sociais vazias de sentido religioso. Ou sacramento do poder, da riqueza e do prestígio social das famílias dos noivos. Arma-se, então, uma festiva coreografia, com a fácil cumplicidade de muitos figurantes e do próprio celebrante.

"O que diriam os nossos amigos, se nossos filhos não se casassem na igreja, sabendo que somos uma família cristã?"

Parece-nos que essa prática tão difundida não ajuda o amadurecimento da fé e da religiosidade dos cristãos. O que se percebe ou suspeita como falso, com aparência de verdade, passa a idéia de que celebrações religiosas não têm muita seriedade. Se um sacerdote proclama, solenemente, que "isto é um Sacramento do Senhor", e todo mundo (ele inclusive) desconfia que não seja, a celebração passa a ser entendida como uma cena de teatro, onde os atores interpretam personagens que não existem, envolvidos numa trama que não aconteceu.

No entanto... a união de um homem e uma mulher, pelo casamento, pode muito bem ser um Sacramento, sinal do

amor de Deus, ainda que sinal imperfeito, na justa medida das limitações humanas dos que o assumem como tal.

Quais serão, então, as características de uma união que a fazem sinal (sacramento) do amor de Deus?

Em primeiro lugar, naturalmente, se um homem e uma mulher querem assumir a sua união como Sacramento, devem saber o que isso significa: sacramento (sinal) de que? E logo que tenha consciência do que se trata, é indispensável que investiguem como é esse amor de Deus, do qual o seu próprio amor pretende ser sinal. Para isso, será preciso conhecer o Deus da Bíblia, o Deus de Jesus Cristo, talvez bem diferente das falsas imagens herdadas de uma catequese falha e distante. Assim, poderão chegar mais perto da compreensão de como Deus nos ama: amor gratuito e fiel, amor-doação-serviço, que respeita o outro, como diferente e original, sem dominá-lo ou manipulá-lo, amor que é capaz de levar a dar a vida por quem se ama, que humaniza o outro, apoia o seu crescimento como pessoa e a realização das suas potencialidades. Amor que supõe uma profunda relação interpessoal, dialogal, de revelação mútua, que se expressa em atos concretos e em gestos simbólicos, que não se fecha sobre si mesmo, mas está aberto a todos os homens, comprometido com a história humana, na qual intervém, sempre em favor dos mais fracos e desumanizados.

É assim que Deus nos ama. E é preciso conhecer e deixar-se fascinar por esse amor, se se quer tomá-lo como modelo.

Esse quadro referencial fica completo se se entende que a união do homem com a mulher, para constituírem uma família e serem uma só carne, faz parte do plano de Deus para o Homem,

ao criá-lo, como apresentado no poético relato do Gênesis.

E agora?

Num segundo momento, os que se casam avaliam se o seu amor estará sendo um reflexo, ainda que pálido e imperfeito, do amor de Deus, assim entendido. Talvez não seja, e é bom que o reconheçam. Ou perceberão que aquelas características do amor de Deus estão presentes no seu amor, em grau muito discreto e tímido. Mas estão dispostos a tomá-lo como modelo, conscientes de suas limitações humanas, dos tropeços e quedas, recomenços e reparações que acontecerão, desde que assumirem o seu projeto de vida, nessa perspectiva. São então levados a compreender que a aproximação a esse modelo de amor tão exigente será um processo lento e gradual. Acompanhará o processo de amadurecimento global dos dois, como pessoas, em todos os planos da sua natureza: psíquica, afetiva, social, espiritual. E que nessa aproximação progressiva precisarão de apoio da comunidade em que estarão inseridos, especialmente a comunidade cristã, que conhece o modelo de amor que assumem na sua união.

Assim, chegamos ao terceiro momento: o homem e a mulher que assumem esse projeto de vida convocam a comunidade para anunciá-lo e proclamarem que o seu amor já é um sinal (sacramento), ainda que imperfeito, do amor de Deus, que assumem como modelo. Pedem, então, à comunidade, que os ajude a vivê-lo como tal, a crescerem nesse amor, aproximando-se, sempre mais, do modelo escolhido.

A comunidade cristã, reunida, muito consciente sobre o que lhe está sendo pedido, responde e assume a responsabilidade de ajudá-los efetivamente nessa caminhada. Um pacto se estabelece entre a comunidade cristã e o casal. A nova família terá o apoio carinhoso e atento de todos, e isso é anunciado com grande alegria. Então, o sacerdote, em nome da comunidade reunida em torno do casal, sinceramente convencido de que as palavras revelam a verdade presente no coração de todos, proclama, solenemente, que essa união é um Sacramento do amor de Deus. E anuncia que a Graça de Deus estará sempre presente nessa união, atuando através dos gestos concretos com que o casal expressará o seu amor, e do apoio da comunidade cristã

solidária e comprometida.

O amor, assim assumido, faz indissolúvel a união do casal. A indissolubilidade não é uma imposição legalista mas o reconhecimento da natureza mesma de uma união fundada no amor que se proclama como Sacramento do amor de Deus.

Este é o sentido da bela celebração, tão comprometedora para todos os que dela participam. Pompas e luxo, em vez de embelezá-la, podem ocultar ou camuflar o seu verdadeiro sentido. A celebração não é um acontecimento mágico. O Sacramento não é dado, não cai do céu. Ele simplesmente existe, como decorrência da natureza e qualidade da união assim assumida, numa perspectiva de fé. O que ocorre na celebração comunitária, é a sua proclamação, o seu público reconhecimento, para que todos se alegrem e assumam a sua parte de responsabilidade no projeto de vida anunciado pelo casal.

É possível que o grau de sacramentalidade daquela união seja ainda discreto e limitado. Mas existe todo um potencial de crescimento dessa sacramentalidade que acompanhará o processo de amadurecimento global dos que se uniram, apoiados pela comunidade e pela Graça de Deus, presente em suas vidas.

Ora, se entendemos dessa forma o Sacramento do Matrimônio, é urgente repensar a preparação dos que se casam e a própria liturgia da celebração. Também se compreenderá o papel dos movimentos e da pastoral da Igreja que se ocupam da família.

PREPARANDO O ANÚNCIO DO SACRAMENTO

A preparação é necessária, para que a celebração não se reduza a uma representação teatral. Trata-se de oferecer, aos que vão se casar, todos os elementos que lhes permitam avaliar se o seu amor é reflexo, ainda que pouco luminoso, do amor de Deus. Só eles poderão fazê-lo. Mas, para isso, será preciso revelar-lhes como Deus nos

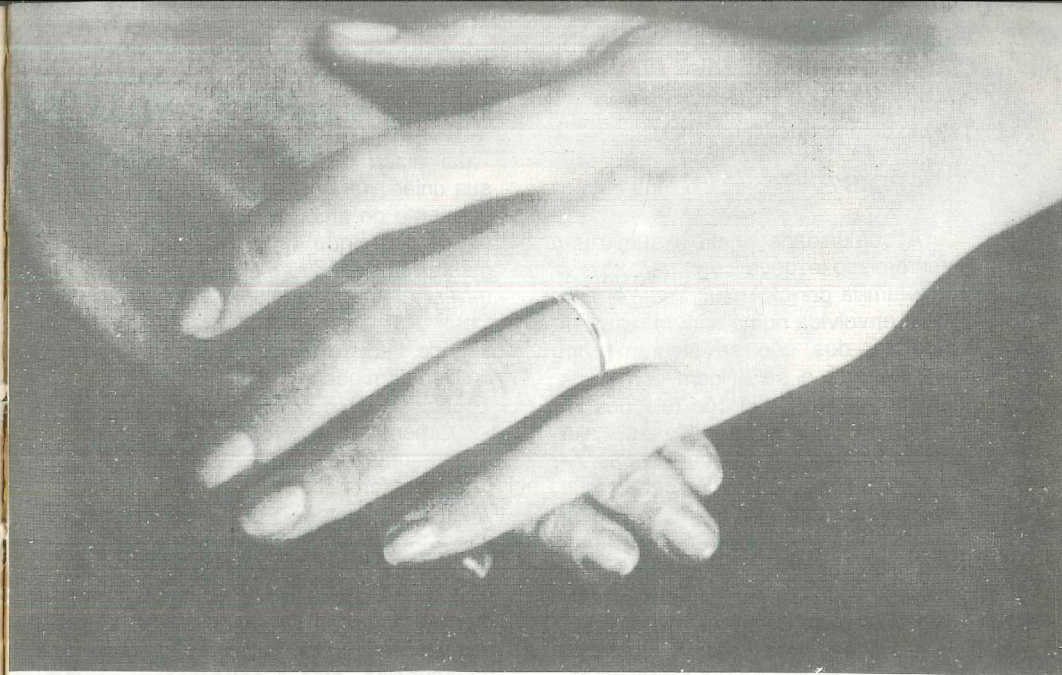
ama. Porque geralmente não sabem. No início deste artigo, registamos algumas indicações que precisariam ser amplamente colocadas à reflexão e aprofundadas num diálogo transparente e sério, tantos são os desdobramentos de cada uma das características do amor de Deus. A indispensável iluminação bíblica também esclarecerá que a união do homem e da mulher faz parte do projeto de Deus para o Homem.

Compreendendo, assim, o que é o Sacramento, o casal concluirá se tem ou não sentido reunir a comunidade cristã para proclamar que a sua união é sacramental, por assumir o amor de Deus como modelo do amor humano que os leva ao casamento.

Na preparação ao casamento, também haverá oportunidade para que descubram as atitudes, gestos, comportamentos, atos simbólicos e ações concretas que contribuem para o crescimento do amor e, portanto, da sacramentalidade da sua união. São os canais através dos quais atua a Graça de Deus. Surge, aqui, ampla matéria de diálogo e reflexão, que abrangerá, certamente, a comunicação interpessoal profunda, a sexualidade, a paternidade-maternidade, o processo de crescimento global dos dois, como pessoas humanas, a abertura para o social e o compromisso no mundo.

Como tudo isso será canal de Graça do Senhor?

Temos o exemplo cativante da sexualidade: se a união sexual do casal é expressão e celebração do amor que os arrebatam, descobrirão que a sua realização não apenas exprime mas faz crescer o amor nela celebrado. Portanto, o ato sexual, assim realizado, é um sinal **eficaz**, ou seja, que aprofunda e faz crescer aquilo que exprime: o amor do casal. Assim, contribui para o crescimento da própria sacramentalidade da união. Compreende-se, então, que as expressões da sexualidade do casal são canal da Graça de Deus, para aumento da densidade sacramental do casamento e crescimento do amor. Está aberta a porta para uma ampla



conversa sobre as condições que tornem o ato sexual sempre mais humanizante, em sua perfeição física e em sua dimensão de linguagem de profunda comunicação interpessoal.

Tratamento semelhante poderão ter todos os demais instrumentos de crescimento do amor, sempre entendidos como canais de Graça, numa união sacramental.

Ainda na preparação, dá-se a oportunidade de contato pessoal, diálogo e um pouco de convivência dos que vão se casar, com representantes da comunidade cristã que será chamada a dar apoio ao casal, na celebração da sua união. Essa convivência revelará sinais da sacramentalidade, ainda que frágil e tímida, que a comunidade, por seu representante, então proclamará. Assim, não será uma proclamação cega, mas fundada no conhecimento daqueles sinais de sacramentalidade captados pelos representantes da comunidade, nos diálogos da preparação ao casamento. É claro que uma preparação deste alcance não pode ser apressada e improvisada. E, muito menos, dispensada, sem justa razão.

CELEBRANDO

A liturgia do casamento tem que ser, de fato, repensada. Deve envolver toda a comunidade presente, revelando, com clareza, o seu papel e a responsabilidade que é chamada a assumir. O sentido do Sacramento tem que ser passado de forma didática, extensa, compreensível, dialogada, participada, para que todos saibam exatamente o que está acontecendo. O anúncio que os noivos farão sobre a natureza do seu amor, que fará da sua união um Sacramento, deve ser dirigido à comunidade, e não apenas sussurada nos ouvidos do sacerdote. Igualmente, o pedido de apoio à comunidade cristã para que possam realizar o seu projeto de vida, deve ser claramente formulado e solenemente respondido. O pacto que assim se estabelece será, então, ressaltado pela liturgia da palavra, por gestos simbólicos e invocações da ajuda de Deus, para que todos compreendam que a sua participação na celebração não se reduz a mero ato social. A liturgia deve criar uma atmosfera de grande alegria; o Povo de Deus se ale-

gra com a criação de uma nova família, fundada no amor humano que se quer reflexo do amor de Deus. Aleluia!

E DEPOIS?

A comunidade cristã assumiu um compromisso e deve cumpri-lo. O casal, a família por ele inaugurada, é acolhida e envolvida numa teia de relações solidárias, dos que se alegram com suas alegrias e se afligem com suas tristezas. Nesse tecido de relações interpessoais ampliadas, todos se ajudam mutuamente a crescer na capacidade de amar e servir. Percebem que são uma parcela do Povo de Deus, parte dessa comunidade maior chamada Igreja, cuja missão é o anúncio alvissareiro de que o Reino de Deus está próximo, já irrompe na história humana.

É o desafio para que o amor que os uniu não se feche sobre si mesmos, antes transborde no serviço aos outros, na luta pela justiça e a fraternidade entre todos os homens, na denúncia das estruturas que desumanizam e na construção de um mundo mais humano e igualitário. Aceitar esse desafio leva o amor do casal a se aproximar ainda mais do modelo que escolheu, e aumenta a densidade sacramental da sua união.

Os movimentos e pastorais familiares e sociais têm um papel importante nesse processo. São instrumentos de que a comunidade cristã dispõe para ajudar a nova família em suas dificuldades, apoiar o seu crescimento, estimular o seu engajamento em ações transformadoras para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, prenúncio do Reino definitivo, que já se faz presente na história humana.

QUANDO A FÉ ESTÁ AUSENTE

Uma pergunta já ocorreu certamente a quem lê este artigo: "Só o casamento de cristãos, nessa perspectiva de fé, pode ser um Sacramento?"

Vejamos: quem não crê, não o proclamará como sacramento, sim-

plesmente porque essa dimensão transcendente da união do homem e da mulher não faz parte do seu mundo. Quer dizer: para quem não tem fé, a sua união, no casamento, não é um sacramento do amor de Deus. Mas, para os cristãos que os conhecem, essa mesma união de não-crentes pode ser um sinal sacramental. Também para Deus. Porque o amor que os une pode ser, de fato, reflexo luminoso do amor do Deus em quem não crêem.

Nesse caso, existe uma dimensão sacramental não proclamada solenemente, mas reconhecida pela comunidade dos cristãos, que identificam, na vivência do amor do casal não-crente, as características do amor de Deus. Porque essa dimensão sacramental é uma qualidade da união do casal, própria da natureza do amor em que se baseia essa união, independentemente de anúncios, ritos e celebrações, nas quais é proclamado e reconhecido pela comunidade que acolhe o novo casal. Esta dimensão comunitária do Sacramento acrescenta um rico conteúdo ao casamento dos cristãos, mas não é a essência do Sacramento, que está referida ao amor de Deus.

Assim, o casamento dos que não crêem pode ser um sinal sacramental. Nele estará presente a Graça de Deus, sempre atuante através dos gestos e atos com que exprimem seu amor, ainda que nisto não possam crer. E mais: a densidade sacramental dessa união pode ser maior que a de muitos casamentos cristãos, já que a medida é o grau de aproximação ao amor de Deus, do qual é sinal.

UMA CONCLUSÃO INQUIETANTE

A fragilidade humana, as pressões sociais desagregadoras, a omissão da comunidade cristã, desvios no processo de amadurecimento pessoal que resultam em forte desequilíbrio entre o desenvolvimento intelectual e social, de um lado, e o afetivo e espiritual, do outro, e tantos outros tropeços e retroces-



os, podem levar ao fracasso do amor. Muitas vezes se trata de um esvaziamento reversível, que exigirá apoio diligente da comunidade para ser reconstruído. Outras vezes, se constatará que se trata de ruptura irreversível. Geralmente, nesse caso, desfaz-se a união. Às vezes, a duras penas, o casal mantém união de conveniência, por pressão social ou familiar, pelos filhos ou por outra razão.

Mas caberia a pergunta inquietante: permanece o Sacramento? Essa união ainda é sinal do amor de Deus? A sacramentalidade dessa união que atingiu graus variados, ao longo da vida do casal, não terá baixado a zero? A separação ou divórcio esvazia a dimensão sacramental do casamento ou a separação acontece justamente porque a dimensão sacramental se diluiu pela falta do seu elemento essencial, o amor? Terá sentido afirmar-se que o Sacramento permanece, como selo ou

marca indelével, ainda que não exista amor?

Estas e muitas outras perguntas nos remetem a um desafio evidente: a sacramentalidade do casamento se constrói no dia-a-dia da vida conjugal. Não é algo mágico que se agrega à união do casal, no dia das bodas, mas o resultado da atenção e empenho que colocam no crescimento constante do amor, na busca diligente de aproximações sucessivas ao modelo assumido: o amor de Deus por seu Povo. Haverá avanços e retrocessos, ao longo do caminho. O grau de sacramentalidade não crescerá linearmente. Antes, oscilará entre pontos altos e baixos, conforme o grau de esforço e cuidado que o casal dedicar às expressões do seu amor e às ações concretas que lhe dão eficácia. Assim, atua a Graça de Deus, consolidando e fazendo sempre mais fecundo esse amor, e mais sacramental essa união.

"Qualquer pessoa pode vir a ser Papa; prova disso é que eu me tornei um".

(Papa João XXIII)

Que futuro teria ainda o socialismo?

Frei Leonardo Boff

Muitos nos perguntavam angustiados na Alemanha Oriental: nosso sonho socialista tem ainda sentido? Que futuro teremos? E os que perguntavam eram, não raro, velhos professores de filosofia e de história agora totalmente marginalizados ou até desempregados ou jovens socialistas que generosamente se haviam empenhado na construção de uma sociedade mais igualitária e justa e que agora se sentiam totalmente perdidos. Na verdade, fomos convidados precisamente para falarmos sobre tal tema: pouquíssimos no país tinham ainda autoridade para abordarem com credibilidade tal assunto sem serem logo desqualificados ou até vaiados. Chamar-nos a nós do Terceiro Mundo porque a partir de uma situação social muito pior do que a deles nós nos havíamos acostumado a falar de socialismo democrático, como resposta às opressões das grandes majorias sob o império do capitalismo dependente, excludente e antipopular. Para nós também a crise do socialismo real deveria significar um profundo questionamento e queriam saber como reagíamos a isso.

Anies de mais nada, importa tirar lições da derrocada do socialismo autoritário. Cabe a pergunta: quanto socialista era o regime de socialismo estatal, centralizado e burocrático, vigente em todo o leste europeu? Segundo os ideais dos fundadores do socialismo "científico" esse regime seria muito pouco socialista; jamais se postulou um socialismo que não fosse democrático. Quem conhece um pouco a história do socialismo sabe que sempre houve

discussões, acirradas acerca do problema da democracia em regime socialista no sentido de possibilitá-la para todos e garanti-la institucionalmente. Basta lembrar os nomes de Trotski, Rosa Luxemburgo e Gramsci. O autoritarismo começou, na verdade, quando Lênin resolveu dissolver os soviets de caráter popular e democrático e instaurar o partido único como vanguarda revolucionária e representante único do proletariado. Aí se colocou a semente para o cesarismo e bonapartismo dos dirigentes socialistas, culminando no terrorismo de estado promovido por Stalin. E o estalinismo deixou uma herança penosa nos comportamentos e hábitos burocráticos.

As questões atuais estão dentro da ampla discussão histórica do ideário socialista. Gorbachev já há anos, quando ainda era apenas um líder de província, havia dito e escrito; ou o socialismo se faz radicalmente democrático ou não agüentará mais a pressão popular por mais liberdade. Chegando ao poder supremo encaminhou pela via certa a questão da democracia: pela transparência (glasnost) nos processos de decisão para evitar a corrupção e pela reestruturação (perestroika) da infra-estrutura econômica, combinando aí os vários tipos de propriedade sob a hegemonia da propriedade social e criando as bases para uma democracia política e um pluralismo ideológico-cultural possíveis.

O socialismo terá futuro sim, caso entrar pela via de uma democracia que faça justiça ao nome, de cunho popular, de baixo para cima, com a participação maior possível de todos e aberta as diferenças. Neste sentido o socialismo tem mais condições para viabilizar a democracia que o sistema capitalista. Este, por sua lógica interna, cria per-



manentemente desigualdades, seja na relação assimétrica entre capital e trabalho, seja pela concorrência e a formação de monopólios e oligopólios.

Nós insistimos em algumas idéias-força que orientam nosso trabalho político junto às bases: em primeiro lugar deve-se cuidar da **participação**. Mais que buscar diretamente uma sociedade igualitária, deve-se buscar uma sociedade participativa; a vontade de participação constitui um dado ontológico da existência humana; cada um quer ser e deve ser sujeito de sua história pessoal e participante da história coletiva; negar a participação significa tolher a liberdade e reduzir o cidadão a espectador de uma história decidida por outros; esta participação não deve ser reduzida a uma integração no status quo, mas participação na produção de novas relações e aberta a uma nova sociedade.

Em segundo lugar vem a **solidariedade**, não apenas como virtude so-

cial que estreita os laços entre pessoas, mas como realidade fundamental da existência humana que é sempre co-existência, colaboração com outros e construção conjunta da história; a solidariedade se mostra especialmente para com aqueles que foram penalizados pela vida, como os velhos, os doentes, os excepcionais, os aposentados e os jovens desorientados; a sociedade deve incluí-los e não colocá-los, às vezes com boas condições materiais, à margem como zeros sociais.

Em terceiro lugar, como efeito da participação e da solidariedade, surge a **igualdade social**; as sociedades históricas que conhecemos são todas elas marcadas pela desigualdade; na medida em que as pessoas participam, sentem-se em pé de igualdade com os outros e assim emergem relações mais igualitárias, vale dizer, mais humanas e justas.

Em quarto lugar cabe promover, saudar e defender as **diferenças**. Elas

Este artigo dá continuidade à análise dos acontecimentos do Leste Europeu, cuja publicação iniciamos no número anterior, e concluiremos no próximo.

constituem a riqueza da sociedade e a expressão concreta das liberdades individuais e sociais. Pela participação de todos e pela maior igualdade que daí resulta, se impede que as diferenças se transformem em desigualdades e discriminações; a crítica maior que se pode fazer ao socialismo reside exatamente nisto, de não ter favorecido as diferenças, de haver homogeneizado quase tudo, a produção, os comportamentos, as idéias e as formas artísticas.

Por fim insistimos na **comunhão**. A comunhão é a capacidade humana de estabelecer relações inter-subjetivas, de alimentar a espiritualidade, no sentido que Gorbachev difundiu em suas intervenções, como apreço às dimensões éticas, respeito às subjetividades, valorização das filosofias, correntes de idéias, religiões e utopia. Sem uma abertura a esta dimensão tão genuinamente humana, não se humanizará uma sociedade, nem se alimentarão aqueles sonhos e grandes ideias que sempre de novo deslançam forças para novas iniciativas e relativizam os feitos já estabelecidos.

Ora, dizíamos nós, estas cinco forças estão na base daquilo que chamamos **democracia**. Ela se constrói permanentemente em todas as relações humanas, na família, na escola, nos grupos, nas associações de classe, nas igrejas e na sociedade. Ela supõe uma pedagogia de participação igualitária dentro de uma concepção integral do ser humano; pertence ao projeto democrático a criação de condições materiais, ideológicas e sociais que permitam, na medida do possível histórico, a cada cidadão poder se realizar como pessoa que vive o nó de suas relações que integre o regime de suas necessidades sem se ver escravizado a ele e que possa irromper no regime da liberdade dos filhos e filhas da alegria.

Neste contexto de recuperação dos ideais de uma sociedade humana e não de lobos é que víamos sentido em falar do socialismo utópico. Ele foi pregado por muitos no século XIX que com

a Bíblia debaixo do braço iam às portas das fábricas para anunciar como fazia Owen: "o cristianismo de Jesus é o socialismo" ou como Cabet, Saint Simon, Fourier, Proudhon e outros que fundaram movimentos socialistas baseados nos ideais comunistas dos Ato dos Apóstolos. Marx e Engels se insurgiram contra essa tendência e fundaram o assim chamado socialismo científico, opondo-se ao socialismo utópico, chamado por ele de "clerical e sacro". Na verdade, o socialismo científico redundou no socialismo real hoje vastamente em dissolução. Entendemos que o socialismo utópico não se opõe ao histórico, porque a utopia pertence também à realidade social. Ambos se frutificam mutuamente.

Não devemos esquecer que o projeto socialista nasceu de um profundo sentimento ético, como reação humanística face ao grito das multidões oprimidas pelas relações de acumulação que implicavam exploração. A utopia de se gerar uma sociedade social (vale a tautologia), com a inclusão do maior número possível de pessoas, atendendo particularmente aos desfavorecidos pela natureza e pela história, e de se superar uma sociedade baseada na apropriação privada, individualista e exploradora do trabalho pertence aos sonhos mais arcaicos das sociedades políticas. Esse sonho não morreu com a morte do tipo de socialismo real e autoritário que estamos felizmente assistindo. Os problemas que alimentaram a utopia do socialismo e que fizeram surgir as várias formas históricas de socialismo continuam e não estão de nenhuma forma equacionados com o desaparecimento do socialismo real autoritário. São problemas que o capitalismo também não resolveu porque, em grande parte, ele é o principal (não exclusivo) causador de tais problemas sociais.

Estamos convencidos de que a bandeira socialista ganhará vigência no Terceiro Mundo. A partir da miséria que o processo de acumulação capitalista produz e dos estragos ecológicos e so-

ciais que o tipo de desenvolvimento sem limites e sem preocupação ética gera, se faz perceber a validade do projeto socialista. Agora, na oposição no mundo inteiro, com as lições aprendidas da experiência de tantos decênios, depurado de sua ganga autoritária e estalinista, poderá significar uma alternativa possível para a sociedade mundial. Será então o socialismo possível, democrático e aberto para incorporar as experiências válidas feitas pelos mais distintos povos em suas formas de se organizar socialmente. Agora ele passa por sua sexta-feira santa dolorosa e purificadora. Mas conhecerá, com todas as transformações que isso implica, também o seu domingo de ressurreição.

Com isso não se quer afirmar o dogma do socialismo de cunho marxista-leninista (Lênin pensava assim), de que existe um determinismo histórico segundo o qual tudo caminha na direção do socialismo. Esse determinismo não existe. A história recente o está demonstrando. Ao nível dos sujeitos humanos pessoais e coletivos não há determinismos. Há totalidade de sentido, mas não uma linha reta ascendente e evolucionista. Pode haver retornos cruéis. Se há um princípio na história, então é este: a história humana está sempre aberta, vale dizer, existem muitas alternativas possíveis, mesmo dentro de um provável quadro socialista.

As formas de sociedade não surgem dos quadros pensantes e dos engenheiros sociais mas da relação dialética entre muitos fatores históricos, culturais, econômicos, religiosos, numa palavra, dos variados e multifacéticos processos vitais que organizam e garantem a existência humana. Haverá certamente a predominância de um determinado fator, mas os outros entrarão a compor a nova totalidade social. Estimamos que no futuro da humanidade, devido à ameaça que pesa sobre todos de um eventual apocalipse nuclear e ecológico, o fator socialista predominará na constituição de uma sociedade mun-



dialmente ampliada. Para isso não basta considerar apenas o funcionamento das estruturas, mas principalmente os sujeitos humanos coletivos e também pessoais. Cabe recordar a famosa frase de Marx: "A história não faz nada... ela não luta nenhuma luta. É muito mais o ser humano, o ser humano concreto e vivo, que tudo faz, possui e luta; não é simplesmente a 'história', como se fora uma pessoa à parte, que usa os seres humanos como meios para alcançar os seus objetivos. A história não é outra coisa que a atividade dos seres humanos buscando seus próprios objetivos" (Marx/Engels, Werke, vol. 18, p. 98). Ora, essa visão correta de Marx fora esquecida pela vulgata marxista; assim caiu-se num determinismo dogmático que só favoreceu o establishment e a preguiça teórica de não precisar pensar os desafios que vinham da história sempre cambiante. Várias vezes Gorbachev criticou o atraso teórico dos marxistas, incapazes de introduzir singularidade dentro do pensamento marxista.

Aqui caberiam algumas reflexões teóricas no sentido de um aproveitamento das intuições do socialismo, agora enriquecido com a crise, para a compreensão de uma sociedade organizada nos moldes do socialismo democrático, popular, aberto às questões da subjetividade e das experiências religiosas da humanidade.

Fim do socialismo: onda pornô invade Leste Europeu.

Paris – “Meu objetivo é claro: quero transformar Budapest na Bangcoc da Europa”, afirma Lazlo Antall Voros, presidente, diretor, criador e tocador de um grande empreendimento surgido depois que a cortina de ferro se abriu: a indústria da pornografia. Fundador da Intermozaiik, Voros começou a detectar desde o início a voracidade com que seus compatriotas consumiam a pornografia nesses tempos de abertura. Ele então partiu para a luta, lançando várias revistas com títulos ousados – *Sexy Ladies*, *Lesby Girls* e revistas para os homossexuais. Resultado: 1 milhão de exemplares vendidos mensalmente o que, em termos estatísticos, significa que em cada 10 habitantes da Hungria, um compra uma de suas revistas. Mas, o movimento não é exclusivo dos húngaros: a grande indústria da pornografia do Ocidente já afia os dentes e parte com voracidade para a conquista do Leste europeu.

Na Alemanha Oriental já rodam os “bibliobus” – os ônibus-biblioteca da enfermeira Beate Uhse – com enorme sucesso. Ao contrário do que se possa pensar, lá não se encontram obras de Goethe, ou mesmo best-sellers como Hermann Hesse ou Patrik Suskind. Esses “bibliobus” vendem mesmo é pornografia, desde lingerie erótica e video-teipes. “É o maior mercado do mundo a ser conquistado”, afirma Uhse, líder do negócio pornô na Alemanha Ocidental. O consumidor do Leste, segundo seu depoimento, é excelente. “É duas vezes mais ativo sexualmente do que seus compatriotas do Ocidente”, garante, calcando-se em pesquisas de comportamento. Ou seja, a pornografia no Leste é uma indústria para ganhar muitos milhares de dólares em pouco tempo.

Lazlo Antall Voros que o diga. Se, no ano passado, fundou as três revistas que lhe rendem uma pequena fortu-

na, já no mês que vem inaugurará, no centro de Budapeste, uma enorme “casa de massagens”. Só de instalação empenhou nada menos que um milhão de dólares. Já estão recrutadas 70 moças para a casa, cuja inauguração deverá coincidir com a primeira Feira Internacional de Pornografia – que se realizará na capital húngara entre 6 e 16 de setembro. Não há leis legalizando prostíbulos na Hungria. Mas, também pouco há proibindo. Pelo sim, pelo não, Voros prefere chamar sua casa de “casa de massagens” – artifício que já rodou o mundo com sucesso.

Na Alemanha Ocidental, a base da indústria pornográfica está em Hanover. Lá são produzidos filmes, vídeos, livros, acessórios, tudo que se possa imaginar para satisfazer a curiosidade dos consumidores. O mercado, que se apresenta estabilizado há mais de uma década, conheceu um novo desafio: a abertura do Leste europeu. Tchecoslováquia, Polônia, Hungria, Romênia e até mesmo a Albânia formam um exército de consumidores que jamais os industriais do sexo imaginaram ter um dia legalmente ao alcance das mãos.

Mas, as leis alemãs são severas. Só é possível a exportação para países que possuem leis específicas autorizando a importação. Na maioria deles – inclusive a Alemanha Oriental –, as leis não existem, já que a questão nunca foi colocada aos legisladores “Mas, é apenas uma questão de tempo. Não tenho dúvidas que a Alemanha Oriental em breve estará unificada a nós também neste campo”, afirma Beate Uhse – que já é a maior produtora de produtos pornográficos e a maior proprietária de sex-shops na Alemanha.

Frank Fressenegg, diretor da produtora Verlag, e Teresa Orlovsky, da VTO, dois pesos-pesados da indústria de pornofilmes da Alemanha, são outros que estão rindo de orelha a orelha com a subida de suas vendas para o Leste. Não há forma de abrir o quanto ganham e o quanto faturam. “Segredo de Estado”, é a resposta.

Silvio Ferraz *Jornal do Brasil*

Por que paraliturgias?

Faz já bastante tempo começamos a escrever aquilo que denominamos de paraliturgias. As primeiras e serem apresentadas o foram no ano de 1983, por ocasião do IX ELA realizado no México, na cidade de Guadalajara. Quando os presidentes do SPLA nos pediram para escrever algo nesse sentido, sentimo-nos invadidos pela perplexidade e por um certo receio. Até então eram geralmente usadas, nos eventos do MFC, liturgias tradicionais, elaboradas pelo magistério ou por alguém por ele delegado.

Então, para melhor situar nossos escritos, para não parecer que procurávamos assumir um lugar que não era nosso, ou que pretendíamos criticar ou substituir as liturgias tradicionais, denominamos essas nossas contribuições de “paraliturgias”.

OBJETIVO DAS PARALITURGIAS

Nosso objetivo, ao elaborá-las, era colocar os participantes dos ELAs em estado e em espírito de oração – não de uma oração desvinculada da realidade e do tema sobre o qual se iria trabalhar, mas de uma oração historicamente situada e motivada, de uma oração que conduzisse os participantes, normalmente, ao âmbito das análises, reflexões e críticas que se haviam proposto fazer, ao aceitarem determinado tema ou situação como enfoque central do evento programado.

FONTES TEOLÓGICAS DAS PARALITURGIAS

É verdade que, no desenrolar dessa experiência, agimos mais intuitivamente, pois não tínhamos em mãos o material necessário para fundamentar teologicamente a validade e a oportunidade das colocações que, a nós,

apareciam em sua transparência total.

Hoje, anos depois, e depois de confeccionadas várias paraliturgias para eventos e situações diferentes, temos em mãos o livro de Alfonso Garcia Rubio, “Unidade na Pluralidade” que, mesmo não tratando especificamente de liturgia, nos abriu inúmeras e importantes perspectivas, permitindo-nos situar nossas paraliturgias dentro de um contexto mais profundo e mais abrangente. É em cima de suas colocações que escrevemos essa reflexão. Baseados nela, tentaremos aqui descobrir sua fundamentação teológica e pastoral e suas possibilidades de servir como uma tentativa de resposta às necessidades daqueles que então as assumiram e continuam a usá-las nos eventos do MFC ou em situações de sua vida particular. Todas as citações contidas neste artigo fazem parte desse livro de Alfonso Garcia, publicado pela Edições Paulinas, em 1989.

Refletindo sobre as colocações do autor pudemos perceber que as paraliturgias partiam de uma nova cosmovisão, de uma nova perspectiva sobre o ser humano, e que essa perspectiva abria caminhos para um novo modelo de realização de sua missão e de sua vida de homem. Isto não significa que tenhamos, os dois, descoberto algo de novo. Significa apenas que conseguimos perceber o germinar e o crescer das novas perspectivas que faziam parte do contexto da vida de todos nós.

Suas colocações nos possibilitaram, também, delimitar melhor o campo que então se abria à elaboração de outras paraliturgias e o espaço que elas podiam ocupar, dentro do anúncio da fé, no campo do MFC.

Estas são explicações preliminares para melhor situar o artigo que apresentamos a seguir.

José e Beatriz Reis

Respostas à interpelação de Deus

José e Beatriz Reis

Uma paraliturgia é a nosso ver, antes de tudo, celebração de um encontro dialogal muito anterior a ela e a todas as liturgias oficiais: o Senhor se revela ao homem e o interpela com sua Palavra, em Jesus, seu Filho e nosso irmão. E nós procuramos responder a essa interpelação com nossa resposta de fé, de admiração, de agradecimento, de louvor. Essa revelação do Senhor supõe uma escolha, uma eleição que, no momento concreto dos eventos do MFC, é explicitada através das paraliturgias.

Realmente a revelação do Senhor se dirige, não a pessoas abstratas e atemporais, mas a pessoas concretas, situadas em determinado tempo, em determinado espaço, em determinada cultura. E a resposta de fé dessas pessoas só poderá ser, por isso mesmo, concreta, bem situada no espaço, no tempo e na cultura que constituem seus pontos referenciais.

E bem situadas, por isso mesmo, diante dos problemas às vezes estruturais, às vezes conjunturais e provisórios que desafiavam essas pessoas, levando-as a procurar para eles, como resposta de fé, possíveis caminhos de solução. As paraliturgias procuram, com seu estilo próprio, colocar as pessoas diante dessa eleição primeira, procura levá-las a descobrir o teor de sua resposta, hoje, à interpelação que lhe é dirigida, como o foi outrora, ao povo de Israel. Nelas, essa eleição e essa revelação do Senhor tornam atual "uma revelação dialógica entre Deus e o homem e situa os acontecimentos da história como um "lugar" de resposta à interpelação de Deus; procurando

Os números entre parênteses indicam as páginas do livro "Unidade na Pluralidade", de Alfonso Garcia Rubio, Ed. Paulinas, 1989.

despertá-lo para o "acontecer histórico" (359).

As paraliturgias procuram despertar os que dela participam, para que se percebam como alguém chamado a assumir sua responsabilidade em relação à história e ao mundo criado (191), como um "ser de decisão e de resposta" (141) – Resposta dada não apenas de modo verbal, desvinculada da vida mas "nas decisões tomadas no hoje de sua existência" (142), "em sintonia com os apelos da realidade especialmente aqueles que provêm do mundo dos empobrecidos e dos mais abandonados" (360).

DESAFIOS ENTÃO ENCONTRADOS

Surgiu, no princípio de nossa experiência, a primeira dificuldade: na época em que elaboramos as primeiras paraliturgias, as liturgias oficiais e oficialmente propostas aos fiéis eram, em geral, bastante desvinculadas dos problemas concretos que os desafiavam. Sendo dirigidas sobretudo à Igreja universal e não a comunidades concretas, visavam atingir, ao mesmo tempo, povos, raças e nações diversificadas. Eram, por isso mesmo, liturgias atemporais e ahistóricas, desvinculadas da vida e de seus condicionamentos concretos, levando à procura de atividades de fé e de comportamentos igualmente desvinculados e descomprometidos com a realidade.

Isto porque, subjacente às liturgias então apresentadas, estava uma visão de homem baseada no dualismo: matéria-espírito justapostos, coexistindo, na pessoa humana concreta, numa perspectiva de luta e exclusão mútuas. No entanto, "corpo e espírito não são duas realidades justapostas, mas duas di-

mensões do único ser humano que se intercomplementam mutuamente. E assim nos tomamos mais humanos na medida em que, pelos nossos atos, o nosso espírito é mais corporificado e o nosso corpo é mais espiritualizado. Na pluralidade real das dimensões humanas, dá-se uma real unidade que deve ser desenvolvida e aprofundada existencialmente cada vez mais" (381).

Sendo essas antigas liturgias oficiais elaboradas por pessoas desligadas, por vocação ou por programação de vida dos problemas cotidianos, procuravam responder às necessidades de sua própria cosmovisão, de sua própria perspectiva antropológica e às exigências que esse enfoque lhes apresentava como exigências básicas da vocação cristã; o ideal da perfeição humana era então apresentado, explícita ou implicitamente, como vitória total do espírito sobre o corpo, com as conseqüentes desvinculações com as si-

tuações históricas e vivenciais.

Como leigos comprometidos com a vida humana na qual vivemos inseridos, nossa perspectiva era, necessariamente, bastante diferente daquela veiculada pelas liturgias então oficiais. Isto nos possibilitou compreender e explicitar bem claramente nas paraliturgias que elaboramos que "... não é possível hoje falar significativamente sobre o conteúdo da Boa Nova cristã em relação ao ser humano sem se defrontar, criticamente, com o mundo moderno e seus humanismos" (68).

Compreendemos que, por isso mesmo, "é indispensável que o anúncio seja 'encarnado' no contexto brasileiro e latino-americano" (em nosso caso), para que a comunicação da verdade cristã sobre o homem se pudesse situar "a serviço do discernimento das comunidades, ao invés de constituir-se – como tem acontecido com certas tendências idealistas – em elementos

de fuga em face dos imperativos da justiça e da solidariedade concretas" (67-68).

Sentimos na própria pele o quanto "o homem moderno, fundamentado no seu orgulhoso individualismo e dotado de uma poderosa tecnologia, tem concretizado um tipo de progresso que, além de beneficiar só a uma minoria, às custas da miséria da maioria, usa irresponsavelmente e de maneira predatória os recursos naturais. Crise ecológica e dominação do homem pelo homem constituem as duas expressões básicas da doença que afeta o homem e a civilização moderna" (468).

Pudemos perceber dolorosamente o quanto "o cristão vive ainda num mundo onde o Reino não passa de uma pequena semente" (174) e que, embora a plantinha da salvação seja dom de Deus, "está em íntima conexão com as decisões assumidas pelo homem nos acontecimentos de sua vida e do seu tempo – decisões que, por sua vez, são já resposta à interpelação de Deus criador-salvador" (142).

E então pudemos vislumbrar que "numa perspectiva unitária do ser humano, a chamada história da salvação é vista como atuante no coração da história humana; não se encontra justificada a uma história que seria considerada meramente profana" (361).

Nessa perspectiva – que responde tão bem às necessidades e possibilidades de nossa vida concreta de leigos – percebemos que a dinâmica da salvação é vivida "no dia a dia da história: tanto a dimensão de oração quanto a prática libertadora, a conversão do coração quanto a transformação das estruturas" (idem).

Outra dificuldade encontrada:

Todos nós temos insistido muito, de algum tempo para cá, na necessidade inadiável de se criar, de se assumir, diante dos acontecimentos históricos e de seus condicionamentos, uma consciência crítica, capaz de procurar e de descobrir as causas mais profundas – causas estruturais – dos problemas que se nos apresentam.

Essa luta pela consecução de uma consciência crítica – válida e inquestionavelmente necessária – levou-nos muitas vezes a considerar a aceitação de uma visão simbólico-sacramental do universo como sinal da permanência de uma consciência ingênua e infantil. E fomos, aos poucos, perdendo essa dimensão básica do conhecimento humano.

De fato, como homens, temos que atualizar-nos como seres responsáveis, capazes de procurar caminhos de solução para os vários desafios que encontramos e que servem de obstáculos ou de impedimento à realização histórica do Reino de Deus.

Acontece que tudo isto precisa ser, não apenas vivido e assumido responsável e trabalhoso, mas também celebrado, festejado, cantado diante do Senhor que a nós se revela, desvelando, ao mesmo tempo, seu projeto de amor.

Nós, homens modernos e eficientes, perdemos quase sempre essa capacidade de celebrar, de festejar gratuitamente o dom de Deus.

"Fechados num raciocínio lógico, presos às exigências de um sistema capitalista, perdemos a capacidade de descobrir, dentro de nossa própria realidade, a perspectiva simbólico-sacramental do universo. Nessa perspectiva, as criaturas, "as coisas não são apenas objetos para serem utilizados, mas possuem uma grande riqueza simbólica, uma vez que são presentes do amor criador de Deus e de alguma maneira manifestam a presença e atuação desse amor."

Por isso, "uma atitude de respeito, de contemplação e gratidão desse amor deve ser urgentemente desenvolvida" (470).

Dai, a dificuldade que encontramos:

"a celebração pertence ao mundo do simbólico, não ao mundo do cotidiano, nem do racional e técnico..." (459). "O símbolo é expressão de experiências muito profundas do ser humano, das pulsões, instintos e desejos mais



radicais: pertence ao domínio do afetivo – volitivo, não ao mundo dos conceitos e do conhecimento racional. Colocamos em contacto com as raízes mais profundas do ser humano, num domínio ainda pré-conceptual e atemático. Expressa, por uma parte, instintos e desejos mais íntimos mas, por outra, também desencadeia e estimula, em sentido inverso, essas experiências básicas e viscerais" (485).

Justamente por isso, "os símbolos não empregam um linguagem racional-conceptual, mas uma linguagem **celebrativa**. Narram-se experiências que evocam alguma experiência fundamental (no caso da celebração religiosa, vivência do encontro com o transcendente) convidando, no hoje da celebração, à mesma experiência. Assim o passado torna-se presente. Na celebração, as pessoas saem da monótona

repetição dos atos do dia-a-dia. Certamente o cotidiano é importante como a técnica, no seu domínio próprio. Contudo, não esgotam de maneira alguma a riqueza da expressão humana. A celebração expressa outras dimensões do ser humano que o cotidiano tem dificuldades para deixar transparecer(...) É válida por si mesma, pela sua própria expressividade. Comporta uma atitude lúdica, inútil em termos de produtividade e numa visão meramente racional do homem. É sempre comunitária pois implica experiências comuns compartilhadas, sendo assim bem diferentes da procura egocêntrica de diversão(...); constitui uma afirmação do valor da vida e do valioso que ela contém: (485).

"... o símbolo religioso expressa algo da vinculação do homem com o divino, com o último e mais fundante ex-

trato do ser". Pois "o mundo criado é portador de um significado que o conhecimento meramente racional científico-técnico não é capaz de captar. As coisas criadas(...) estão intimamente ligadas por Deus e são para ele orientadas"; tendo "assim um sentido, carregam um significado" (486).

"Todo homem e toda mulher, criados à imagem de Deus, deveriam desenvolver a capacidade de perceber esta mensagem inscrita por Deus no mundo criado e oferecida a todos os seres humanos. Trata-se de uma mensagem simples: as coisas e o mundo todo criado são sinais que apontam para a presença do único Incondicionado, do Criador.

"Elas são portadoras de uma significação oculta orientando para a presença amorosa de Deus. A realidade, desta maneira, possui uma dimensão simbólico-sacramental, presente no nível mais profundo e mais rico do ser criado" (486).

"Existe uma espécie de fraternidade básica entre o homem e as coisas. Vinculado a elas, deixando-se penetrar por elas, o homem vai percebendo que elas apontam para uma realidade transcendente. As coisas não são mais opacas, mas transparentes" (idem).

Podemos mesmo dizer que "num sentido bem real, a fé se faz na expressão religiosa. Fé celebrada assumida, conscientizada, amadurecida, partilhada comunitariamente precisamente na expressão religiosa. É mediante esta que se clarifica e toma forma a experiência fundamental da presença-ação de Deus no mundo e no homem" (497).

É justamente nessas celebrações (como, por exemplo nas paraliturgias) que se revela a estrutura fortemente

comunitária de nossa resposta de fé. Essa "resposta à interpelação de Deus não é vivida apenas na interioridade da consciência individual, mas exige uma resposta de comunidade e do povo que aceitam a revelação".

"A gratidão diante do dom de Deus, o pedido de ajuda e de perdão, o oferecimento da própria responsabilidade, o anúncio da Boa Nova, a celebração dos acontecimentos salvíficos do passado bem como da "vida nova" que vai desenvolver-se no dia-a-dia, etc., tudo isto implica expressividade comunitária e visibilidade organizativa" (488).

Por sua vez, a resposta de fé nos mostra a importância da linguagem pois "a revelação e a fé se dão necessariamente encamados na expressividade humana. A revelação divina emprega, como mediação, a linguagem humana. Sem esta mediação, o homem não poderia entender o que Deus quer comunicar. É através da linguagem que se expressa nossa resposta de fé; por meio dela, "se clarifica, toma forma e conteúdo mais preciso o que era ainda impreciso e indeterminado" em cada um de nós" (487).

Como consequência do que acabamos de ver, impõem-se:

÷ a necessidade de se dedicar um tempo e um espaço à celebração comunitária dessa resposta de fé, "tempo e espaço necessário para que possamos assumir mais conscientemente e com maior racionalidade, para desenvolver e para amadurecer a relação com Deus" (487);

– e ainda, dado o caráter eminentemente comunitário e unitário das celebrações (ou paraliturgias) impõe-se também a "exigência de ritos e normas que possam defender a unidade expressiva da comunidade" (489).

Cabe uma observação que nos sentimos obrigados a fazer, embora a contragosto: em geral, a comunidade aceita e vive muito bem as etapas propostas pelas paraliturgias que apresentamos. Grande parte dos celebrantes, no entanto, experimenta dificuldade de aceitar realizar os ritos ou normas nelas propostos. E quebram, assim, sua unidade, introduzindo nelas elementos estranhos, como explicações ou comentários dispensáveis e homilias muitas vezes delas desvinculadas.



CAMINHANDO OU POUCO MAIS

Visão simbólico-sacramental da sexualidade

José e Beatriz Reis

"O ser humano é sempre sexuado. A sexualidade abrange o homem todo, durante toda a sua vida, determinando a sua existência como ser-varão ou ser-mulher. Esta totalidade implica uma perspectiva temporal-histórica. Seria impossível captar o significado humano da sexualidade se a considerarmos de maneira atemporal" (382).

É importante compreender isto, pois "o ser humano, em todas as suas dimensões, está relacionado com Deus. A fé penetra no homem todo e assim, toda atividade, atitude ou experiências humanas (exceto o pecado, que é desumano e desumanizante) pode ser vivida na fé" e "como expressão de fé" (484).

Além disso, a sexualidade humana "está a serviço da realização do nós" da comunidade e da sociedade. A atração sexual impulsiona para o encontro com os outros, para a saída do próprio isolamento medroso e egotístico" (384).

Então, através de sua doação sexual, "o homem e a mulher encontram-se como pessoas; entregam-se reciprocamente a si próprios, não entregam algo, uma parte de si ou um sexo objetivado e separado da pessoa. Encontro totalmente básico em que, tanto o homem quanto a mulher se entregam pessoalmente, e precisamente como homem e como mulher, pessoas sexuais, cuja relação é expressão, ali-

Para a celebração de um casamento

Hoje lhes apresentamos a proposta de uma paraliturgia para a cerimônia de um casamento. É claro que essa proposta não é feita indiscriminadamente a todos os que desejam casar-se. É dirigida a pessoas mais conscientizadas, mais evangelizadas, talvez a jovens que, após terem participado de um curso de noivos, se sintam por ela atraídos. E isto porque ela não é, apenas, como poderá parecer aos menos perspicazes, uma mudança de coreografia. É fruto da nova cosmo-visão, da nova visão antropológica e cristã explicitada nos artigos em que, nesta edição de Fato e Razão, analisamos o sentido das paraliturgias utilizadas pelo MFC.

Procuramos elaborá-la de acordo com as exigências contidas nessa nova perspectiva, usando, para isto, fontes da Sagrada Escritura, a visão dos poetas, a simbologia e a visão sacramental do universo, do amor e da vida.

Procuramos, ainda, torná-la o mais participativa possível, dando um papel atuante à própria comunidade, aos padrinhos e convidados, figuras, em geral, quase que apenas decorativas na coreografia tradicional. Propusemos, também, músicas e cantos de todos conhecidos, para que toda a comunidade se sinta convidada a deles participar.

E agora, uma explicação necessária: usamos, nessa paraliturgia, como motivação central, a frase: "Partiremos juntos, para a aventura, para o infinito".

Essa frase não é nossa. É o princípio de um poema que por acaso, nos caiu em mãos, no final da década de 30, princípio talvez da década de 40. O poema era em francês, e sua autora, lembramo-nos chamar-se Arthémis Ungricht. Era publicado numa revista francesa, talvez Esprit. Sempre procuramos encontrá-lo de novo e nunca o conseguimos. Foi um poema que marcou muito nossa vida.

Apossando-nos, de certa forma, desse tesouro comum, não podemos deixar de lhes indicar, ainda que de forma precária, sua fonte.

Como vocês poderão ver, após tomarem conhecimento da proposta que agora lhes apresentamos, é necessário, para o seu bom funcionamento, que haja, anteriormente, uma séria preparação conjunta, pelo menos dos principais participantes (noivos, pais dos noivos, comentadores, celebrante) para que ela possa ser vivida na simplicidade e na verdade, servindo de motivação, de interpelação a todos os presentes, pois gira em torno de um acontecimento que a todos interessa.

José e Beatriz Reis

mento e encarnação do amor recíproco. Trata-se de uma profundíssima relação que atinge a raiz mesmo do ser pessoal com a máxima totalidade" (399).

Esse encontro interpessoal homem-mulher precisa da mediação de sua corporeidade. E através dessa doação mútua, "o homem e a mulher experimentam a riqueza da doação e do acolhimento, mas também a própria insuficiência e a dependência do outro. (...) nessa realidade antropológica da entrega e do acolhimento, da experiência da insuficiência e da dependência do outro, a fé cristã vislumbra uma abertura para o transcendente" (388).

Para que possa ser realmente experimentada essa abertura para Deus é preciso que tanto o homem quanto a mulher tenham uma visão simbólico-sacramental do seu próprio corpo e da sexualidade que lhe é inerente.

Acontece que, muitas vezes, o militante político, despertado para a procura de caminhos de soluções que lhe parecem mais amplos e mais ricos, considera a reflexão sobre a sexualidade humana como coisa de pequena importância, capaz de distrair e alienar as pessoas. Isto faz com que, uma vez despertados para sua vocação política, considerem perda de tempo refletir-se sobre o assunto que agora abordamos.

Afirma Alfonso Garcia, no livro que tem servido de base a essa nossa reflexão:

"Dá provas de uma grande ignorância antropológica e de deficiente amadurecimento da própria personalidade o militante político que desvaloriza a realidade humanizante que deve possuir a relação sexual, como se fosse uma relação puramente privada da experiência humana. A nova sociedade mais justa e mais solidária é impossível quando a sexualidade dos cidadãos, em geral, não passa de um auto-erotismo a dois. O compromisso real por uma sociedade qualitativamente diferente, com estruturas que possam ajudar a não obstaculizar a personificação de cada ser humano exige muita generosidade, grande capacidade vivi-

da de doação e de gratuidade, energias estas obstaculizadas por uma vivência auto-erótica da sexualidade, instrumentalizadora do parceiro. (...) Estruturas sócio-políticas e econômicas opressoras e coisificadoras reforçam o auto-erotismo dominador e coisificador do outro. Por sua vez, a sociedade opressora, porque negadora do outro, reforça as estruturas de dominação". Então "o encontro sexual vivido humanamente e o compromisso político devem estar abertos reciprocamente, na interpelação e no enriquecimento mútuos, ao invés de desenvolver entre eles uma estéril relação de exclusão" (382).

Por isso, "uma vivência humana personalizante da sexualidade exige também a criação de novas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais, onde o ser humano real seja respeitado na sua dignidade pessoal, onde seja possível uma participação e uma responsabilidade reais" (402). Tudo isto, "certamente vai muito além de uma perspectiva privada e intimista" (435).

Então, "a sexualidade a serviço do amor-amizade homem-mulher que desabrocha num novo "nós" e inclui a abertura à procriação, tem inerente a si a exigência de comunicação de sua existência a outros.

Esta comunicação constitui um elemento de sua real natureza. O amor homem-mulher é um fenômeno social, não é uma realidade meramente íntima e privada. Interessa à comunidade tanto quanto aos indivíduos, pois o aparecimento de um novo "nós" implica a existência de uma nova unidade sociológica, no interior da comunidade humana, que exige ser comunicada à sociedade e ser reconhecida por ela. Se um homem e uma mulher se amam, se querem constituir-se um casal, deverão apresentar-se e agir como casal e serão tratados como tal pelos demais. Sim, certamente o "nós" formado pelo amor é uma realidade pessoal, íntima, mas fundamenta-se sobre uma base comum, a saber, a sociedade da qual o casal forma parte". (389).

"PARALITURGIA PARA UMA CERIMÔNIA DE CASAMENTO"

José e Beatriz Resende Reis

Participantes:

Noivos - Pais dos Noivos - Celebrante -
Padrinhos - Convidados
Os convidados serão assim considerados:
- jovens amigos e irmãos dos Noivos;
- padrinhos dos Noivos, e
- casais maduros.

Celebrante:

(antes da entrada dos noivos)
Estamos todos aqui para testemunhar
cheios de alegria, a doação mútua
que de si se fazem

_____ e _____ para,
mais enriquecidos com esse dom,
melhor poderem se realizar e, ao mesmo
tempo,
melhor poderem cumprir sua missão
na comunidade que é a sua
no mundo em que vivem,
no Reino de Deus.

Comentador 1:

Prepara-se a procissão de entrada.
Nós, os amigos dos Noivos,
nós que formamos a comunidade de
amigos,

aqui os esperamos
mostrando, em nossa face,
a alegria da esperança
que mais uma vez se acende,
ao vê-los, em sua juventude,
acreditar no amor,
acreditar no futuro.

Comentador 1:

(continuando, depois de um pequeno
silêncio)

Quem são esses dois
lindos como a aurora,
disponíveis como fontes no deserto,
capazes de abalar nossas convicções
e de questionar nosso possível
desencanto?

Comentador 2:

Entrará primeiro o pai do noivo
carregando, aceso, o círio pascal.
É sob a luz de Cristo
que vamos, todos juntos,
descobrir mais uma vez
a riqueza dessa doação,
a amplitude que ela carrega,
as promessas de plenitude
que a todos enchem de alegria.

Comentador 3:

Entrarão em seguida
pequenos cavaleiros e damas de honra,
símbolos de nossa presença,
sinal da infância que em nós renasce
como manhã de primavera.

Comentador 4:

Virá, em seguida, o noivo
de sua mãe acompanhado.
Aquele que o deu à luz
vai entregá-lo àquela
que com ele vai viver.

Comentadores: (juntos)

Esperança de mãe,
Esperança de esposa
O filho das entranhas
vai assumir sua missão.

Celebrante:

Enfim entrará a noiva
pelo braço de seu pai.
Sua mãe os seguirá
carregando uma braçada de flores.

Todos:

"Surgiram flores em nossa terra,
prenunciando o tempo da poda..."

(Entram todos, à medida que são assim
anunciados. Quando chegar ao meio da
Igreja, o pai do Noivo levantará bem alto
o círio pascal aceso e dirá com voz forte)

Pai do Noivo: "A luz do Cristo!"

Todos:

Aleluia, Aleluia!
Vinde! Adoremos!

(Continua o Comentador 1 enquanto o pai
do noivo avança para o altar)

Comentador 1:

"Em Tua luz, veremos a luz"
porque
"Tua palavra é o facho
que ilumina nossos passos
e uma luz em nosso caminho." (Sl. 118,
105)

(Chegando ao altar, o pai do noivo
entrega o círio ao celebrante que o
coloca, aceso, em lugar bem visível.
Assim permanecerá o círio, durante toda
a cerimônia.
A noiva poderá entrar ao som da **Marcha
Nupcial** ou de outra música, se assim o
desejar).

Celebrante:

_____ e _____,
irmãos muito amados,
digam-nos o que pretendem
ao unir suas vidas
no mesmo projeto de amor.

Noivos:

(juntos, virados para a comunidade, frente
a um microfone)
"Nós partiremos juntos. . .

Noivo:

(interrompendo)
eu, jovem ainda,
quase um desconhecido

Noiva:

(continuando)
e eu que desejo a vida

Noivos:

(juntos, completando)
estamos deixando para trás
livros e teorias
e partiremos juntos, amigos,
para a aventura, para o infinito!

Todos:

E partirão juntos,
para a aventura e para o infinito

Celebrante:

Deixarão, então, seu pai e sua mãe.
Deixarão bagagens e preconceitos,
pequenos planos e pequenas paixões
e se entregarão um ao outro,
sendo dois numa só carne.

Todos:

Sendo duas vidas numa só vida
cada um se revelando ao outro

e, nessa revelação,
descobrimos juntos
o caminho que os espera,
caminho que os levará
à aventura, ao infinito

Casais mais Maduros:

Também nós, um dia,
esse pacto fizemos.
Engoliu-nos a vida dia a dia
e no cotidiano,
quase nos perdemos.
Se descobrirem o caminho
por favor, não o escondam,
queremos fazê-lo nosso,
seguir-lo com vocês.
Colocamos diante do Senhor
todos os nossos desejos

(cf. Sl. 37, 10)

e descobrimos, Senhor -
Deus que és amor -
nosso refúgio e nossa força
nas lutas de cada dia.

(cf. Sl. 45, 1-4)

Todos:

Por isso, pode a terra tremer,
nada temeremos.
Podem as montanhas
afundar-se nos mares.
Ainda que as águas tumultuem
e venham abalar os montes.
Está conosco o Senhor do universo.
(cf. Sl. 45, 1-4)

Pais dos Noivos:

Então perguntamos aos nossos filhos:
Qual será essa aventura?
Em que infinito se irão encontrar?

Celebrante:

Muitos já tentaram seguir
por esse caminho encantado.
Alguns se perderam na noite
chamando pela madrugada.

(Ouve-se a música de João de Aquino e
Paulo César Pinheiro, "Viagem",
cantada por Marisa)

Celebrante: (continuando)

Existem vários caminhos
carregando em seu bojo
a esperança da aventura.
Existem vários caminhos
apontando, como setas,
na direção do infinito.

(Um momento de silêncio)

Noivo:

É mais forte do que a morte
o amor que descobrimos.
Dele tira sua força
nosso pobre amor humano.

Noiva:

É belo como o sol,
o Senhor que é amor
a nós se revelou,
sua face nos mostrou.

Noivos: (juntos)

"Tu nos seduziste, Senhor,
e nós, nós nos deixamos seduzir"

Ao descobrir Teu plano de amor
nele, para sempre, nos encontramos.
Ao descobrir Teu plano de amor
esquecemos nossos pais,
desligamo-nos de nossas raízes,
deixamos nosso barco
e partimos à Tua procura.

(Ouve-se o Canto: "A Barca").

Refrão:

(Cesário Gabarim)

Senhor, Tu me olhaste nos olhos
a sorrir, pronunciaste meu nome,
lá na praia, eu larguei o meu barco,
junto a ti, buscarei outro mar...

Tu te abeiraste da praia
não buscaste nem os sábios, nem ricos
somente queres que eu te siga.

Tu sabes bem que em meu barco
eu não tenho nem ouro nem espadas
somente redes e o meu trabalho

Tu, minhas mãos solicitas,
meu cansaço que a outros descanse
amor que almeja seguir amando.

Celebrante:

Bendito sejas, Senhor,
porque te revelaste a esses dois jovens
como outrora o fizeste a Israel teu povo.
Bendito sejas, Senhor,
porque os seduziste
e os fizeste seguir confiantes,
colocando seus pés na poeira dos teus
colocando seus corações
bem no centro do universo.

Pais dos Noivos:

Poderiam vocês contar-nos agora
alguma coisa dessa revelação?
Como pôde ela colocá-los a caminho
fazendo-os abandonar outras
possibilidades,
fazendo convergir para essa vivência
todos os desejos de seu coração?

Noivos:

(juntos)
Seu mistério nos desvendou
O Senhor que é amor
Como o fez outrora
a nossos pais de Israel.

Comentador 1:

"O Senhor me chamou
desde o meu nascimento,
ainda no seio da minha mãe
ele pronunciou meu nome,
e disse:
Tu és meu servo,
em quem me alegrarei."

(cf. Is. 49, 1-3)

Comentador 2:

Assim diz o Senhor:
"Antes que no seio fosses formado
eu já te conhecia.
Antes de teu nascimento
eu já te havia consagrado."

(cf. Jr. 1, 5)

Todos:

Sim, foste tu que nos tiraste
das entranhas de nossa mãe
e seguro nos fizeste
repousar no seio seu.
A Ti fomos entregues
desde o nosso nascimento.
Desde o ventre de nossas mães
Tu és o nosso Deus.

(cf. Sl. 21, 10)

Noivos:

(juntos)
Este é o amor do Senhor.
Este é o Senhor que é amor.
Amor de eleição.
"Feliz aquele que escolhes, Senhor!"
(cf. Sl. 64, 5)

Casais mais Maduros:

Também nós, um dia, assim sonhamos.
"Nossos pés iam resvalar,
por pouco não escorregamos."
(cf. Sl. 72, 2)
"passamos pelo fogo e pela água"
(cf. Sl. 65, 12)

mas, por fim, Te vislumbramos.
Quando a nós Te revelaste
e Tua face descobrimos,
um no outro nos descobrimos
bem na curva dos caminhos.
Nosso sonho de aventura,
nossa busca de infinito
se tornavam mais reais
e na vida se encarnavam.

Padrinhos:

E na história te buscamos
nela, nossa estória se entrosando.
Aos poucos se foram nossos ídolos,
e perderam seus limites
os nossos corações.

Amigos Jovens e Padrinhos:

Senhor,
estás sempre na linha do horizonte
e te afastas

à medida do nosso caminhar.

Não existem caminhos sobre o mar.
Nele se reúnem as cantigas dos homens,
envolvendo-nos com seu sortilégio.
Tentam desintegrar-nos
ventos de todos os quadrantes.
O sol nos queima os olhos
purificando-os,
para que te possam encontrar...

Todos:

Estás sempre na linha do horizonte...

Casais mais Maduros:

E conosco assim seguiste
questionando-nos cada dia,
tua face revelando,
assumindo nossos erros,
nossas dúvidas e incertezas,
nossas pobres tentativas
tantas vezes incapazes
de criar novos caminhos
na resposta ao Teu amor.

Todos:

E aprendemos, então,
ao longo dos dias da vida,
o perdão e a reconciliação,
e a saber que nosso pobre amor
é imensamente grande,
porque sinal do Teu amor,
Sacramento do teu amor,
é imensamente pobre,
porque entregue em nossas mãos.

Casais mais Maduros:

Descobrimos também,
na pequena aliança que nos une,
o eco de Tua grande e eterna aliança
com o povo que escolheste.

Todos:

e que, muitas vezes,
Te desconheceu e Te deixou.

Casais mais Maduros:

Que fizemos, Senhor, de Teu amor
entregue, sem defesa, em nossa mãos?
Por que o encarceramos
nos limites estreitos
do nosso próprio coração?

Maridos dos Casais mais Maduros:

Que fizemos de Tua imagem
tecida em nosso próprio ser?
Talvez a tenhamos prendido
no nosso modo de pensar,
no nosso modo de viver.

Esposas dos Casais mais Maduros:

Que fizemos de Ti, Senhor?
A nós, sem reservas, Te entregaste.
De Ti nos apossamos.
De ti nos servimos.

Todos:

E agora Te buscamos.
Tua face, onde está?
Escondida em nossa face,
Presas em nosso coração.

Celebrante:

E por isso Te pedimos
Teu amor e Tua graça.
(Todos cantam o "Kyrie")

Todos:

Perdão, Senhor! Assume nossa vida,
revela, em nosso amor, o Teu amor.
"Deixa-nos apenas tornar nossa vida
simples e reta como uma flauta de cana,
para que a enchas de música."
(Cf. Tagore - Gitanjali)

Noivos:

"Então, de cada um dos ninhos de nossas
aves
as Tuas palavras hão de soar em canções
e as Tuas melodias hão de brotar em
flores
por todos os caminhos do nosso
bosque."
(cf. Tagore - Gitanjali)

E estaremos caminhando
para a aventura, para o infinito!

(Momento de silêncio)

Celebrante:

Mais ainda fizeste, Senhor:
Depois de nos chamares
e de a nós Te revelares,
nos fizeste povo Teu.

Comentador 1:

"E disseste por Teus profetas:
Serei para Israel como o orvalho.
Ele florescerá como o lírio
e lançará raízes como o álamo.
Seus galhos estender-se-ão ao longe..."
(cf. Oséias 14, 5)

Comentador 2:

E nos tomaste pela mão e, maravilha!
"Ouvimos com nosso próprio ouvido, ó
Deus,

nossos pais nos contaram
a obra que fizeste em seus dias
nos tempos de antigamente.
Expulsaste com Tuas mãos nações pagãs
para lhes dares onde morar.
Não foi com sua espada
que conquistaram terras,
nem foi seu braço que os salvou.
Foi Tua mão, foi Teu braço,
foi o resplendor de Tua face
porque os amaste."

(cf. Sl. 43, 1-4)

Comentador 3:

E conosco caminhaste
dia a dia no deserto.
Emanuel, Deus conosco,
dilatando-nos o coração.

Comentador 4:

E encantados percebemos:
"Quando velhas palavras
vêm morrer na língua,
novas melodias jorram do coração.
Onde as trilhas velhas se perdem,
um país novo se revela,
com suas maravilhas!"

(cf. Tagore - Gitanjali)

Todos:

"Senhor nosso Deus,
são maravilhosas as Tuas obras
e ninguém se assemelha a Ti
nos desígnios para conosco.
Queremos anunciá-las e divulgá-las,
mas são mais do que se pode contar!"

(cf. Sl. 39, 6)

(Momento de Silêncio)

Casais mais Maduros:

Mesmo assim,
"nada ocultaremos de nossos filhos
do que ouvimos e aprendemos
através de nossos pais."

(cf. Sl. 77, 3-4)

Noivos:

(juntos)
E em nosso caminhar
para a aventura e o infinito
"narraremos às gerações futuras
os louvores do Senhor,
seu poder e suas obras."

(cf. Sl. 77, 6)

Todos:

"E assim,
todas as gerações O conhecerão
e seus filhos poderão
também contar aos seus,
colocando em Deus sua esperança."

(cf. Sl. 77, 7)

Noivos:

(juntos)
E, por isso, aqui dizemos:
"Aqui estamos, Senhor.
Fazer Tua vontade é nosso desejo."

(cf. Sl. 39, 8)

Todos:

"Tal é a geração
dos que buscam a Deus,
dos que buscam
a face do Deus de Jacó."

(cf. Sl. 23, 6)

Celebrante:

"Cantai ao Senhor um cântico novo.
Cantai ao Senhor por toda a terra.
Cantai ao Senhor e bendizeis seu nome.
A obra de sua salvação anunciai todos os
dias.
Proclamai a sua glória a todas as nações,
entre todos os povos as suas maravilhas!"

(cf. Sl. 95, 1)

(Canto do Gloria)

(Momento de Silêncio)

Celebrante:

"Não sei como cantas, ó meu mestre,
escuto sempre em silencioso
deslumbramento.
A luz de Tua música ilumina o mundo!"

(cf. Tagore - Gitanjali)

Comentadores:

(juntos)
"O sopro de Tua música
voa de céu em céu.
A torrente santa de Tua música
rompe qualquer obstáculo de pedra
e jorra..."

(cf. Tagore - Gitanjali)

Padrinhos:

"Nosso coração anseia
por juntar-se ao Teu cântico
mas em vão se esforça por ter voz.
Poderíamos falar
mas a linguagem
não se transforma em cântico..."

(cf. Tagore - Gitanjali)

Noiva:

"Dá-me a força de elevar meu espírito
muito acima das cotidianas frivolidades."

Noivo:

"E dá-me força de submeter minha
vontade
à Tua vontade amorosamente."

(cf. Tagore - Gitanjali)

(Momento de Silêncio)

Comentadores:

(juntos)
Eis que a aventura e o infinito
se vão, aos poucos, delineando.
Passam a ser um caminho real,
e não, fuga para as estrelas.

Padrinhos:

Escutem em nossa voz
a vontade de partir.
Expliquem-nos primeiro,
_____ e _____

Como poderão viver tudo isto
no contexto das atuais
sociedades opressoras
e, por isso mesmo, repressoras?
Como poderão abraçar
a aventura e o infinito
no meio do desamor,
no meio da opressão,
ouvindo por toda a parte
o choro dos irmãos?

Noivo:

"Nosso Deus está lá
onde está o lavrador
lavrando a terra dura.
E onde está quebrando pedras
aquele que abre os caminhos.
Está com eles ao sol e à chuva
e as suas vestes estão cheias de pó...
Tira o teu manto de festa
e desce também com ele
para o chão poeirento."

(cf. Tagore - Gitanjali)

Noiva:

"Aqui é o descanso para os Teus pés
que repousam onde vivem os mais
pobres,
os mais obscuros e perdidos.
Quando tento inclinar-me diante de Ti
a minha reverência não consegue chegar
até a profundidade onde Teus pés
repousam
entre os mais pobres, os mais obscuros e
perdidos."

(cf. Tagore - Gitanjali)

Noivos:

(juntos)
"Nossos corações
nunca podem encontrar
o caminho que leve
ao lugar onde fazes companhia
ao que não tem companheiros
entre os mais pobres,
obscuros e perdidos."

(cf. Tagore - Gitanjali)

Celebrante:

E, no entanto,
tu nos dizes, Senhor,
através de
teu servo Isaias:

Comentador 1:

"Vistes muitas coisas sem lhes dar
atenção,
Tivestes os ouvidos abertos, sem
escutar (...)
Todavia, é um povo saqueado e
despojado (...)
exposto à pilhagem, sem que ninguém o
livre.

Despojam-nos e ninguém os faz restituir.
Quem dentre vós prestará atenção a estas
coisas?
Quem as ouvirá, pensando no futuro?
(cf. Is. 42, 20-23)

Comentador 2:

Eis o programa que vos dou
ainda através de Isaias, meu servo:
"(...) romper as cadeias injustas
desatar as cordas do jugo
mandar embora livres os oprimidos
e quebrar todo espécie de jugo..."

Comentador 3:

(continuando)
repartir seu alimento com o faminto
dar abrigo aos infelizes sem asilo
vestir os maltrapilhos
em lugar de desviar-se de seus
semelhantes.

Comentadores:

(juntos)
"Então Tua luz surgirá da aurora
Tua justiça caminhará diante de Ti
e a glória do Senhor seguirá à Tua
retaguarda."
(cf. Is. 58, 6 a 9)

Celebrante:

Eis o roteiro do caminho
que leva à aventura, ao infinito:
"Abri, no deserto, um caminho para o
Senhor.
Traçai reta na estepe, uma pista para
nosso Deus.
Que todo vale seja aterrado.
Que toda montanha e colina sejam
abaixadas
Que os cimos sejam aplainados.
Que as escarpas sejam niveladas."

Irmãos dos Noivos:

Então, a glória do Senhor se manifestará
todas as criaturas juntas apreciarão o
esplendor
porque a boca do Senhor o prometeu."
(cf. Is. 40, 3-5)

Casais Jovens:

Senhor, "escancarou-se de súbito,
esta manhã, a janela de nosso coração,
a janela que dá para o Teu coração.
Espantamo-nos de ver
que o nome pelo qual nos conheces
está escrito
com as flores e as folhas da primavera
e sentamo-nos silenciosos."

Casais Jovens:

Senhor, "escancarou-se de súbito,
esta manhã, a janela de nosso coração,
a janela que dá para o Teu coração.

Espantamo-nos de ver
que o nome pelo qual nos conheces
está escrito
com as flores e as folhas da primavera
e sentamo-nos silenciosos.”
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)

Padrinhos:

“A um sopro
a cortina abriu-se por um momento
entre nossos cantos e os Teus.
Descobrimos que a luz de Tua manhã
estava cheia
de nossas próprias canções mudas
que não foram cantadas.
Pensamos
que a aprenderíamos a Teus pés
e sentamo-nos em silêncio.”
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)

Pais dos Noivos:

“Que força foi essa
que nos fez despontar
nesse imenso mistério
como um botão de flor
numa floresta, à meia noite?”
(cf. Tagore – Gitanjali)

“É a Tua casa
que se abre para o mundo
é, Teu amor que chama
para o campo de batalha (...)
É o Teu céu que jaz
na poeira comum
e lá estás para nós,
lá estás para todos.”
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)

Casais mais Maduros

“Será a festa do verão
apenas para as flores frescas
e não também para as flores secas
e as flores murchas?
E a canção do mar
se harmonizará apenas
com as ondas que sobem?
Não cantará também
com as ondas que se quebram?”
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)

Noivos:

“Onde o espírito é sem medo
e a fronte se ergue,
onde é livre o conhecimento,
onde o mundo
não foi dividido em pedacinhos,
por paredes domésticas,
onde as palavras
nascem do abismo da verdade,
onde o incansável esforço
estende os braços para a perfeição,
onde a torrente clara da razão
não se desgarrou
pelo triste deserto de areia
da entorpecida rotina,
onde o espírito avança

guiado por Ti
num pensamento e ação
sempre crescente.
Dentro desse céu de liberdade,
ó meu Pai,
desperta uma pátria para nós.”
(cf. Tagore – Gitanjali)

Todos os Casais Presentes:

“Quando nos deixávamos ficar
ao pé do tesouro que ajuntávamos
sentiamo-nos como um verme que,
no escuro,
se alimenta da fruta onde nasceu.
Deixamos essa lição de decadência
não desejamos viver
nesta quietude estagnada
porque vamos em busca
da eterna mocidade.
Atiramos fora
tudo que não está
em harmonia com a nossa vida,
nem é tão leve
quanto o nosso riso.
Corremos através do tempo,
e em Tua carruagem, ó meu coração,
dança o poeta que vagueia cantando.”
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)

Celebrante:

Todos juntos cantemos
louvores ao nosso Deus.
Foi Ele quem fez o céu, a terra, o mar,
o universo e tudo o que ele contém.
Foi Ele quem nos fez
imagem de sua face,
sinais de seu amor.

(Canto do “Sanctus”)

Noivos:

“Tivemos nosso convite
para o festival do mundo
e por isso
foi abençoada nossa vida.
Os nossos olhos viram
e os nossos ouvidos ouviram.
O nosso ofício nessa festa
era tanger nosso instrumento
e fizemos tudo
o melhor possível.”
(cf. Tagore – Gitanjali)

Comentadores: (juntos)

“Saíamos de nossas meditações
e deixamos de lado
nossas flores e nossos incensos,
Que mal faz que se esfarrapem
e rompam nossas vestes?
Procuremos o Senhor,
Permanecemos com Ele
na lida e no suor de nossas frentes.”
(cf. Tagore – Gitanjali)

Noivos

Pressentindo as dificuldades
as pedras do caminho
sentindo já nos pés
os ferimentos do cansaço
pedimos-lhes, irmãos
orem por nós.
Sejam nosso sustento
Se nos virem fraquejar.

Padrinhos e jovens amigos

Seremos para vocês
os guardiães desse sonho lindo,
os cavaleiros da esperança
que hoje, na alegria, nos revelam.

Casais mais maduros

E nós, em nossa maturidade,
protegeremos a realidade
para que no sonho não se perca
e permaneça de pé
como quem questiona
e aponta para novos caminhos.

Celebrante

E eu, em nome do Senhor,
serei como o servo fiel,
pronto a ajudá-los
mostrando-lhes a força da graça
nas situações mais diversas
nas encruzilhadas da vida

Todos

E juntos descobriremos
no dia a dia da vida
que tudo é graça, Senhor,
e que conosco caminhas,
tu, nossa aventura,
tu, nosso infinito!
(Momento de silêncio)

Casais mais Maduros:

“Em muitos dias de ócio
lamentamos o tempo perdido
mas ele não foi de todo perdido, Senhor.
Guardaste nas tuas mãos
cada instante de nossa vida.
Escondido no coração das coisas,
Tu estás alimentando
as sementes para que sejam rebentos,
os botões para que sejam flores
e as flores para que sejam frutos.”

Pais dos Noivos:

“Dormíamos
cansados e indolentes em nosso leito
julgando que todo o trabalho
tivesse cessado.
Acordamos de manhã
e encontramos
repleto de milagres de flores
nosso jardim.”
(cf. Tagore – Gitanjali)

Noivo:

“Prepara-te para partir, meu coração,
e deixa que se demorem
os que têm que demorar-se.

Noiva:

Porque nosso nome foi chamado no céu
matinal,
não esperamos por ninguém!

Noivos:

(juntos e dando-se as mãos)
O desejo do botão
é a noite e o orvalho,
mas a flor desabrocha
clama pela liberdade da luz.
Rompe tua prisão, coração, e surge!”
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)

Todos:

“No Teu mundo, Senhor,
não trabalhamos para nós,
nossa vida inútil
só pode expandir-se
em toadas sem sentido (...)
e nosso trabalho seria
como uma infinita fadiga
num oceano ilimitado de fadigas (...).”
(cf. Tagore – Gitanjali)

(Momento de Silêncio)

Celebrante:

Compreendemos agora,
_____ e _____

melhor do que nunca,
o que significa, para todos nós,
partir para a aventura,
partir para o infinito.
Perguntamos a vocês,
com o coração cheio de júbilo:
Querem mesmo unir-se no amor
e ser, para sempre,
sinal desse amor que um dia
a vocês se revelou,
os escolheu e os chamou
e na vida os colocou
como sinal de sua presença,
como sacramento de seu amor?

Noivos:

Sim, queremos.
Para isto,
partiremos juntos, amigos,
para a aventura,
para o infinito.

Celebrante:

Dêem-se então as mãos
e, voltados para a comunidade,
testemunha desse desejo de vocês,
diguem bem alto,
para que todos os escutem:

Pais dos Noivos:
(interrompendo, trazendo consigo o **Círio Pascal**)

Digam-no diante desse Círio –
luz de Cristo – luz a nossos pés –
luz para nossos corações,
luz a iluminar o nosso caminho
para a aventura, para o infinito.

Noivos:
(repetem bem alto a fórmula a eles
indicada pelo Celebrante).
"Eu, _____ te recebo, _____" etc)
(segue-se a bênção e entrega das alianças).

Celebrante:
E agora, selando definitivamente essa
união
convido a todos a participarem conosco
da comunhão do corpo do Senhor Jesus.
Desse corpo que por todos repartido
conserva sua identidade original
reunindo, no corpo total,
todos os homens enfim irmãos.

(Comunhão – Canto "Magnificat")

Noivos:
(Após a Comunhão)
Nós te agradecemos, Senhor
por estar o nosso destino
com os humildes que sofrem
a carga do poder,
ocultam a face
e sufocam os soluços
na escuridão.
Porque
cada palpitação de sua dor
pulsou na profundidade secreta
de Tua noite
e cada insulto foi recolhido
no Teu grande silêncio"
(cf. Tagore – Gitanjali)

Padrinhos:
Caminhar para a aventura,
caminhar para o infinito!
Caminho que supõe libertação.
Onde encontrar essa libertação?

Celebrante:
"Nosso mestre tomou a si mesmo,
cheio de alegria,
todos os encargos da criação.
Ele está ligado a todos nós para sempre"
(cf. Tagore – Gitanjali)

Noivos:
É verdade
"Não, não cabe a nós
abrir as flores em botão (...)
está acima de nosso poder
transformá-lo em flor.
Nosso contacto pode manchá-lo,

rasgar suas pétalas
em pedaços,
espalhando-as na poeira.
Mas nenhuma flor aparece
Nem nenhum perfume."

Todos:
Sim, não cabe a nós
abrir a flor em botão,
Aquele que pode abrir o botão,
abre-o tão simplesmente;
lança-lhe um olhar
e a seiva da vida
movimenta-se através de suas veias.
Ao seu hálito
a flor abre as asas
e palpita ao vento.
As cores afluem
como anseios do coração
e seu perfume
denuncia um doce segredo!"

Noivos:
"Aquele que pode abrir o botão
abre-o tão simplesmente!"
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)
"Deixa-nos apenas tornar nossa vida
simples e reta como uma flauta de cana
para que a enchas de música."

Pais dos Noivos:
"Quando o cansaço do caminho
e a sede do dia sufocante
se abaterem sobre vocês,
quando as horas espectrais
do anoitecer
lançarem suas sombras
sobre a vida de vocês",
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)
como descobrirão no escuro,
a voz que os chamou,
aquele que os escolheu,
o traçado do caminho
para a aventura,
para o infinito?

Noivos:
Percebemos que,
por muito nos amarem,
procuram vocês
prender-nos num redil.
"Tal não se dá
com teu amor, Senhor,
esse amor
que é maior que o deles,
pois nos deixa livres.
De medo
de que nos esqueçamos deles,
jamais se atrevem
a deixar-nos sozinhos!"
(cf. Tagore – Gitanjali)
"Manda-nos um amor
fresco e puro
como a tua chuva

que abençoa a terra sedenta
e enche os cântaros sedentos,
feitos de barro,
no íntimo do ser
e dele se espalha
como seiva invisível
através da esgalhada árvore da vida
gerando frutos e flores."
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)
"Então, nosso coração se abrirá como
uma flor
e nossa vida estancará sua sede
numa fonte oculta."
(cf. Tagore – Colheita de Frutos)

Noivo:
(virando-se para a Noiva, dando-lhe a
mão)
"Vida da minha vida,
eu tratarei de trazer sempre puro o meu
corpo
sabendo que o teu tato
pousa sobre todos os seus membros."

Noiva:
(respondendo)
Eu tratarei de trazer
sempre longe de meus pensamentos
qualquer falsidade
sabendo que tu vês essa verdade,
que acende a luz da razão em meu
espírito."

Noivos:
(juntos)
"Trataremos de afastar
sempre do nosso coração
qualquer maldade
e de conservar
sempre em flor
o nosso amor
por Ti, Senhor,
sabendo que tens a Tua morada
no santuário íntimo
de nosso coração."
E, partindo juntos,
para a aventura e para o infinito,
"será todo o nosso empenho
o de revelar-te
em nossas ações,
sabendo que é o Teu poder
que nos dá a força de agir."
(cf. Tagore – Gitanjali)

Noivos:
(de mãos dadas dirigindo-se à
comunidade)
"Nesse momento de nossa partida,
desejai-nos boa sorte, amigos!
O céu inflamou-se como a aurora,
e está lindo o nosso caminho.
Não indagueis
o que levamos conosco ao partir.
Seguimos viagem de mãos vazias,
com o coração cheio de esperança!
(cf. Tagore – Gitanjali)

Celebrante:
Bendito sejas, Senhor,
porque escondeste essas maravilhas
dos sábios e orgulhosos
e as revelaste aos jovens, aos pequeninos.
Bendito sejas, por nos teres revelado
hoje,

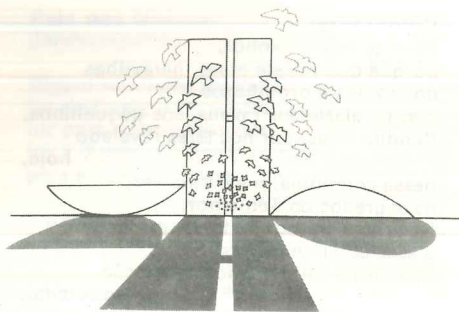
nessa cerimônia, mais uma vez,
os segredos do Teu amor.
Bendito sejas por Te teres revelado
a esse casal de jovens
que despertou hoje nosso coração
sonolento.

Celebrante:
(dirigindo-se à comunidade)
Por isso, todos juntos,
a uma só voz, os abençoamos:
"O Senhor nos abençoe e nos
guarde (...)"



(Forma-se o cortejo para a saída)

Os pais dos noivos devem sair na frente,
carregando o **Círio Pascal**, luz que
ilumina o caminho para a aventura e para
o infinito.
A mãe da noiva poderá ir distribuindo
suas flores pelo caminho que,
simbolicamente, levará à aventura e ao
infinito.
À saída, se poderá ouvir a música
"Teletema", de Antonio Adolfo e
Gaspar interpretada por Evinha, ou
"Fantasia", do Chico Buarque
interpretada pelo MPB4).



Podemos ser “inocentes úteis”

Lembram-se dessa expressão? Era aplicada a pessoas ingênuas, facilmente manipuladas por outras mais espertas, para favorecer a infiltração de ideologias suspeitas ou interesses inconfessáveis.

Quando o “inocente útil” percebia o resultado da sua ingenuidade, ficava inconsolável e indignado... tarde demais!

Ora, se não tomarmos cuidado, podemos cair nessas armadilhas, que interesses poderosos continuam a armar, com muito engenho e arte.

Vejam, por exemplo, a poderosa e permanente campanha de descrédito contra o Poder Legislativo.

Alguém tem dúvida de tratar-se de uma campanha bem orquestrada?

É evidente que interessa a muitos setores políticos e econômicos, de indiscutível poder, a desmoralização do parlamentar, representante do povo, que se opõe aos seus privilégios. Porque há muitos e muitos congressistas incorruptíveis, que recusam ser cúmplices da injustiça e não se calam diante das espertezas com que muitos poderosos senhores expoliam e enganam o povo. Controlam a prepotência do Executivo e as omissões do Judiciário.

A saída é desmoralizar esses incômodos e teimosos políticos que cometem a insanidade de não se dobrarem aos seus favores.

Por isso, o Legislativo é uma pedra no caminho de espertos negociantes e de governantes autoritários. São centenas de deputados e senadores. Como controlar tantas cabeças – muitas delas especialmente duras, teimosas e intransigentes?

A saída é desacreditá-los como um todo. “São uns vagabundos!” – dizem. “Ganham muito e trabalham pouco!” E completam: “São incompetentes e se elegeram a custa de muito dinheiro”.

Exemplos que confirmam essas acusações são, infelizmente, abundantes. Mas em absoluto, não retratam o conjunto e a instituição. Na verdade, é intenso e competente o trabalho realizado no dia-a-dia das Comissões do Congresso Nacional, o esforço e a dedicação quase anônimos de excelentes parlamentares e o autêntico empenho pelo bem comum que marca a atuação de inúmeros congressistas de diferentes partidos. Infelizmente, o que se noticia com mais espalhamento nos jornais, intencionalmente, é claro, são as atitudes desabonadoras de representantes infelizes do povo, que afetam a credibilidade da instituição.

E nós, influenciados pelo bombardeio de notícias desse tipo, programado com a precisão de mísseis “scud” ou “patriot” – famosos na guerra do Golfo – podemos ser levados a engrossar o coro dos críticos do Poder Legislativo, como simpáticos “inocentes úteis”.

Corremos, até, o risco de esquecer aqueles que, nas longas e perversas noites das ditaduras, deram a vida ou a liberdade para que esse pilar essencial da democracia fosse restabelecido.

Mas... vamos contemporizar com os que traem os seus mandatos? Claro que não! Temos que ser críticos e severos com os maus parlamentares e ao mesmo tempo defensores intransigentes do Poder Legislativo – denunciando as campanhas bem urdidadas e orquestradas contra a sua credibilidade.

Os jovens no MFC

Centrado em suas equipes-base, e adotando o processo pedagógico que lhe é próprio, o MFC tem pretendido formar famílias mais integradas e comprometidas com o bem comum, aptas a desempenhar as funções que hoje lhe cabem na sociedade.

No entanto, observa-se que, frequentemente, os jovens são excluídos desse processo, perdendo-se a sua contribuição indiscutivelmente valiosa para chegar-se àqueles objetivos.

Nem sempre os adultos são suficientemente sensíveis à visão de mundo e as aspirações dos jovens, o que se torna difícil pela pouca convivência entre uns e outros.

Ainda que esse intercâmbio pudesse acontecer no interior da própria família, muitas vezes isto não ocorre.

O MFC pode criar condições para esse convívio.

Nas cidades em que essa integração de jovens se realiza, o MFC se apresenta como um verdadeiro movimento familiar, e não apenas um movimento de casais.

Os objetivos mais evidentes dessa integração podem ser assim destacados:

- Despertar a consciência crítica dos jovens, para que descubram os condicionamentos a que estão sujeitos, e assumam uma visão adulta do mundo em que vivem.

- Apoiar o seu processo de amadurecimento afetivo, social e de fé, através da vivência de relações interpessoais mais profundas e da reflexão sobre os desafios do mundo e do Evangelho.

- Estabelecer um intercâmbio saudável de experiências entre jovens e adultos, pelo qual todos crescem e aprendem, evangelizam e são evangelizados.

- Realizar uma preparação remota para a vida conjugal, familiar e social, despertando a responsabilidade de todos para uma presença fecunda e transformadora nas estruturas sociais, para humanizá-las.

- Promover a superação do infantilismo religioso por uma fé adulta, comprometida e libertadora.

- Dar uma dimensão nova e mais rica às relações familiares, especialmente às relações entre pais e filhos, baseadas no respeito e confiança mútuas e na superação de todas as formas de opressão e dominação despersonalizantes.



“Por que tanto pobre?”

Juca: — No outro dia a Joana perguntou ao Pedro o que era essa Campanha de Fraternidade que a Igreja faz todo ano. Eu queria saber é outra coisa. Que é que vocês chamam de “opção pelos pobres”? Eu sou mais pela opção pelos ricos...

Pedro: — Então sou eu que quero saber de você o que é essa opção pelos ricos, garotão...

Joana: — Falando sério, Pedro, o que é essa coisa que o pessoal de Igreja está repetindo a toda hora?

Carlos: — Eu acho que a história começa quando você percebe que está cercado de gente pobre por todo lado e tem um monte de crianças morrendo de fome de minuto em minuto. É por aí, Pedro?

Pedro: — Pode ser por aí, pra começar. Mas de repente você se pergunta: por que? O que é que essa gente toda fez de errado pra acabar morrendo de fome ou vivendo na miséria?

Juca: — Tem gente que nasce na miséria mas sai dela pelo trabalho e pelo esforço, estudando, dando duro! Tem muito pobre que é pobre porque não gosta de dar duro!

Pedro: — É... você está procurando a exceção. O que a gente vê, mesmo, é o pobre trabalhando feito desgraçado sem conseguir sustentar a família. O salário do trabalhador é uma vergonha. Você conseguia sair da miséria ganhando o que ganha um trabalhador daquela obra ali da esquina?

Carlos: — E o cara que nasce pobre, se alimenta mal desde que nasce. Já fica quebrado logo em criança! Criança que não se alimenta direito não desenvolve a cabeça, não consegue estudar quando cresce, tem dificuldade de aprender. Isso se conseguir escola!

Fernando: — Isso é verdade, a gente é de família de classe média e passa

aperto, quanto mais o pobre que vive numa favela braba! Mas pra resolver esses problemas, só o governo.

Joana: — Eu acho que tem uma parte que é a gente que tem que fazer. Se ficar esperando pelo governo, a miséria não acaba!

Fernando: — Mas o que é que um cara como eu pode fazer?

Joana: — Sozinho você não vai fazer nada, é claro. Mas se você entra numa associação de moradores, ou na comissão de direitos humanos, já pode começar a fazer as coisas acontecerem!

Pedro: — A tal da opção pelos pobres que os cristãos têm feito começa por aí, mas vai mais longe. Você tem que começar aprendendo a ver o mundo pelos olhos dos pobres. Só assim é que você vai perceber como as coisas andam erradas na sociedade em que a gente vive.

Carlos: — Pra isso, você tem que conviver com pobres, andar onde eles andam e ir lá ver onde eles vivem. Tem que conversar com eles. É isso aí, Pedro?

Pedro: — É isso aí, Carlos.

Fernando: — E daí?

Pedro: — É que isso muda a tua vida bicho! Você vê aquela pobreza toda e começa a ter vergonha da tua roupa da Company! E de outras frescuras da classe média. Você vai começar a entender que tem que dividir alguma coisa. Que é indecente não repartir o que você tem com o pessoal que está naquela miséria!

Maria: — Eu por mim não me animo. Confesso que não tenho coragem de ir numa favela. A miséria me assusta!

Pedro: — O que os cristãos resolveram foi justamente isso: perder o medo de enfrentar a dura realidade e deixar



que isso transforme a sua própria vida. E ser mais simples, viver com mais simplicidade. E ficando do lado dos pobres na luta deles pra se libertar da miséria.

Fernando: — Nós podíamos fazer alguma coisa já?

Pedro: — Cada um podia dar uma idéia.

PERGUNTAS PARA A REUNIÃO:

- Como você julgaria as opiniões e atitudes de cada um dos personagens deste diálogo? Fernando? Juca? Carlos? Pedro? Joana?
- Quais as suas próprias opiniões sobre as questões tratadas neste diálogo? Como você encara o problema da miséria e da riqueza?
- Vamos tirar conclusões: em que concordamos? — em que discordamos?
- O que podemos fazer concretamente para tentar diminuir tão gritantes desigualdades sociais?

REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO-LIBERTAÇÃO

“Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho” (Gal 4,4).

O povo judeu esperou longamente pelo Filho de Deus, anunciado pelos profetas.

Esperavam um homem poderoso, que havia de libertar o povo subjugado e seria proclamado Rei.

Mas nasceu uma criança pobre, de uma mulher humilde do povo.

Rejeitados pela cidade, José e Maria se abrigam numa estrebaria, porque mesmo nas hospedarias mais modestas, “não havia lugar para eles”. E, tendo nascido o Filho de Deus, “colocaram-no numa mangedoura” (Lc 2, 6-7).

O nascimento de Jesus em tais condições de despojamento, pobreza e rejeição e a vida pobre e austera da família de Nazaré tem um sentido profundo para a vida do cristão.

Reunião sem temário

Está reunida a equipe-base ou comunidade familiar do MFC. Há problemas no ar. Tem gente preocupada com coisas que estão acontecendo. São desafios que pedem respostas urgentes!

O melhor é deixar de lado o temário ou o assunto que pensavam tratar hoje. Deixar para a próxima reunião.

Mas abordar um tema ou problema inesperado não quer dizer que não se deva utilizar uma metodologia adequada, para uma reunião proveitosa.

Como poderia ser essa metodologia?

Vamos por passos, todos respondendo a cada pergunta:

1. COMECEMOS ENUNCIANDO O PROBLEMA.

- Qual é o problema? Onde está exatamente, o problema, na situação ou acontecimento que nos preocupa? É, mesmo, um problema? Por que?

- Como se manifesta o problema? A quem afeta? Quais são os efeitos desse problema? Como poderá evoluir, se nada for feito? Quais os aspectos mais preocupantes do problema?

2. VAMOS ÀS CAUSAS

- Quais são as causas mais imediatas e visíveis do problema? Mas, não haverá causas mais remotas, mais na raiz desse problema? Haverá causas estruturais?

- A quem interessa criar ou alimentar esse problema? Haverá alguém levando vantagem nessa situação-problema?

- O problema tem algo que ver com o contexto social em que vivemos? Com o sistema político ou econômico vigente? Com a religiosidade do povo?

3. CONFRONTEMOS ESSE PROBLEMA COM O PROJETO DE DEUS PARA O HOMEM

- Como fica a humanização das pessoas atingidas por esse problema? Ele desumaniza? Como? Em que sentido?

- Como a Palavra de Deus iluminaria a busca de soluções humanizantes para o problema? Alguém recorda de exemplos da Bíblia que apoiam essa busca de soluções mais humanas para o problema?

4. PASSEMOS ÀS SOLUÇÕES POSSÍVEIS

- Quais poderiam ser as soluções mais urgentes ou imediatas, ainda que provisórias, para resolver ou atenuar os efeitos do problema? Estão ao nosso alcance? A quem recorrer para essa solução imediata? Quem se responsabilizará pelas iniciativas e providências urgentes?

- Quais deveriam ser as medidas de maior alcance, mais profundas, talvez, mesmo a nível político, para a solução do problema? Como poderiam ser implementadas? Por quem? O que podemos fazer para que essas medidas mais eficazes sejam adotadas?

- O problema tem solução, total ou parcial? Ou será preciso aprender a conviver com ele?

5. CHEGAMOS AOS COMPROMISSOS

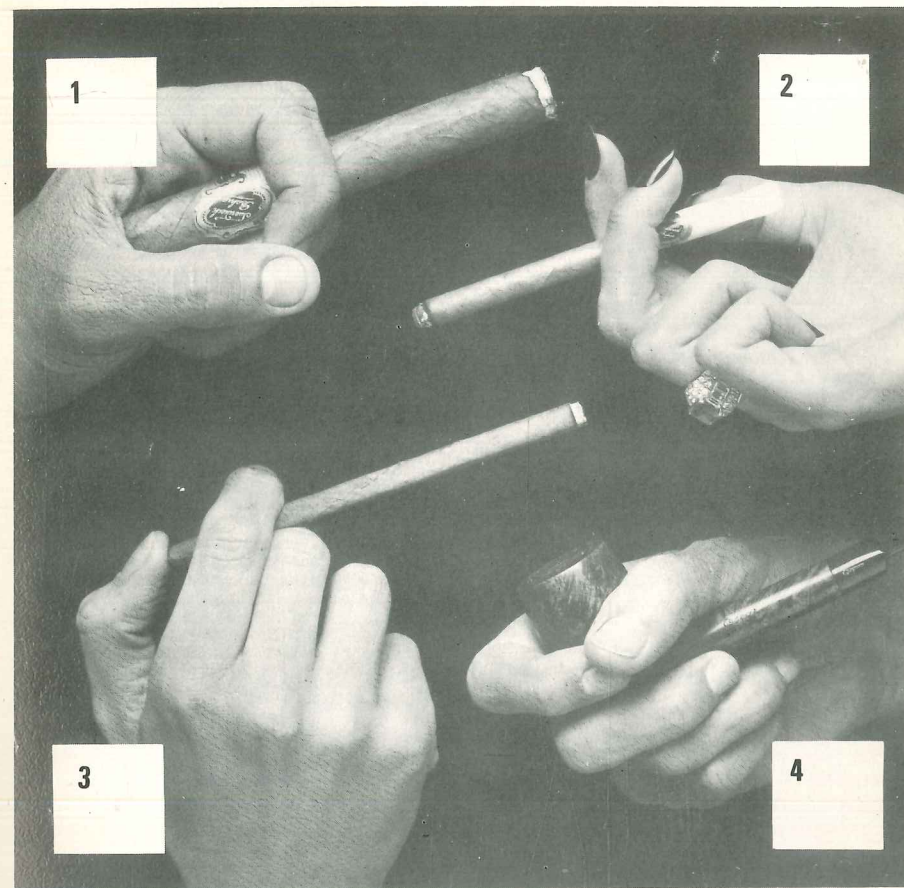
- O que cada um se compromete a fazer concretamente para a busca das soluções apontadas nesta reunião? Providências, atitudes e ações concretas, imediatas, e a médio ou longo prazo?

- Que relação esses compromissos têm com a espiritualidade cristã (seguimento de Jesus) e a edificação do Reino de Deus (a humanização do homem)? Como atua a graça de Deus para que tenhamos ânimo, coragem e perseverança na realização dos compromissos assumidos?

É momento propício à oração.

Um teste

Assinale com uma cruz o suicida mais inteligente, que com fina sabedoria escolheu a melhor maneira de encurtar a própria vida e prejudicar a dos outros.



Se você assinalar todas as quatro opções, você é decididamente mais inteligente que esses simpáticos suicidas.